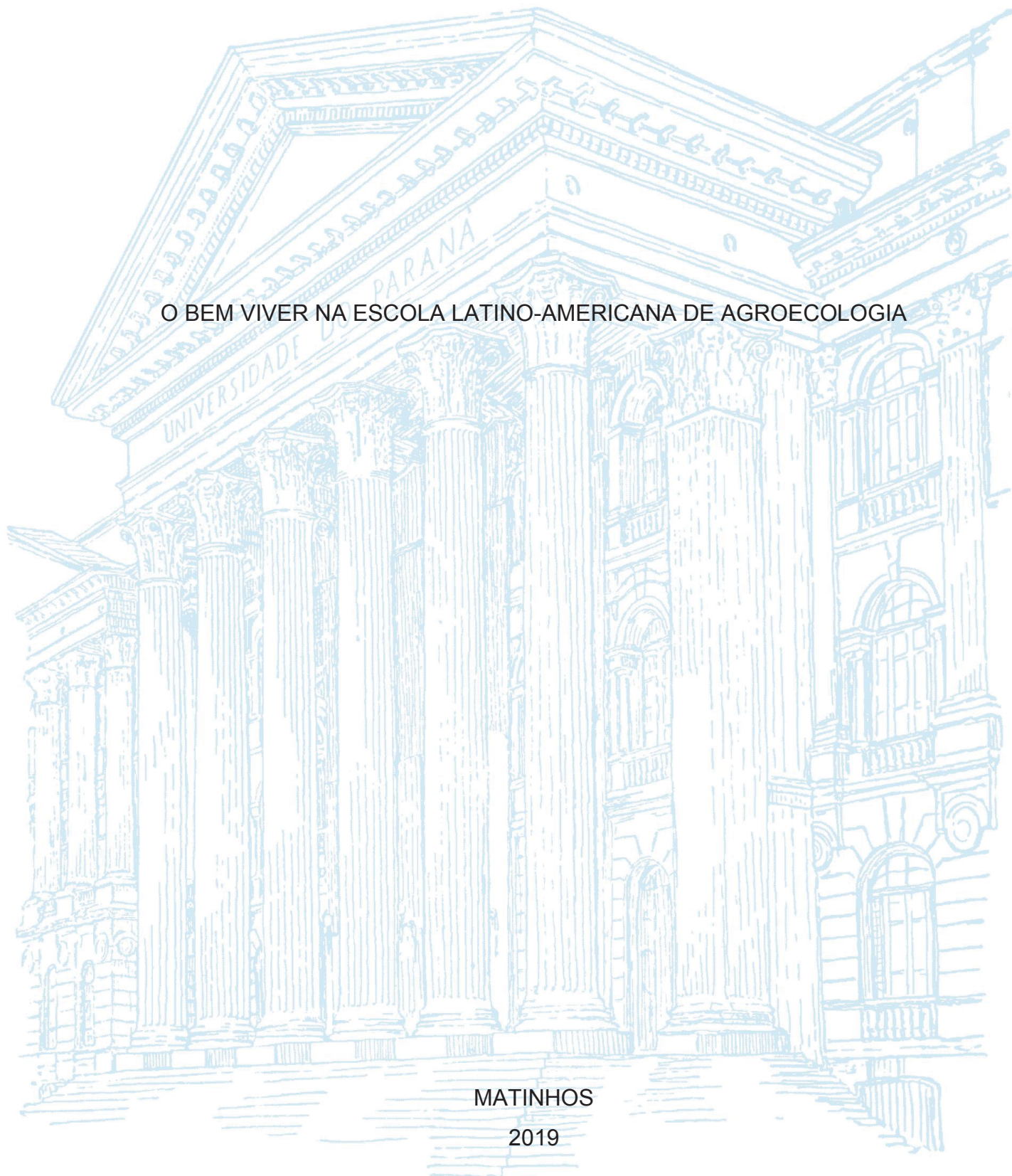


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIANDRA FRANCIELLI BINI JASKIW

O BEM VIVER NA ESCOLA LATINO-AMERICANA DE AGROECOLOGIA



MATINHOS

2019

ELIANDRA FRANCIELLI BINI JASKIW

O BEM VIVER NA ESCOLA LATINO-AMERICANA DE AGROECOLOGIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional Para o Ensino Das Ciências Ambientais, PROFCIAMB, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre no Ensino de Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de Carli Lautert

Co-orientadora: Profa. Dra. Claudemira Vieira Gusmão Lopes

MATINHOS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

J392b Jaskiw, Eliandra Francielli Bini
O bem-viver na escola latino-americana de agroecologia / Eliandra Francielli Bini Jaskiw ; orientador Luiz Fernando de Carli Lautert ; co-orientadora Claudemira Vieira Gusmão Lopes. – 2019.
162 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2019.

1. Escola latino-americana de agroecologia (ELAA). 2. Assentamento do Contestado. 3. Lapa (PR). 4. Agroecologia (América do Sul). I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 630.2745



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

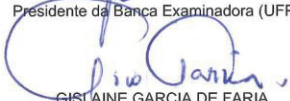
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ELIANDRA FRANCIELLI BINI JASKIW** intitulada: **O Bem Viver na Escola Latino Americana de Agroecologia.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 28 de Junho de 2019.


LUIZ FERNANDO DE CARLI LAUTERT
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


GISLAÏNE GARCIA DE FÁRIA
Avaliador Externo (UFPR)


HELENA MIDORI KASHWAGI
Avaliador Interno (UFPR)

Dedico esta pesquisa à minha família, cujo apoio e incentivo foram essenciais durante todo o processo. Em especial aos meus filhos amados, Isabella e Leonardo, que seja um exemplo para a continuidade de seus estudos. Ao meu marido Juliano, gratidão pelo companheirismo na caminhada. Aos meus pais, pela educação e apoio. Aos meus segundos pais, meus sogros, por todo apoio e dedicação. E aos meus irmãos, Eriéllen e Wesley (do coração), pelo presente que são em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer o dom da vida, é o início da minha felicidade ao concluir esta pesquisa. Gratidão a Deus, pois se estou aqui hoje, isso é um milagre Dele. Milagre na vida dos meus pais, Edson e Ema Bini, que tanto me desejaram e lutaram pela minha educação, que foi árdua e intensa, sofrida talvez. Por isso, dedico a eles todo este esforço pessoal e acadêmico e sou imensamente grata por cada marca da vida deles na minha. Dedico e agradeço a meus saudosos avós que, estejam onde estiverem, sei que estão orgulhosos pelo meu esforço e pelo título alcançado. O mérito do incentivo no processo da minha educação também é deles.

A família cresceu e meu marido tornou-se meu porto seguro. Gratidão, Juliano Jaskiw, por ter suportado as dificuldades e minha ausência neste período árduo de pesquisa. Foi mesmo intenso. Em amplos os aspectos. Por isso também sou grata aos meus filhos, Isabella e Leonardo, que passaram pelas lutas conosco, em busca de algo melhor num futuro próximo. Nesta rede de relações, lembrando um pouco os termos da pesquisa, num olhar holístico, a gratidão e os sentimentos mais bonitos nas relações que se construíram com meus segundos pais, Orlando e Eliane Jaskiw, meus sogros. Sem eles, nada disso seria possível. Minha irmã, Eriellen, e meu cunhado, Wesley, meu irmão do coração, merecem todo meu carinho pelo esforço e apoio igualmente.

Foram dias com a cabeça ausente da rotina, com pensamentos e ações exclusivamente acadêmicos. Muito mais do que isso, a ausência também foi física. As viagens e as estadias longe do nosso lar foram momentos de crescimento e amadurecimento pessoal para todos os envolvidos. Por isso, esta pesquisa é coletiva. Este título não é somente meu.

Devo expor minha profunda gratidão aos meus professores do Programa de Mestrado. Com muitos destes a relação progrediu para uma bela amizade, mas todos deixaram suas marcas em minha vida. Gratidão ao professor Luizão, Luiz Fernando de Carli Lautert, meu orientador, meu amigo, cujos textos e dicas me fizeram pensar muito, pesquisar além do tema, perder o sono literalmente. Muito além disso, apaixonar-me pela ciência. Gratidão professora Helena Midori Kashiwagi, cuja recepção na entrevista de seleção e na aula inaugural jamais será esquecida. A amiga protetora, dedicada, organizada que inspira estes adjetivos em minha vida também. Gratidão professor Ernesto Jacob Keim, por ensinar a duvidar e

fazer parte da minha metamorfose. Gratidão professora Claudemira Vieira Gusmão Lopes, por organizar meus pensamentos, indicar ótimas leituras e ser uma linda bióloga amiga no meu caminho. Gratidão professor Emerson Joucoski que inspira minha organização e metodologia. Gratidão professor Christiano Nogueira pelas leituras e críticas construtivas. Gratidão a todos os professores que fizeram deste curso um marco muito importante na minha vida pessoal e acadêmica. A metamorfose foi intensa e profunda realmente.

Gratidão aos amigos que incentivaram o processo desde o início. Elaine Ferreira, pelo apoio e incentivo intenso na seleção. Ângela Pimenta, pelas dicas de materiais e pelo incentivo de sempre. Eliana Lopes, Ademilson Leandro Gato, Márcia Nascimento, Maria de Lourdes Tessarolo de Almeida, Levi Silva, Denise Colatusso e todos os colegas e amigos que de alguma maneira sempre estiveram presentes incentivando. Aos grandes amigos Ananias Junior e família que são mais chegados que irmãos. Aos amigos do curso, que compartilharam sucessos e frustrações, dividiram histórias e confraternizaram momentos na sala, no RU, na praia e em todos os lugares. Porque qualquer lugar era espaço para discussão acadêmica e terapia ocupacional. Gratidão ao nosso grupo “de Curitiba” que tinha gente de todo lugar: São José dos Pinhais, Balsa Nova, Paranaguá, Guaratuba, Matinhos e até de outro estado, Santa Catarina e somente o Reard Michel realmente da nossa belíssima capital verde. Esta grande equipe fortaleceu os dias e ajudou a enfrentar as adversidades do caminho. Gratidão a irmã que a vida me deu neste processo, Renata Gerhardt.

Gratidão à toda comunidade do Assentamento do Contestado, em especial à Equipe do setor da educação e da ELAA. Vocês são o tesouro desta pesquisa. Um agradecimento especial à estudante denominada aqui Ayrampo que se tornou minha orientada no TCC devido as afinidades durante as vivências. Aprendi muito com sua sabedoria Quíchua.

Gratidão a equipe pedagógica e diretiva do Colégio Estadual Sagrada Família, nas pessoas das irmãs Lúcia Staron, Tereza Przepiura e da Mônica Vieira, por flexibilizarem meus horários, além do apoio e incentivo. Da mesma maneira, ao Colégio Estadual Agalvira Bittencourt, nas pessoas do diretor Alessandro Vieira e vice-diretor Cláudio Figura.

Gratidão imensa a todos os alunos e ex-alunos que acompanham minha caminhada, incentivando, apoiando e participando. Vocês são o real motivo de se pesquisar educação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA). Gratidão ao apoio recebido.

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes que a caridade.”

Paulo Freire

RESUMO

O Assentamento do Contestado, parte do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, localizado no município da Lapa- PR, conta com uma estrutura organizacional modelo. Dentro dele está a Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), recorte desta investigação. Neste território foi investigada a presença de convergências das práticas locais com os Princípios da Filosofia do Bem Viver, através da hipótese de similaridades com a Agroecologia que é a base daquela estrutura social. O Bem Viver se constitui como a filosofia de vida dos povos originários da América Latina e sua resistência ao modelo econômico hegemônico desenvolvimentista. Alberto Acosta é o autor que referencia tais princípios na obra que escreveu com o intuito de resgatar e difundir esta ideia. Esta pesquisa participante está organizada em três momentos: 1. Fase Exploratória; 2. Pesquisa de Campo; 3. Sistematização de Dados. Utilizou-se ferramentas etnográficas para coleta de dados durante as vivências. Além disso, para concretizar alguns dados, a Metodologia dos Mapas Mentais conjugada com a Entrevista Projetiva também fez parte dos instrumentos de coleta, interpretação e sistematização de dados. Todo o material coletado foi analisado e interpretado à luz do Pensamento Complexo. A interpretação das Homonímias Sígnicas dos Mapas Mentais fundamentou a maioria das interpretações e levaram a materialidade os resultados obtidos acerca de uma filosofia de vida, algo imaterial. As convergências da Agroecologia e do Bem Viver foram confirmadas, bem como a presença dos Princípios do Bem Viver na ELAA. A conjugação de metodologias subsidiou a concretização e valoração dos resultados deste tema sócio-ambiental subjetivo e abstrato.

Palavras-chave: Escola Latino-Americana de Agroecologia. Assentamento do Contestado. Princípios do Bem Viver. Pensamento Complexo. Homonímias Sígnicas.

ABSTRACT

The Contestado Settlement, part of the Landless Workers Movement, located in the city of Lapa-PR, has a model organizational structure. Within it is the Latin American School of Agroecology (ELAA), clipping of this investigation. In this territory was investigated the presence of convergences of local practices with the Principles of Philosophy of Well Living, through the hypothesis of similarities with the Agroecology that is the basis of that social structure. Well Living is the philosophy of life of the peoples of Latin America and their resistance to the hegemonic developmental economic model. Alberto Acosta is the author who references these principles in the work he wrote in order to rescue and spread this idea. This participant research is organized in three moments: 1. Exploratory Phase; 2. Field Research; 3. Systematization of Data. Ethnographic tools were used to collect data during the experiences. In addition, to concretize some data, the Mind Map Methodology in conjunction with the Projective Interview was also part of the data collection, interpretation and systematization instruments. All material collected was analyzed and interpreted in the light of Complex Thought. The interpretation of the Mind Map Signal Homonyms was based on most of the interpretations and materialized the results obtained from a somewhat immaterial philosophy of life. The convergence of Agroecology and Well Living has been confirmed, as well as the presence of the Well Living Principles at ELAA. The combination of methodologies supported the achievement and valuation of the results of this subjective and abstract social-environmental theme.

Keywords: Latin American School of Agroecology. The Contestado Settlement. Principles of Well Living. Complex thinking. Signics Homonyms.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - A AUTORA	16
FIGURA 2 - ARTE NA PAREDE DO REFEITÓRIO DA ELAA SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS	27
FIGURA 3 - ARTE NA PAREDE DO SETOR PEDAGÓGICO DA ELAA: RESISTÊNCIA AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO	32
FIGURA 4 - PRINCÍPIOS DO BEM VIVER	52
FIGURA 5 - ESTUDANTES DA ELAA NO TEMPO TRABALHO NA AGROFLORESTA.....	75
FIGURA 6 – AGROFLORESTA DO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO	78
FIGURA 7 - ENTRADA DO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO	79
FIGURA 8 - PLENÁRIA DA ELAA (EL SPACIO).....	83
FIGURA 9 - TERRITÓRIO DA PESQUISA	83
FIGURA 10 - QUADRO INTERNO NA ELAA DE AUTORIA DO INTEGRANTE DO MST ACIR BATISTA DA ESCOLA MILTON SANTOS	84
FIGURA 11 - FACHADA DO SETOR PEDAGÓGICO DA ELAA	85
FIGURA 12 - ORIGEM DOS ESTUDANTES DA AMOSTRAGEM DA PESQUISA ..	88
FIGURA 13 - MAPA CONCEITUAL SOBRE A ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	89
FIGURA 14 - MAPA MENTAL 1	102
FIGURA 15 - MAPA MENTAL 2	103
FIGURA 16 - MAPA MENTAL 3	104
FIGURA 17 - MAPA MENTAL 4	105
FIGURA 18 - MAPA MENTAL 5	106
FIGURA 19 - MAPA MENTAL 6	107
FIGURA 20 - MAPA MENTAL 7	108
FIGURA 21 - PAINEL COMEMORATIVO NA ENTRADA DO ASSENTAMENTO ..	110
FIGURA 22 - ESCOLA ESTADUAL DO CONTESTADO – LOCAL DAS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS E REUNIÕES	111
FIGURA 23 - PLENÁRIA DA ELAA – ESPAÇO DE APRENDIZAGEM	113
FIGURA 24 - FORMATURA DA MANHÃ	114
FIGURA 25 - PREPARATIVOS PARA O ALMOÇO	114
FIGURA 26 - PREPARO DA TERRA NA AGROFLORESTA.....	114

FIGURA 27 - DOAÇÃO DE LIVROS	114
FIGURA 28 - ESTUDANTES PRODUZINDO OS MAPAS MENTAIS	115
FIGURA 29 - MAPA MENTAL 1 (M1).....	121
FIGURA 30 - MAPA MENTAL 2 (M2).....	123
FIGURA 31 - UM PEQUENO CICLO AGROECOLÓGICO NA ELAA: SER HUMANO- PACHAMAMA	125
FIGURA 32 - MAPA MENTAL 3 (M3).....	127
FIGURA 33 - MAPA MENTAL 4 (M4).....	129
FIGURA 34 - MAPA MENTAL 5 (M5).....	130
FIGURA 35 - MAPA MENTAL 6 (M6).....	132
FIGURA 36 - MAPA MENTAL 7 (M7).....	134
FIGURA 37 - PRIMEIRA SISTEMATIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER	137
FIGURA 38 - PRINCÍPIOS DO BEM VIVER À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO	138

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CATEGORIZAÇÃO DOS ÍCONES DOS MAPAS MENTAIS	109
QUADRO 2 - AS HOMONÍMIAS SÍGNICAS E OS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER .	119

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CUT	- Central Única dos Trabalhadores
ELAA	- Escola Latino- Americana de Agroecologia
EUA	- Estados Unidos da América
FETRAF	- Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar
FMI	- Fundo Monetário Internacional
INCRA	- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LECAMPO	- Licenciatura em Educação do Campo
MST	- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PR	- Paraná
PROFCIAMB	- Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais
SP	- São Paulo
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

MEMORIAL DA PESQUISADORA	16
1 INTRODUÇÃO	21
1.1 JUSTIFICATIVA	23
1.2 PROBLEMA	24
1.3 OBJETIVOS	25
1.3.1 Objetivo geral	25
1.3.2 Objetivos específicos.....	25
2 O BEM VIVER.....	27
2.1 CONTEXTUALIZANDO A ORIGEM.....	27
2.1.1 Reconceituando o desenvolvimento convencional	28
2.1.2 Superando o Capitalismo e a modernização.....	32
2.1.3 Desconstrução da matriz colonial.....	37
2.2 A FILOSOFIA DO BEM VIVER	39
2.2.1 Os povos originários da América Latina	43
2.2.2 Bem Viver e Viver Bem	47
2.2.3 Princípios do Bem Viver	50
2.3 TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER	52
2.3.1 O território e a <i>Pachamama</i>	53
2.3.2 O território na perspectiva da Cosmovisão.....	54
2.3.3 O território e a identidade cultural	55
3 BEM VIVER SOB À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO	56
3.1 CONCEITUANDO O PENSAMENTO COMPLEXO	57
3.1.1 Histórico da origem do pensamento complexo.....	58
3.1.2 O pensamento sistêmico- complexo	59
3.1.3 A teoria da complexidade	61
3.2 O PENSAMENTO COMPLEXO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO	64
3.2.1 O pensamento complexo e a reforma do ensino.....	64
3.2.2 Uma pedagogia da complexidade	66
3.2.3 Autonomia e emancipação do educando	70
3.3 O BEM VIVER E APROXIMAÇÕES COM A AGROECOLOGIA.....	72
3.3.1 Descrevendo a Agroecologia na abordagem sistêmica.....	73
3.3.2 Agroecologia e a superação de padrões de desenvolvimento	74

3.3.3 Agricultura sustentável e a compreensão holística dos agroecossistemas	76
4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	79
4.1 HISTÓRICO DO MST NO PARANÁ E DO ASSENTAMENTO CONTESTADO .	79
4.2 A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE AGROECOLOGIA	82
5 ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA	88
5.1 FASE EXPLORATÓRIA	90
5.2 PESQUISA DE CAMPO	91
5.3 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS.....	92
6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	93
6.1 A FASE EXPLORATÓRIA.....	93
6.2 PESQUISA DE CAMPO	95
6.3 SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS	99
6.3.1 Os Mapas Mentais:	102
7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	110
7.1 VIVÊNCIAS DE RECONHECIMENTO	110
7.2 ANÁLISE DAS HOMONÍMIAS SÍGNICAS DOS MAPAS MENTAIS	117
7.3 INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS PROJETIVAS.....	120
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
8.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	142
8.2 CONTRIBUIÇÕES DA AUTORA.....	143
REFERÊNCIAS.....	144
APÊNDICE 1 - PROTOCOLO DE APLICAÇÃO DA PESQUISA.....	151
APÊNDICE 2 – VÍDEO “O BEM VIVER NO BRASIL”	161

MEMORIAL DA PESQUISADORA

FIGURA 1 - A AUTORA



FONTE: A autora (2018)

Atualmente trabalho na Rede Pública do Estado do Paraná, como professora de Biologia no Ensino Médio. Quando iniciei minha carreira como docente cursei magistério em um colégio público e sempre fui apaixonada pela educação. Iniciei minhas atividades pedagógicas como professora de inglês em 1995. Em 1998, já trabalhava com ensino fundamental e médio ainda na disciplina de inglês. Nesse mesmo ano ingressei no curso de Ciências Biológicas. Após a formatura, em 2003, fui aprovada no concurso da Secretaria de Educação do Estado do Paraná e comecei a lecionar a disciplina de Biologia. Desde então, desenvolvo várias atividades práticas acerca das questões ambientais relacionadas com os conteúdos. Muitas delas têm como espaço de estudo e pesquisa parques da cidade. Também já realizei atividades ambientais em viagens com os estudantes para estudo do meio em diferentes locais do Paraná e de outros Estados.

Em 2005, iniciei o curso de pós-graduação *lato sensu* em uma instituição federal na área de Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento e realizei pesquisa de campo sobre o Ecoturismo como promovedor de Educação Sócio- Ambiental em Cananéia- SP. Durante a pesquisa, também trabalhei como auxiliar dos guias turísticos. Passei, então, a trabalhar com Educação Ambiental em Curitiba. A disciplina de “*Environmental Education*” acontecia no ensino bilíngue em inglês. Nas aulas eram feitas atividades lúdicas e práticas sobre as questões sócio- ambientais,

pois a escola possuía mata nativa preservada, além do espaço destinado exclusivamente às atividades ambientais. Estas experiências, em uma perspectiva de educação relacionada ao ecoturismo e a outra de educação formal em investigação ambiental marcaram meu trabalho e minha experiência nessa área.

Desta forma, como docente procuro relacionar os conteúdos às questões ambientais, analisando os problemas de forma sistêmica. Segundo Capra (1996, p. 23) em suas afirmações, a maioria dos problemas ambientais são “frutos de uma crise de percepção, pois as pessoas tendem a ter uma percepção de mundo diferente do mundo real, globalmente interligado.”

Assim, no meu trabalho docente procuro desenvolver práticas investigativas que estimulem a pesquisa, valorizando os saberes dos alunos e que contribuam para eles analisarem as situações ambientais dentro de uma visão holística. Nesse sentido, o papel do professor transcende o espaço físico da sala de aula e estende-se para as mídias sociais. Na educação básica e, principalmente na escola onde atuo, a situação socioeconômica dos estudantes permite que a maioria deles tenha acesso à internet e a “*smartphones*” equipados com redes sociais e aplicativos. Isso permite que tenhamos uma comunicação para além do espaço da sala de aula a fim de esclarecer dúvidas ou de resolver desafios e atividades, como, buscas por novas descobertas científicas, postagens de fotos, produção de vídeos e entrevistas com outros profissionais.

Inicialmente tive problemas de aprendizagem e embates e discussões causadas pelo poder de atração da atenção dos *smartphones*, que tornam os estudantes desligados e desatentos à aula e às atividades propostas. Depois de muito refletir, ler sobre o assunto, conversar com colegas sobre o assunto e testar várias metodologias, busco aplicar atividades que não somente o conteúdo de Biologia previsto nas Diretrizes Curriculares de Biologia (PARANÁ, 2009) e associados às questões ambientais, mas também a pesquisa a partir de seus saberes e aliar isso ao uso das tecnologias, caracterizando as atividades como desafiadoras. Desta forma, percebo que obtenho mais êxito nas produções e nas indagações e questionamentos em sala e fora dela.

Em 2017, parti em busca de um programa de mestrado para amadurecer, atualizar e aprofundar meus saberes. Passei pela seleção em dois programas de mestrado, porém este me chamou a atenção pela interdisciplinaridade e pelas relações humanizadoras percebidas desde o processo seletivo, por isso esta foi

minha escolha. Já selecionada neste programa de pós-graduação, a primeira sensação foi de imensa alegria, mas ao mesmo tempo de dúvidas sobre minha real capacidade de produção acadêmica. Então, mesmo com 40 horas semanais de atividades laborativas, minha dedicação foi intensa. Assumi o papel de discente representante da turma e participei e, ainda participo das reuniões do colegiado e das tomadas de decisões que cabem a minha participação.

As reflexões realizadas ao longo deste curso de mestrado modificaram profundamente o meu ser. Não somente minhas práticas pedagógicas, como talvez fosse o objetivo. As discussões acerca das questões sócio-ambientais na perspectiva sistêmica, os encaminhamentos metodológicos diferenciados, as referências teóricas sugeridas me tiraram da zona de conforto de tal forma que desde os primeiros encontros aqueles que me cercam tecem comentários. É muito gratificante ouvir de alunos e colegas relatos sobre um amadurecimento profissional que talvez não tivesse acontecido sem o incentivo de profissionais como o de nossos professores estimados do programa.

O PROFCIAMB metamorfoseou-me pessoalmente e, em consequência disso, profissionalmente também. As metodologias ativas estão cada vez mais presentes em minhas práticas, com reflexões embasadas nas propostas freirianas para a emancipação da vida. Uma abordagem de ensino da Biologia dentro da visão sistêmica planetária na busca das aprendizagens significativas são a motivação na minha rotina de trabalho.

A humanização e os sentimentos foram intensamente vivenciados pela minha turma no curso, que mostrou-se unida e envolvida entre os discentes e docentes. Nesta mistura de sentimentos, meu gosto pelas questões sócio-ambientais foram intensificados e procurei um espaço novo e desafiador para minha pesquisa, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e uma teoria que me encantou pela profundidade de sentidos e conexões, a filosofia do Bem Viver. Minhas vivências no Assentamento do Contestado, com experiências *in loco*, despertaram-me algumas inquietações que me levaram a problematizar se os princípios adotados no ensino de Agroecologia, na ELAA, teriam convergência com os princípios do Bem Viver e como poderiam articular-se à luz do pensamento complexo. Além disso, tanto o território desta pesquisa quanto a filosofia do Bem Viver estão sob uma perspectiva que vai na contramão da colonização e da barbárie e valorizam os saberes e as lutas dos povos sul-americanos.

A produção acadêmica e o trabalho coletivo foram intensamente incentivados e, ao longo do processo participei dos seguintes eventos:

1 - Curso de Introdução à Análise do Professor: dilemas, conflitos e possibilidades do metiér – Professora Dra Flávia e Professor Dr Emanuel Flores Lesama - 30 horas

2 - Curso Educação Ambiental e Água – Ministério do Meio Ambiente – 60 horas

3 - Palestra com Professora Dra Maria Adélia Aparecida de Souza, colega do professor Milton Santos – 4 horas

4 - III CONANE CAIÇARA – 24 horas – participante ouvinte

5 - III Seminário de Integração da Rede Profciamb- Belém- UFPA

A – Apresentação Oral - O BEM VIVER E A EDUCAÇÃO: VIVÊNCIAS NO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO-PR. (autora com Renata Gerhardt e Luiz Lautert)

B – Apresentação Oral – O BEM VIVER MBYA GUARANI COMO CONCEPÇÃO DE VIDA: A ÁGUA E SEU SIGNIFICADO. (autoria de Renata Gerhardt, Eliandra Jaskiw e Ernesto Jacob Keim)

C – Pôster - ETNOGRAFIA DA PESCA EM MATINHOS: A COMUNIDADE PESQUEIRA E O PERTENCIMENTO AO TERRITÓRIO (autora com Renata Gerhardt, Eduarda Cristina Poletto Gonçalves, Cliciane de Souza Meduna, Eduardo Hardere Ana Elisa de Castro Freitas)

D – Pôster - EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS DO CAMPO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COM O LUGAR (autoria de Cliciane de Souza Meduna, Helena Kashiwagi, Juliana Niesborki, Maria da Graça Lopes, Luciane Bonafini, Antonio Nunes Neto, Educarda Gonçalves, Claudemira Lopes, Eliandra Jaskiw e Renata Pereira Gerhardt.

E - Pôster - ANALISANDO A SAÚDE E O LAZER DAS POPULAÇÕES DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO LITORAL DO PARANÁ- RELATO DAS AULAS DE CAMPO (autoria de Eduarda Cristina Poletto Gonçalves, Reard Michel dos Santos, Suellen Marques Nascimento Munster de Ol, Thaís da Silva Souza, Renata Gerhardt, Eliandra Francielli Bini Jaskiw, Luiz Lautert, Helena Kashiwagi, Cliciane Meduna e Luzia de Souza)

6 - VII SEPIN – Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação - IFPR Paranaguá: Pôster: ASSENTAMENTO DO CONTESTADO- PR: CONVERGÊNCIAS COM O BEM VIVER (com Luiz Lautert)

7 – EDEA – Encontros e Diálogos com a Educação Ambiental – FURG – RS

A- Apresentação Oral: Educação Ambiental e ensino de Botânica: da percepção e conhecimento para sensibilização e ação (com Luiz Lautert e Renata Gerhardt)

B- Pôster: Educação Ambiental Crítica e a desmercantilização da Natureza (autoria de Eliandra Francielli Bini Jaskiw, Luiz Fernando Lautert, Juliano Ferreira de Moraes, Reard Michel dos Santos, Maurício de Souza)

C- Apresentação Oral: O território Mbya Guarani como espaço exclusão (autoria de Renata da Silva Gerhardt Pereira, Ernesto Jacob Keim e Eliandra Francielli Bini Jaskiw)

8 – Palestrante na Faculdade Cenecista Presidente Kennedy (Campo Largo -PR) sobre Educação e Sustentabilidade – Educação e Consumo

9 – Palestrante no Colégio Estadual Agalvira Bittencourt (Araucária – PR) sobre Ergonomia do Trabalho do Professor

10 – EGAL – XVII Encontro de Geógrafos da América Latina - abril de 2019 – artigos: Em busca do Bem Viver Brasileiro no MST e Percepção da Poluição Atmosférica em Paranaguá

11- Grupo de Pesquisa Laboratório Móvel de Educação Científica (coordenador Prof Dr Rodrigo Reis) da UFPR Litoral – Projeto de Pesquisa sobre a Percepção da Poluição Atmosférica em Paranaguá

12- Grupo de Pesquisa DEMA – Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR) – coordenador professor Dr Valdir Frigo Denardin

13- Tutoria nas aulas de campo dos cursos de licenciatura em Ciências e Geografia com o Professor Dr Luiz Lautert

14- Pesquisa coletiva com o professor Dr Luiz Lautert sobre Educação para o Planeta no curso de licenciatura em Ciências

1 INTRODUÇÃO

No Brasil e na maioria dos países do planeta, vivemos um contexto de formação social capitalista, incentivadora da acumulação de bens e do consumo desenfreado como sinônimo de qualidade de vida. Porém, como destacou Diamond (2007) em seus estudos de civilizações do passado, alguns caminhos que as sociedades escolheram possibilitaram o fracasso ou o sucesso de sua própria sobrevivência.

A exploração sem limites dos recursos naturais e o mal gerenciamento dos ecossistemas é evidente nas sociedades atuais, onde observa-se o imediatismo nas decisões tomadas e à espera da auto-regulação do equilíbrio ecossistêmico.

É urgente uma mudança de pensamento e, isso passa por uma transformação profunda de nós mesmos, os sujeitos de transformação das nossas realidades. A sociedade, em sua totalidade, deve estar envolvida e os saberes dos povos devem ser valorizados se quisermos construir uma sociedade inclusiva e diversa. Esse processo de uma nova estruturação social acontecerá, provavelmente, começando por pequenos grupos de pessoas, onde adquirir-se-á experiências baseadas nas tentativas bem-sucedidas e frustradas, para então ser difundido a grupos maiores.

O Bem Viver é um movimento que surgiu nas civilizações originárias de alguns países da América do Sul e mostra-se como um movimento de resistência ao modelo colonizador de sociedade a partir da visão cosmológica dos indígenas, e, que pode ser uma alternativa à vida social que interpreta o homem como parte da natureza e inclui novas rotinas e interpretações dos recursos naturais e sua utilização. *Buen Vivir*, na língua nativa, é mais que uma concepção filosófica. É uma nova concepção de vida, um paradigma ainda em construção ou descobrimento. Nessas interpretações do Bem Viver, inclui-se a busca pela equidade e igualdade tanto nas relações sociais como na distribuição dos recursos. O Bem Viver propõe essa ruptura com a visão antropocêntrica e androcêntrica do “homem- natureza”. (REVISTA EDUCACION E BUEN VIVER, 2012).

O equatoriano Alberto Acosta (2011), um dos responsáveis por incluir o Bem Viver nos Direitos da Natureza na Constituição de seu país, resgata o conceito de *sumak kawsay*, de origem *kíchwa*, propondo a ruptura civilizatória através da ideologia do Bem Viver rumo a reconstrução de uma sociedade sustentável e

solidária. Esta proposta quebra paradigmas nascidos a partir da busca constante do desenvolvimento. Ela propõe uma comunhão entre “Humanidade e Natureza”, uma tarefa descolonizadora, revalorizando as diversidades nos modos de vida e na cultura que foram homogeneizados no processo de colonização em nosso continente. Não se trata, portanto, de renunciar todo o legado científico para nos refugiarmos em irracionalismos políticos.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com representatividade na Lapa através do Assentamento do Contestado, constitui-se como um movimento de resistência ao capitalismo e de militância, ao mesmo tempo, no sentido de difundir suas práticas. Tal Assentamento constitui o local de estudo desta pesquisa, mais especificamente na Escola Latino-Americana de Agroecologia, existente nesse território, por acreditar ser possível identificar, nas relações ambientais desse espaço de educação em agroecologia, ideias convergentes com o Bem Viver à luz do Pensamento Complexo.

A Escola Latino-Americana de Agroecologia recebe estudantes de diversos países da América Latina e propicia o encontro plurinacional e pluricultural que o próprio autor do Bem Viver propõe. Além disso, a agroecologia surge como uma perspectiva epistemológica desafiadora pela necessidade de integrar os saberes técnico-científicos com os saberes camponeses. Caporal (2009) afirma que esta ciência exige um enfoque holístico e uma abordagem sistêmica, indo para além do paradigma da simplificação. Por isso, o pensamento complexo dará suporte nas relações que serão traçadas entre os princípios do Bem Viver e os aspectos da agroecologia no espaço de educação da ELAA.

Sendo assim, esclarece-se que o objetivo principal deste trabalho é identificar as convergências dos princípios do Bem Viver na Escola Latino-americana de Agroecologia, à luz do pensamento complexo.

Em relação ao Bem Viver e Educação, alguns críticos analisam as situações e condições educativas utilizando-se do pensamento sistêmico e complexo, levando em consideração novos paradigmas educativos, o progresso em termos de acesso e qualidade, suas demandas, expectativas e necessidades. (REVISTA EDUCACION E BUEN VIVER, 2012).

Na educação, o Bem Viver reivindica um outro sistema educativo, com uma escola diferente da que se tem hoje e com oportunidades educativas que a transcendem. Esta é a “sociedade de aprendizagem” como um caminho que supera

a “sociedade do conhecimento”. Esta linha de pensamento adverte que as soluções para o colapso anunciado estão nos setores da educação e da política, bem como em outras instâncias da sociedade através de novas articulações entre o Estado e a sociedade civil. (REVISTA EDUCACION E BUEN VIVER, 2012).

Quem vive na prática a educação popular e libertária, acredita que a educação pode construir um mundo melhor, mais justo e igualitário para todos que vivem nele.

1.1 JUSTIFICATIVA

O Assentamento do Contestado, no município da Lapa- PR, foi o território escolhido por esta pesquisadora por representar um contexto histórico de relevante importância para a sociedade em que se vive atualmente. Nas terras da antiga Fazenda Santa Amélia do Brasil Colonial ainda existem ruínas remanescentes do povo escravizado. Em 7 de fevereiro de 1999 mais de 52 famílias ocuparam essas terras, com área de pouco mais de 3000 hectares situado totalmente na Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana, por isso 1240 hectares são de áreas de proteção ambiental. Organizados pelo MST, os camponeses representam a resistência e a luta dos povos originários, e representam nesta pesquisa relevante importância ao que concerne a assuntos referente à processos de decolonização e resistência aos modelos de desenvolvimento, além dos processos de relacionamento com a mãe terra, ou, como será denominada aqui, a *Pachamama*. Acosta alerta sobre as dificuldades de se construir o Bem Viver em comunidades imersas no capitalismo (ACOSTA, 2011), porém, na ELAA encontram-se aspectos do Bem Viver, através da resistência ao pensamento colonial, bem como o enfrentamento a partir de ações políticas e ideológicas e das reflexões sobre a agroecologia lá estabelecidas. Os processos agroecológicos que são estudados e praticados a partir da Escola Latino-Americana de Agroecologia apresentam conexões com a proposta do Bem Viver, fato este que motiva o estudo de tais filosofias neste território em busca de dados empíricos sobre novas propostas de emancipação da vida para a sociedade contemporânea.

Uma busca na literatura evidenciou que os trabalhos nesta área são incipientes. A filosofia que embasa este modelo de desenvolvimento, amplamente debatida no livro O Bem Viver, escrito pelo equatoriano Alberto Acosta no ano de

2016, é uma filosofia dos povos originários da América Latina, recentemente discutida pela academia e ainda não tão difundida. Esta filosofia tem convergência com aspectos do pensamento complexo e seus princípios estruturantes podem ser encontrados na Escola Latino-americana de Agroecologia. Além disso, os processos agroecológicos apresentam similaridades e serão analisados através da convivência desta pesquisadora na instituição de ensino em questão. Assim sendo, este estudo é relevante para a academia, pois buscará aproximar as relações entre os princípios do Bem Viver e da Agroecologia à luz do pensamento complexo neste espaço de educação que é a ELAA.

Justifica-se a escolha da ELAA como espaço da pesquisa com fundamentação no autor do livro Bem Viver, reforçando a ideia de que essa essência filosófica se aplica a tudo aquilo que é relativo a uma população originária no território em que habita. Nela busca se conhecer as tradições organizativas das civilizações anteriores à aparição do Estado Moderno. Culturas que sobrevivem à expansão colonizadora e que constroem uma vida em harmonia dos seres humanos consigo mesmos, com seus congêneres e com a Natureza. (ACOSTA, 2011). As reflexões realizadas ao longo do processo de construção desta pesquisa acerca do processo histórico de colonização e de decolonização, das concepções de educação emancipatória, bem como das relações agroecológicas e do Bem Viver pautadas no pensamento complexo fazem parte da metamorfose do ser desta pesquisadora, tornando assim, esse processo relevante não só para a vida profissional, mas também pessoal.

1.2 PROBLEMA

A investigação aconteceu na Escola Latino-Americana de Agroecologia, inserida no Assentamento do Contestado, no município da Lapa-PR e as questões que embasam o trabalho são:

Existem convergências entre os princípios do Bem Viver e os da Agroecologia na ELAA? Como eles se articulam à luz do pensamento complexo? Como isso está presente na ELAA?

1.3 OBJETIVOS

Os princípios da filosofia que surge na América Latina, denominada O Bem Viver, serão pesquisados com a finalidade de serem identificados na Escola Latino-Americana de Agroecologia inserida no Assentamento do Contestado, no município da Lapa-PR.

1.3.1 Objetivo geral

A Escola Latino-Americana (ELAA) oferece o curso de Agroecologia e recebe estudantes de toda a América Latina oriundos de movimentos sociais. Sabendo-se que a Agroecologia é uma ciência que busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo a compreensão e análise crítica do atual modelo de desenvolvimento e de agricultura, e que o Bem Viver é um novo paradigma que surge para romper com o atual modelo de desenvolvimento econômico pautado em alguns princípios, o objetivo deste estudo é:

- Identificar os princípios do Bem Viver no Ensino da Agroecologia da Escola Latino-Americana de Agroecologia à luz do pensamento complexo.

1.3.2 Objetivos específicos

A. Analisar as atividades didático- pedagógicas do curso de Agroecologia da ELAA, turma 2016, que se aproximam com os princípios do Bem Viver.

B. Dialogar os fundamentos da Agroecologia com o Bem Viver e o Pensamento complexo.

C. Apresentar as articulações entre os aportes teórico- metodológicos para realizar a pesquisa de campo, coleta de dados e interpretações.

D. Elaborar um produto Protocolo de Aplicação e um vídeo para instrumentalizar os professores para o trabalho com a temática das Ciências Ambientais.

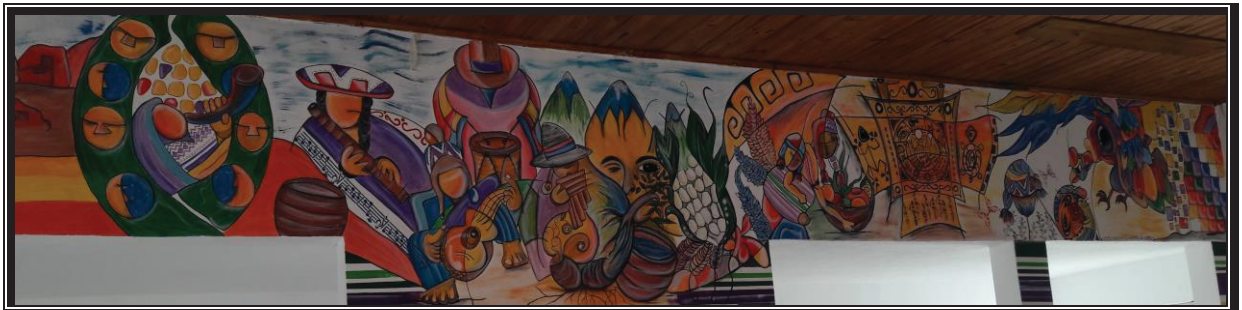
“Desde meados do século 20, um fantasma ronda o mundo. Esse fantasma é o desenvolvimento. Apesar de a maioria das pessoas seguramente não acreditar em fantasmas, ao menos em algum momento acreditou no “desenvolvimento”, deixou-se influenciar pelo “desenvolvimento”, perseguiu o “desenvolvimento”, trabalhou pelo “desenvolvimento”, viveu do “desenvolvimento”. E é muito provável que continue assim. (ACOSTA, 2011, p. 43).

2 O BEM VIVER

O Bem Viver é a filosofia de vida dos povos originários latino-americanos que foi descrita na obra de Alberto Acosta (2011) e é parte fundamental do aporte teórico desta pesquisa. Este modelo que vem sendo resgatado como uma ruptura com o atual modelo econômico desenvolvimentista, procura compreender as diferentes formas de relacionar-se com o meio natural, baseado na cosmovisão de cada povo originário, sejam indígenas, como costuma-se generalizar as diferentes etnias existentes no continente Latino-Americano, sejam as etnias que para ele foram trazidas como mão de obra escrava, como os africanos que trouxeram consigo seus ritos e sua cultura. A partir deste modelo originário de se viver, visto pelos colonizadores como primitivo, surge uma esperança para novos formatos de uma sociedade com práticas mais sustentáveis.

2.1 CONTEXTUALIZANDO A ORIGEM

FIGURA 2 - ARTE NA PAREDE DO REFEITÓRIO DA ELAA SOBRE OS POVOS ORIGINÁRIOS



FONTE: A autora (2018)

O Bem Viver é uma proposta filosófica que surgiu a partir do resgate das filosofias de vida dos povos originários da América Latina e das relações sócio-ambientais que se constrói nessas comunidades, ao mesmo tempo imersas no capitalismo e resistentes a ele em muitos aspectos. A obra no refeitório da ELAA expressa a filosofia de vida destes povos e remete ao resgate de sua cosmovisão.

Esta filosofia visa promover uma descolonização ou uma desobediência epistêmica. (MIGNOLO, 2008). É em busca de uma proposta do bem comum, de novos padrões de relacionamentos sócio-ambientais e de uma ruptura com o

modelo de desenvolvimento econômico imposto que surge a proposta da filosofia do Bem Viver que será apresentada nesta pesquisa.

2.1.1 Reconceituando o desenvolvimento convencional

Podemos observar uma postura de dominação da natureza desde a passagem bíblica descrita em Gênesis (1: 26-28) que coloca o ser humano como criação divina que deve multiplicar-se e dominar sobre toda forma de vida presente na Terra.

A partir de 1492, quando a Espanha chegou para dominar a região que passou a se chamar América, se impôs um imaginário para legitimar a superioridade do europeu, o “civilizado”, sobre a inferioridade de outro, o “primitivo”. Ele explica, desta forma, a origem da colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser. Tais ideologias estão presentes até nossos dias, em nossa organização do mundo na Modernidade. Neste contexto expansionista, a Europa consolidou a imagem do ser humano falando por fora da Natureza. “Definiu-se a Natureza sem considerar a Humanidade como sua parte integral”. Como o ser humano, nesta visão, é um ser superior, esquecendo-se que também somos seres naturais, abriu-se o caminho para a dominação e manipulação da Natureza. (ACOSTA, 2011).

O filósofo renascentista Francis Bacon fez a seguinte reivindicação: “Que a ciência torture a Natureza assim como faziam os inquisidores do Santo Ofício com seus réus, para conseguir revelar até o último de seus segredos”. Tal ansiedade manifestada por Bacon pode ser percebida nas consequências vividas até os dias atuais. Mas não foi somente este filósofo renascentista que ajudou a consolidar a exploração da natureza. (TURATO, 2003).

Um dos mais importantes racionalistas europeus, René Descartes, anunciava que o Universo é uma grande máquina submetida a leis e que tudo acabava reduzido a matéria e movimento. Este europeu defendia a ideia de que o ser humano deve converter-se em dono e possuidor da Natureza. E assim, outros filósofos baseados na fonte cartesiana, influenciaram o desenvolvimento das ciências, da tecnologia e das técnicas. (TURATO, 2003)

Por outro lado, Cristóvão Colombo foi o proponente da dominação colonial. Com intenções de exploração dos recursos naturais aqui existentes, Colombo abriu

as portas para a conquista e a colonização em nome do poder imperial e da fé. Foi um duro processo de exploração não somente dos recursos naturais, mas também dos seres humanos, os indígenas e, mais tarde africanos, que foram muito importantes no processo de industrialização. Foi uma exploração dos recursos naturais sem misericórdia, com a destruição e genocídio de muitas culturas e civilizações. (ACOSTA, 2011).

Neste sentido, a exploração humana envolvia roubo, saque, superexploração da mão de obra, além da introdução de novas enfermidades. Ainda hoje, aceita-se a ideia de que o extrativismo serve como fonte de financiamento para o desenvolvimento. (ACOSTA, 2011).

“Desde então, para sentar as bases do mercado global, forjou-se um esquema extrativista de exportação da Natureza nas colônias em função das demandas de acumulação do capital nos países imperiais, os atuais centros do então nascente sistema capitalista.” (ACOSTA, 2011, p. 57).

Leonardo Boff (1992) interpreta a conquista e a colonização como um ato extremamente violento na perspectiva da submissão de um povo a outra cultura, outra memória, outra história e até mesmo, outra religião, perdendo seu caráter histórico e assumindo as características do dominador. Este colonizador passa a ser “senhor da vida e da morte de um povo inteiro”

Acosta (2011, p. 105) denuncia que a “conquista europeia castigou a adoração da Natureza, que era pecado ou idolatria” e ainda deixa claro o “divórcio obrigatório” que aconteceu “na comunhão entre a Natureza e a gente” que foi abolida em nome de uma religião monoteísta e em nome da civilização.

Marx (1998) apresenta em suas interpretações o ‘oprimido’ como produto do capitalismo e do sistema moderno de colonização disseminado no mundo por uma burguesia voraz inescrupulosa. E o ‘opressor’ aqueles conquistadores que deixaram marcas na história, economia e política em terras alheias. Assim, ele expõe o mundo governado pelo capital proveniente da “conquista, da escravidão, da rapina, do assassinio, em suma, da violência”.

Depois da Segunda Guerra Mundial, surgem planos, programas, teorias, metodologias e manuais de desenvolvimento. No conceito de “desenvolvimento”, durante a Guerra Fria, surge o enfrentamento entre capitalismo e comunismo. Surge, então, o conceito de Terceiro Mundo. Acontecem também recorrentes ingerências econômicas por meio do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do

Banco Mundial, juntamente com ações militares para impulsionar o “desenvolvimento” dos países atrasados. Neste contexto, os países pobres, subordinados e submissos às “grandes potências”, acabam por aceitar tais intervenções desde que sejam considerados países em desenvolvimento. (ACOSTA, 2011).

A Grã- Bretanha é considerada a primeira nação capitalista industrializada com vocação global. (ACOSTA, 2011).

Neste contexto Mignolo (2008) compreende o desenvolvimento como um outro termo dentro da retórica da modernidade com a finalidade camuflar a reorganização da lógica da mesma colonialidade. Surgem novas formas de controle e exploração de um “mundo rotulado como Terceiro Mundo e países subdesenvolvidos”. Para ele, a matriz racial de poder se faz presente através de um mecanismo pelo qual as pessoas, as línguas e as religiões, e também os conhecimentos e regiões do planeta são racializados.

No início dos anos 1900 os Estados Unidos legitimam a intervenção na República Dominicana, Haiti, Nicarágua, Panamá e Cuba porque tais países eram considerados incapazes de manter a ordem interna e honrar os compromissos econômicos internacionais. A região ABC do continente sul-americano (Argentina, Brasil, Chile) representava o perigo mais eminente à hegemonia dos Estados Unidos, justificando a repressão destes. (SEMERARO, 2009).

Acosta (2011) afirma que o imperativo de desenvolvimento institucionalizou em 1949 com o presidente do Estados Unidos, Harry Truman ao fazer de seu discurso um mandato ideológico, definido a maior parte do mundo como “áreas subdesenvolvidas”. Ele caracterizou o seu país e outras nações industrializadas como “no topo da escala social evolutiva” e que estas seriam modelos a serem seguidos para atingir a meta do “desenvolvimento”. Surgem, então, as bases conceituais deste novo modelo de imperialismo, o “desenvolvimento”. O desenvolvimento, assim, passou a ser uma meta, uma exigência global para toda a Humanidade, uma obrigação inegociável. Isso implica basear-se no modelo norte-americano, herdeiros do modelo europeu.

Porto- Gonçalves explica que globalização, no modelo atual de desenvolvimento, não é um termo neutro devido a sobrevalorização da escala global para beneficiar os que se afirmam por meio dessa escala – transnacionais, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional. Ele explica que os camponeses, indígenas,

afrodescentes pensam localmente, numa cultura mais próxima da natureza e com fortes singularidades locais.

O sociólogo Aníbal Quijano (2005) denuncia que nos momentos de fraqueza do desenvolvimento, surgem sobrenomes para ele, tais quais: desenvolvimento econômico, desenvolvimento social, desenvolvimento local, desenvolvimento global, desenvolvimento sustentável, ecodesenvolvimento, etnodesenvolvimento, entre tantas outras definições que apenas redefinem as características do “desenvolvimento”, mas não o questionam.

O desenvolvimento está relacionado diretamente à colonialidade e Catherine Walsh (2008) classifica-a em quatro áreas ou eixos importantes:

1. A colonialidade do poder: refere-se ao estabelecimento de um sistema de classificação social baseada em uma hierarquia racial e sexual, e na formação e distribuição de identidades sociais (brancos, mestiços, índios, negros) em um modelo de dominação social para a hegemonia do capital.
2. A colonialidade do saber: é o posicionamento do eucentrismo numa perspectiva única de conhecimento, descartando a possibilidade de outras racionalidades epistêmicas e outros conhecimentos. Esta é a colonialidade evidente no sistema educativo.
3. A colonialidade do ser: é a colonialidade que se exerce através da inferiorização, subalternização e desumanização. É neste ponto que se concebe historicamente os povos e comunidades indígenas, negros e andinos considerados bárbaros, não- modernos e não civilizados.
4. A colonialidade da Mãe Natureza e da vida: neste ponto encontra-se a divisão natureza/sociedade, descartando-se o mágico – espiritual – social, a relação milenar entre os mundos biofísicos, humanos e espirituais, inclusive a ancestralidade, a que sustenta os sistemas integrais da vida e da própria humanidade.

En la región andina, como en muchas partes de América del Sur y de Abya Yala, la madre naturaleza –la madre de todos los seres– es la que establece y da orden y sentido al universo y del vivir.(WALSH, 2008).

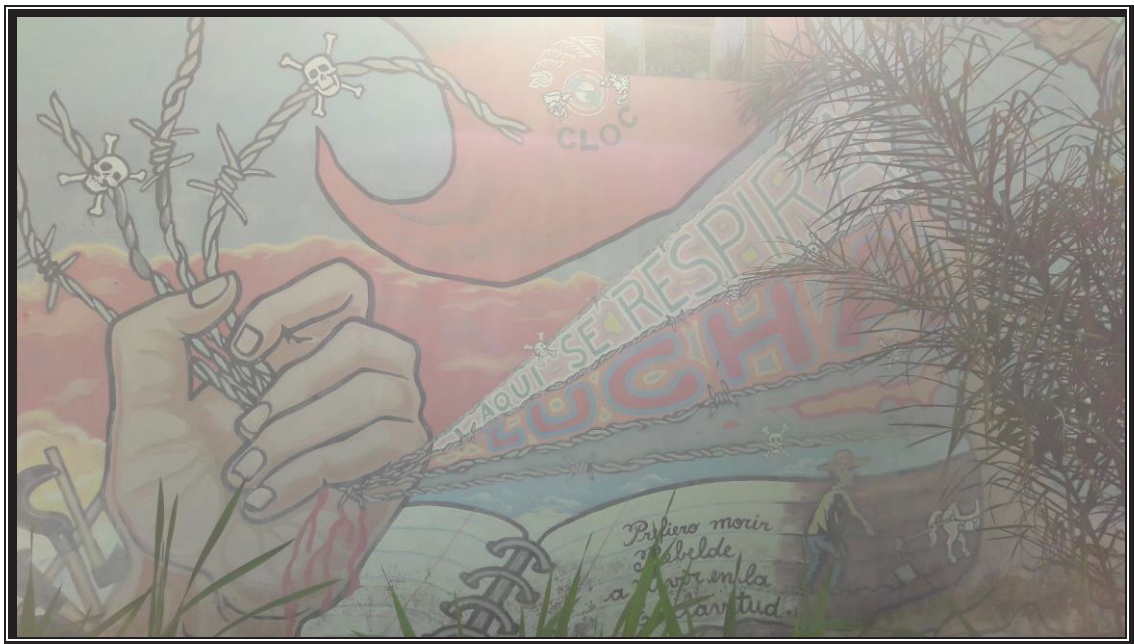
Segundo Acosta (2011, p. 34) não é possível que se sustente o discurso do desenvolvimento que, “com suas raízes coloniais, justifica visões excludentes”.

Semeraro (2009) tem ideia convergente a de Acosta neste sentido e afirma que neste contexto de conquistas existe uma contínua recolonização.

Eduardo Galeano (1978) também concorda com isso, afirmando que a América Latina tem sido caracterizada pela “sangria de riquezas e de povos”. Os vandalismos do conquistador sempre foram acompanhados pelo desdém, pelo racismo, pela discriminação, pela superioridade, pelo turismo sexual e por um território em que tudo é lícito e impune.

2.1.2 Superando o Capitalismo e a modernização

FIGURA 3 - ARTE NA PAREDE DO SETOR PEDAGÓGICO DA ELAA: RESISTÊNCIA AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO



FONTE: A autora (2018)

Acosta (2011, p. 34) explica que “o crescimento material sem fim poderia culminar em suicídio coletivo.” Para ele o crescimento baseado no extrativismo sem medidas e em um mercado com alta capacidade de absorção destes produtos não tem conduzido e nem conduzirá ao desenvolvimento. Assim, a obra no setor pedagógico da ELAA expressa artisticamente a força, a luta e a resistência que movem esta comunidade.

Sobre o consumismo desmedido, Acosta afirma:

“A difusão de certos padrões de consumo, em uma pirueta de absoluta perversidade, se infiltra no imaginário coletivo, inclusive no de amplos grupos humanos que não possuem condições econômicas para acessá-los, mantendo-os prisioneiros de um desejo permanente. As mensagens consumistas penetram por todas as brechas da sociedade.” (ACOSTA, 2011, p. 35).

Não se pode negar a importância dos avanços tecnológicos das últimas décadas, porém nem toda a Humanidade se beneficia destas conquistas, pois muitos ainda não tem acesso ao mundo da informática e outros tantos que já tiveram contato são analfabetos tecnológicos (possuem um instrumento que não conhecem e não podem usar na sua plenitude). (ACOSTA, 2011).

Elbers (2013) faz uma comparação do modelo hegemônico com um trem que viaja em linha reta e com uma velocidade crescente até o precipício. O neoliberalismo desinstalou os freios e o trem continua aumentando a velocidade. Para nós, segundo ele, restam duas opções: acabar destroçados no fundo do precipício é destruir as bases da nossa sobrevivência na Terra, ou trabalhar novas ideias para que se possa emergir algo novo.

Conclui-se que a técnica não é neutra, mas sim parte do processo de valorização do capital (portanto, nociva em vários aspectos) e desenvolve-se baseada nas demandas de acumulação. Para Acosta (2011), convergendo com as ideias de Elbers, os seres humanos foram transformados em simples ferramentas para as máquinas, quando a relação deveria ser inversa. Logo, ele sugere que para que surja outro tipo de técnica, se faz necessário transformar as condições de sua produção social.

Acosta (2011, p. 53) cita a crítica de Wolfgang Sachs sobre o desenvolvimento:

“... o desenvolvimento foi a ideia que orientou as nações emergentes em sua jornada ao longo da história do pós-guerra. Sob democracias ou ditaduras, os países do Sul proclamaram o desenvolvimento como aspiração primária depois de terem sido libertados da subordinação colonial. Quatro décadas mais tarde, governos e cidadãos ainda estão com os olhos fixos nesta luz, que agora cintila tão longe como sempre: todo esforço e todo sacrifício se justificam para alcançar a meta, mas a luz continua distanciando-se na escuridão.”

Semeraro (2009, p. 48) impressiona-se com o poder do capitalismo mundial desencadeado pela modernidade pelo fato deste conseguir articular em uma só

estrutura todas as formas históricas de exploração: “a escravidão, a servidão, o trabalho por contrato por tempo determinado, eventual, subordinando qualquer tipo de produção, mercadoria e relação à hegemonia do capital”.

Na filosofia do Bem Viver considera-se inútil correr atrás do desenvolvimento e aí está a origem da necessidade de se buscar alternativas ao desenvolvimento, reconceituando o desenvolvimento convencional e o progresso como nos foi imposto. Para isso, é necessário superar o capitalismo e suas lógicas de devastação social e ambiental.

Concorda com isso, Semeraro (2009) ao afirmar que não basta melhorar o mundo. É necessário recriá-lo para superar toda forma de (neo)colonialismo e de subordinação do sistema capitalista que tenta dissimular a barbárie. O Bem Viver pode ser interpretado como uma oportunidade sendo instalada em nossa realidade.

A partir da década de 1960, inclusive na América Latina, aparecem correntes críticas nos campos econômicos, social e ambiental em relação ao desenvolvimento. Acosta (2011) descreve também o crescimento da pobreza no mundo e ironiza caracterizando-a como “o fiasco da grande teoria global do desenvolvimento”. As ferramentas e indicadores relacionados a esse insucesso são repensados, porém o mesmo não acontece em relação ao seu conceito fundamental.

Semeraro (2009) nos lembra sobre o apoio dos Estados Unidos aos violentos ‘golpes militares’ que provocaram a queda dos governos do Equador (1961), do Peru (1962), da Guatemala (1963), da República Dominicana (1963), da Bolívia e do Brasil (1964), do Uruguai (1968), do Chile (1973) e da Argentina (1976). A “Escuela de las Américas” era o centro de treinamento de truculentos torturadores das ditaduras latino-americanas.

Com o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos dão início a patrocínios de intervenções políticas e reformas neoliberais para combater a ‘desordem econômica interna’ e garantir que os países latino-americanos pagassem suas dívidas externas. Eles ainda mobilizam forças políticas e midiáticas contra os ‘populistas autoritários’ e os ‘governos de esquerda’. Por trás da fachada das ‘missões humanitárias’ e tecnológicas, e sob o discurso de combate ao narcotráfico e ao terrorismo, os Estados Unidos retomam a política ostensiva de controle ao hemisfério Sul ocidental. (SEMERARO, 2009).

Na década de 1990 criou-se o IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, baseado nas ideias do economista indiano Amartya Sen. Com a proposta de medir o

desenvolvimento, ele contabiliza também outros elementos como saúde, educação, igualdade social, preservação da Natureza, igualdade de gênero, entre outros. Apesar destas avaliações enriquecerem o debate sobre a qualidade de vida e as questões ambientais, não é atingida a superação das raízes predatórias e concentradoras do desenvolvimento. (ACOSTA, 2011).

A partir das discussões sobre os impactos do desenvolvimento, surge o conceito de desenvolvimento sustentável, entendido como aquele que satisfaz as gerações atuais sem comprometer as gerações futuras que originou debates, além de indicadores e mecanismos de medição da sustentabilidade.

Quijano (2013) e Acosta (2011) concordam que o surgimento do neoliberalismo, nas décadas de 1980 e 1990, foi uma tentativa frustrada porque não superou a teoria do progresso em suas raízes coloniais. Ao invés disso, ele reproduz de maneira renovada as perspectivas hegemônicas do Norte global. Nas palavras de Quijano, o neoliberalismo consistiu basicamente, “na imposição definitiva de novo capital financeiro no controle do capitalismo global colonial/moderno”.

Alguns países latino-americanos transitam atualmente pelo pós-neoliberalismo, destacando o retorno do Estado ao manejo econômico. Porém, Acosta (2011) atenta nos que tais mudanças não são compatíveis com um processo pós- desenvolvimentista e pós- capitalista. Ainda é possível observar a modalidade de acumulação de origem colonial. Ou seja, o núcleo básico desenvolvimentista persiste no século 21.

As ideias de Acosta convergem com a de outros autores como, por exemplo, Milton Santos no que diz respeito as propostas de superação do economicismo como eixo da sociedade e na busca por novas formas de organização social e práticas políticas reestruturadas. Esta filosofia visa ainda, “desarmar a meta universal do progresso em sua versão produtivista e o desenvolvimento enquanto direção única”. (ACOSTA, 2011, p. 69).

Na busca de propostas por uma nova economia, uma economia voltada para a igualdade social com melhor distribuição de renda para a melhoria da qualidade de vida a nível sócio- ambiental, encontra-se diversas propostas ideológicas. Porém, na medida que se lê e descobre-se particularidades desta teoria, desta construção de uma nova forma de vida que nasce *nos* e *para* os povos nativos da América do Sul, e que está focada nas questões ambientais na perspectiva da reinclusão do ser humano como parte integrante da natureza, superando a visão de dominador dos

recursos naturais, entende-se que, talvez algumas ideias como as dos povos indígenas, consideradas primitivas, seriam, na verdade, pensamentos de respeito aos ciclos da natureza, numa perspectiva de sustentabilidade, superando o extrativismo. Ainda, entende-se que, é possível reaprender e reestabelecer algumas destas práticas sem negar os avanços modernos da sociedade, em busca de uma sociedade mais justa para toda a forma de vida, no sentido amplo da palavra. Acredita-se fortemente que é possível romper, com esta nova filosofia, com a lógica antropocêntrica do capitalismo.

O Bem Viver preocupa-se com o estabelecimento de uma nova economia e com os Direitos da Natureza como questões de interesse à Humanidade. Acosta (2011) coloca a desmercantilização da *Pachamama* como uma das saídas para a transformação civilizatória. Sendo assim, Acosta justifica com as palavras de Flores Galindo que não há uma receita para isso, nem um caminho traçado, nem uma alternativa definida. Eles deverão ser construídos. E isso não é um problema, mas nos faz livres de visões dogmáticas. Neste sentido não importa somente o destino, mas os caminhos que garantam para todos os seres o direito à vida com dignidade.

Diante dos desafios que esta filosofia nos coloca, está a necessidade de “repensar a sustentabilidade em função da capacidade de uso e resiliência da Natureza”. Ou seja, é preciso conhecer as dimensões da sustentabilidade e os limites da Natureza para suportar perturbações. Assim Acosta (2011) sugere uma nova ética de organização da vida.

Ivo Dickmann e Sônia Carneiro (2012) explicam que o ser humano tem a responsabilidade ética de cuidar da vida do Planeta, pensando em um novo modo de vida quanto à produção, ao consumo e à justiça social e ambiental. Eles levantam a necessidade de apreender os problemas socioambientais em sua ordem complexa, ética, social e política e repensar a vida em sociedade a partir de um novo padrão civilizatório sustentável.

José María Tortosa (2011), vê no Bem Viver uma oportunidade para construir outra sociedade, “sustentada em uma convivência cidadã em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo.” Convergente com este ideário, Boaventura de Souza Santos (2010), sociólogo português, explica que o Bem Viver é “um conceito de comunidade onde ninguém pode ganhar se seu vizinho não ganha. A concepção

capitalista é exatamente oposta: para que eu ganhe, o resto do mundo tem que perder”.

2.1.3 Desconstrução da matriz colonial

A colonialidade pretende eliminar a base da vida dos povos ancestrais, sejam indígenas ou afrodescentes, ao negar a relação milenar espiritual e integral, explorar e controlar a natureza, além de ressaltar o poder do sujeito moderno civilizado, assim como os modelos sociais modernos e racionais com suas raízes europeu-americanas e cristã. As práticas e políticas fazem prevalecer o indivíduo e seu bem-estar individual neoliberal, como explica Walsh (2008).

A teoria do *Buen Vivir* surge de povos nativos da América do Sul, principalmente no Equador e na Bolívia, capazes de resistir bravamente ao colonialismo rumo à profundas propostas de mudança e hoje contribuem com os grandes debates globais através da força política que adquiriram.

Para Keim (2012) civilizações originárias, ou povos originários, são os agentes determinantes de um apelo para que a humanidade olhe para a Mãe Terra com mais atenção, amorosidade e cuidado. Eles articulam e propagam seus saberes por meio da oralidade e por formas escritas desconhecidas pelos povos de matriz europeia. Um movimento desafiador e de resistência à lógica colonizadora.

Benjamin (1987) já dizia que é preciso dar voz aqueles que no presente ainda carregam expectativas que não puderam realizar. Ele convence nos que para mudar o presente é fundamental o resgate do passado. E assim é a proposta da filosofia do Bem Viver, um resgate aos saberes dos povos originários para gerar a ruptura nas ideologias coloniais.

Semeraro (2009) afirma que o espetáculo deprimente da colonização tem sido o que alimenta a reação das populações pobres da América Latina sobre o espírito da solidariedade, a necessidade do outro, a sociabilidade vivenciada no trabalho, na festividade, na religiosidade, na arte popular e no sentimento de pertencimento à natureza, a *Pachamama*. Assim, ele compactua com as ideias de Acosta descrevendo a origem do Bem Viver.

Keim (2012) nos permite conhecer a lógica da filosofia ancestral dos povos originários que ensina a perdoar ao invés de culpar; a ter posses coletivas ao invés

de particulares; a ter uma organização baseada em sentimento e sensibilização como enfrentamento à racionalidade e ao sentido colonizador.

O Bem Viver passa a ter sentido como uma existência social alternativa, se estiver relacionada a uma des/colonidade do poder, segundo Quijano (2013).

Na interpretação de Carlos Walter Porto-Gonçalves (2012) a ideia-chave da revolução política, fundamentadora da modernidade, que diz que os homens são iguais, encontra dificuldade para se estender além dos territórios europeus ou europeizados. Então, ele considera a Modernidade inseparável da colonialidade. Além disso, o fato de haver um esforço contínuo para ser do Primeiro Mundo mostra que a colonialidade sobreviveu ao colonialismo.

Para Acosta (2011) esta filosofia em construção, o Bem Viver, portanto uma proposta não totalmente elaborada e aberta a discussões, não pretende ser exclusividade da América do Sul, mas do mundo, partindo da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que pretende incluir democraticamente diversas culturas. Ela visa recuperar os saberes ancestrais e a cosmovisão daqueles que foram marginalizados pela história e romper com o processo de acumulação capitalista, na perspectiva da volta ao equilíbrio, à harmonia e à convivência entre os seres.

O autor do Bem Viver ainda reforça a ideia de que essa essência filosófica se aplica a tudo aquilo que é relativo a uma população originária no território em que habita. Nela busca se conhecer as tradições organizativas das civilizações anteriores à aparição do Estado Moderno. Essas culturas que sobrevivem à expansão colonizadora e que não precisam ser obrigatoriamente de origem indígena, desde que construam uma vida em harmonia dos seres humanos consigo mesmos, com seus congêneres e com a Natureza. (ACOSTA, 2011).

2.2 A FILOSOFIA DO BEM VIVER

O Bem Viver é uma filosofia de vida com origem nas comunidades indígenas latino-americanas a favor da saúde da Mãe Terra, a *Pachamama*. Tal filosofia é interpretada por Kein (2012, p. 25) como “um grito com matriz ritualística de resistência e de enfrentamento à mentalidade colonialista e colonizadora”.

O termo *Buen Vivir* possui uma variedade de traduções. “Bom Viver” e *Sumak kawsay* (na linguagem kichwa) são as traduções que melhor respeitam as ideias de Acosta. Na Bolívia, pode-se encontrar a expressão *Vivir Bien. Suma qamaña* em aymara. Em guarani, utilizam-se os termos *Nhandereko* ou *Teko porã*. A tradução desta filosofia política nas línguas dos povos nativos da América do Sul já denuncia o respeito à pluralidade de povos e culturas. (ACOSTA, 2011).

Kein (2012, p. 9) sugere ainda o uso da terminologia indígena Vãnhvê do povo Laklãnõ, que significa conhecimento tradicional, representando a cosmovisão destes cidadãos originários.

O Bem Viver também está em outras filosofias de visões humanistas variadas e anti-utilitaristas como na filosofia africana do *ubuntu* (eu sou porque nós somos), *svadeshi*, *swaraj* e *apargrama*, na Índia. (ACOSTA, 2011).

O Bem Viver, de Alberto Acosta (2011) é a obra que embasa esta pesquisa. Seu ponto de partida são as diferentes formas de ver a vida e sua relação com a *Pachamama*, e seu eixo aglutina a relacionalidade e a complementariedade entre todos os seres vivos – humanos e não humanos. Ela forja-se nos princípios de interculturalidade, com lógicas democráticas de enraizamento comunitário. (ACOSTA, 2011).

Porto-Gonçalves (2012) explica que o desafio ambiental requer outros valores como solidariedade, generosidade, equidade, liberdade, democracia de alta densidade. Nestes termos, o Bem Viver seria uma saída para a crise instalada.

Acosta (2011) cita os pontos medulares de sua proposta filosófica. Primeiramente, os seres humanos não podem ser interpretados como uma ameaça ou como sujeitos a serem vendidos e derrotados. Assim como a Natureza também não pode ser vista somente como um conjunto de recursos a serem explorados indiscriminadamente.

Os argumentos construídos milenarmente, a partir da ancestralidade e da história oral, são característicos dos povos originários. Estes qualificam a vida como

bem maior e a isso, Keim (2012) designa como a importância destes povos que enunciam argumentos para os desafios da atualidade. São estes os povos que fundamentam a filosofia do Bem Viver.

O filósofo Josef Estermann (2006), suíço com vivências andinas, descreve na obra *Filosofia Andina: uma sabedoria indígena para um mundo novo* (2006) uma análise que mostra a racionalidade andina articulada em uma série de princípios estruturantes, sendo o principal deles o princípio da relacionalidade, ou princípio holístico. Ou seja, ele reafirma o significado de que tudo está, de alguma forma, relacionado ou conectado com tudo. A unidade básica não é a substância ou a matéria, mas sim a relação. Com base na rede de interrelações e conexões, constituem-se as partes.

Acosta (2011) nos leva a compreender a Natureza como construção social, como conceito criado pelos humanos. Sendo assim, no Bem Viver, a Natureza deveria ser reinterpretada e revisada para não colocarmos em risco a nossa própria espécie. Deve-se aceitar os limites biofísicos da Natureza, compreendendo-a como rede de relações e conexões, desfazendo-se dos princípios que tratam os recursos naturais como condição para o crescimento econômico ou ainda como objeto das políticas de desenvolvimento.

Keim (2012) entende o Bem Viver como uma “expressão amorosa de alerta ao mundo” que surge de um povo sofrido, explorado e segregado. Ele nos lembra que Paulo Freire já dizia que as alternativas de libertação viriam dos meios mais desumanizados e oprimidos. Isso porque quem tem o poder não tem interesse em mudar aquilo que coloca em risco suas vantagens e privilégios.

Apesar de existirem poucos textos no mundo indígena, por se tratar de uma cultura oral, existem compilações que recolhem as contribuições indígenas a partir de suas pesquisas. Estas são pesquisadas para construir o Bem Viver aqui exposto.

O Bem Viver é um processo que surge da “matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza”. Os povos indígenas apresentam práticas, valores e experiências que demonstram a sua capacidade de resistência e enfrentamento colonialismo. Neste entendimento de que eles não são uma civilização “atrasada”, o Bem Viver surge numa perspectiva de compilação de tais práticas, valores e experiências que superam o tradicional conceito de desenvolvimento. (ACOSTA, 2011).

Uma das ideias mais fortes, que parece de tão simples interpretação, mas que precisa ser compreendida à luz do pensamento complexo, é a de que o Bem Viver se apresenta como “uma trajetória democrática desde o início, construída *pela* e *para* a sociedade”. Entende-se que esta é a oportunidade para uma construção coletiva de uma nova forma de vida. Bem Viver significa “viver em aprendizado e convivência com a natureza”, reconhecendo que não estamos à parte dos demais seres vivos, e que, portanto, “quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos.” (ACOSTA, 2011, p. 14-15).

Os povos originários são dotados de uma sensibilidade para a Cosmovisão que nós, povos civilizados, acabamos não possuindo mais. Pelo menos não no mesmo nível que estes humanos resistentes, justamente porque esta Cosmovisão é passada de geração a geração. Keim (2012) caracteriza a dimensão da consciência que cada um possui sobre o fato de ser humano, como dimensão ontológica. Existem tantas concepções e dimensões desta ontologia, quanto a diversidade e a pluralidade do ser humano. “Estes aspectos, em um contexto de ancestralidade, na perspectiva da historicidade e cultura permeada pela dimensão espacial e temporal, possibilitam a Cosmovisão.”

A Cosmovisão, segundo Keim (2012) é constituída pelos saberes e conhecimentos característicos do modo de ser de uma comunidade, remontando algumas gerações passadas. Logo, a Cosmovisão é constituída pela ancestralidade que existe no cotidiano atual de cada pessoa, cuja história de vida relaciona-se intimamente com as experiências compartilhadas por seus ancestrais.

Keim (2012) denomina “Princípios Eco-Vitais” aqueles que orientam o Bem Viver em direção à vida com dignidade. Eles “se apresentam como um conjunto de proposições e argumentos importantes para referenciar a vida no contexto da educação”. São os pontos orientadores do Bem Viver como modelo da vida com dignidade. Para ele a dignidade é essencial para que os povos escravizados tenham “força e disposição para a produção de bens que não terão o direito de desfrutar e usufruir”. Logo, a terra e a água devem ser preservadas e distribuídas com responsabilidade e cuidado, até mesmo porque, no Bem Viver, estes dois recursos naturais são considerados vivos e sagrados.

Acosta (2011) nos deixa claro que existem três harmonias necessárias para estabelecer “uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte”: 1. Harmonia do indivíduo com ele mesmo; 2. Harmonia entre o

indivíduo e a sociedade; 3. Harmonia entre a sociedade e o planeta. O que é proposto aqui é referente “à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada”, visando a sobrevivência da espécie humana e do planeta. Tal proposta se fundamenta nas “relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes como crítica ao produtivismo e consumismo, desenfreados e fúteis, que levarão a humanidade ao colapso civilizatório”.

Keim (2012) nos permite lembrar sobre a ancestralidade indígena que temos enquanto latino-americanos, talvez não uma ancestralidade genética, mas cultural pela fala, alimentação e hábitos de higiene. Este autor faz uma ressalva ao lembrar que os povos originários que ocupavam as Américas salvaram a Europa da fome e da miséria ao compartilhar seus conhecimentos de agricultura e alimentação.

Acosta (2011) mostra estar despido de uma visão romântica sobre o Bem Viver quando afirma existir a influência colonial e capitalista na realidade indígena. Ele relata a presença da lógica da monetarização capitalista em alguns grupos, o aprisionamento na precariedade de outros presos pelo mito do progresso e o desenraizamento dos indígenas com seu êxodo para o meio urbano. Porém, a intenção desta filosofia é recuperar experiências e lições desse mundo marginalizado, pois alguns saberes indígenas não possuem uma ideia análoga à de desenvolvimento. Exemplo disso são as dicotomias do desenvolvimento como riqueza e pobreza.

Esta é uma proposta holística, embasada pelo pensamento complexo, e busca compreender a diversidade de elementos que condicionam o Bem Viver nas ações humanas, como: o conhecimento, os códigos de conduta ética e espiritual em relação ao entorno, os valores humanos, a visão do futuro, entre outros. O Bem Viver, ao mesmo tempo, não nega as vantagens tecnológicas da modernidade. O equatoriano Viteri Gualinga, citado por Acosta, afirma que o Bem Viver “constitui uma categoria central da filosofia de vida das sociedades indígenas”. (ACOSTA, 2011, P. 71).

O autor traça um comparativo entre Bem Viver e o Ecologismo, pois além da compreensão científica, existe uma admiração e uma identificação com a Natureza, distante do sentimento de posse e dominação, mas aproximando-se à curiosidade e ao amor.

O Bem Viver é concebido como uma filosofia revolucionária por levar nos a transitar de visões antropocêntricas para visões sociobiocêntricas, nos âmbitos políticos, econômicos, culturais e sociais. (ACOSTA, 2011, p. 99).

Acosta (2011, p. 78) nos convida a refletir sobre valiosas lições de origem andina que se inserem no Bem Viver: o significado da unidade na diversidade, que mantém uma permanente tensão de reciprocidade, complementaridade, relacionalidade e correspondência entre os distintos componentes da vida. Ele também justifica chamar esta teoria filosófica de holística porque “compreende a vida humana como parte de uma realidade vital maior de caráter cósmico cujo princípio é a relacionalidade do todo.”

O filósofo francês Bruno Latour (2007) propõe debates na antropologia sobre a divisão entre Natureza e culturas, para esclarecer a importância do Bem Viver, pois unindo-se as duas, ele acredita que a política adquire uma “renovada atualidade”. Ele afirma que “a questão é sempre reatar o nó górdio, atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos, a natureza e a cultura.” Ele propõe, então, com o reatar do nó entre a natureza e a cultura, uma reflexão sobre as relações sócio-ambientais focado nas mudanças possíveis.

Para chamar a atenção para os desafios que o Bem Viver se propõe a enfrentar, Acosta (2011) cita o biólogo norte-americano Jared Diamond, autor de O Colapso, por considerar importante analisar as tragédias de culturas desaparecidas para que se possa aprender com as mesmas e obter soluções inovadoras para os desafios sociais e ecológicos.

2.2.1 Os povos originários da América Latina

“A América Latina é o mundo constituído nas “Índias Acidentais”.”
(QUIJANO, 2013).

Os povos indígenas, generalizando as etnias e povos originários da América Latina como fazem os autores, são reconhecidos como protagonistas neste contexto de críticas e construções de alternativas ao desenvolvimento, através de seus questionamentos práticos e conceituais ao desenvolvimento por alguns cientistas como Acosta (2011), Mignolo (2007) e Quijano (2013). Apesar de eles terem sido

marginalizados, seus valores, experiências e práticas mantêm-se resistentes a Conquista, a Colônia e a República. Sua capacidade organizativa e programática, como sujeitos políticos, origina propostas em um momento de crise generalizada. Emergem, então, as ideias paradigmáticas do Bem Viver, bem como os questionamentos e as alternativas ecologistas, muitas delas com convergências na filosofia do Bem Viver no que tange a busca harmônica entre Humanidade e Natureza.

É importante destacar os povos indígenas da Amazônia e das regiões andinas, onde existe, segundo Acosta (2011) um enorme potencial para ser explorado. A utopia destes povos se manifesta em seu discurso, em seus projetos políticos e em suas práticas sociais e culturais, incluindo as econômicas. O autor propõe ainda que o Bem Viver incorpore outros discursos e outras propostas provenientes de diversas regiões do planeta, porém que sejam aparentadas em sua luta por uma “transformação civilizatória”.

Semeraro (2009) conta nos que a América Latina carrega marcas profundas de opressão e injustiça. Ele denuncia o genocídio que o colonialismo causou em nosso território, tanto dos indígenas nativos quanto dos escravos negros arrancados da África. Ele ainda nos traz à memória que aqueles que tentaram opor-se ao sistema colonial foram caçados e torturados. Concomitantemente a esta pressão social, acontecia a devastação sem limites da Natureza e a transferência de riquezas aos países centrais. Não bastando todo este autoritarismo governamental e a ludibriante especulação financeira, a cultura e a religião eram, da mesma forma, impostas.

Dussel (1992) diz que a experiência originária de todo latino-americano consiste na dominação, na constituição da subjetividade como ‘soberana’ de outra subjetividade. Logo, o título de ‘oprimido’ para o latino-americano quer dizer espoliado e violado na sua dignidade pela ação iníqua de predadores que há séculos o saqueiam e o mantêm na condição de ‘instrumento de trabalho’.

Dussel (2005) acusa o colonialismo pelo fato de permitir uma racionalidade manifestada de forma irracional através dos crimes praticados em nome do *mito civilizatório*, culpado por subordinar e desumanizar grandes regiões do planeta. Ele ainda afirma que a ciência moderna está a serviço do poder de quem a financia, reafirmando o ideal colonialista ainda atualmente.

Semeraro (2009) descreve os povos originários da América Latina. São eles: os indígenas arrancados da própria terra; os negros e migrantes afastados de suas raízes. Arrancaram seus bens (trabalho e riquezas naturais), sua identidade (tiveram suas culturas desprezadas) e sua dignidade.

Eduardo Galeano (1978) culpa a invasão, a expulsão e a imposição de uma outra cultura como origem do sentimento de não pertencimento à América Latina.

Quijano (2005) descreve o encontro dos ibéricos com os povos originários. Eram diferentes povos com suas próprias culturas, línguas, ritos, histórias e identidades. Segundo ele, duzentos anos bastaram para que essa riqueza cultural já tivesse sido quase cancelada e seus habitantes, antes Guarani, Yanomami entre outros, reduzidos a denominação única de índios.

Acosta (2011) denuncia a herança das conquistas sobre os países colonizados especializarem-se em exportar a Natureza para os países dominantes. Os descobrimentos de novos territórios eram intencionais quanto à disponibilidade de recursos naturais. Ele nos conta que Humboldt (autor de *Cosmos*) via os habitantes nativos como se fossem mendigos sentados sobre um saco de ouro, referindo-se às riquezas naturais não exploradas. Os povos originários foram vistos como selvagens, inferiores e pré-históricos. Assim, as terras americanas assumem uma posição submissa quanto à exploração dos recursos naturais no contexto internacional.

O indígena Laklãnõ, Nanblá Gakran, no prefácio da obra de Kein (2012) argumenta que a folclorização e culturalização dos povos originários permite escamotear o recuo dos grupos nativos para locais estranhos e distantes de seus referenciais originários. Tal deslocamento e confinamento dos povos originários interfere na política do projeto democrático global para o Brasil por afetar a pluralidade cultural e linguística da nação, entre outros fatores. Então, este evento permite reforçar ao longo da história os elementos coloniais nas sociedades latino-americanas.

Os latino-americanos vem sendo considerados como raça inferior que se pode usar e descartar sem preocupar-se em integrá-los ao sistema. A inferioridade racial dos colonizados não os torna dignos de salários estipulados e de direitos concedidos ao trabalhador europeu. (QUIJANO, 2005).

Lander (1991) traz a reflexão de que a América Latina não pode ser considerada uma reprodução ou uma 'paródia' dos modelos europeus.

As relações sócio- ambientais das comunidades contemporâneas apresentam-se como relações de complexidade e criticam fortemente as teorias do desenvolvimento que passaram a reger a vida em sociedade. Os países desenvolvidos mostram cada vez mais os sinais do mau desenvolvimento, principalmente através da nítida separação entre ricos e pobres, como afirma Acosta (2011).

A situação financeira internacional leva-nos a buscar a construção de novos modos de vida que “não sejam regidos pela acumulação de capital”, como é proposto na filosofia do Bem Viver. Ela sugere a necessidade de um discurso contra-hegemônico que subverta o “discurso dominante e suas correspondentes práticas de dominação”.

O Bem Viver surge como um questionamento ao conceito eurocêntrico de bem-estar. Sugere-se que o Bem Viver seja uma proposta de luta frente a colonialidade do poder.

Esta nova filosofia de vida, coloca os latino-americanos numa posição de resistência ao organizarem-se autonomamente, com consciência política, a partir da criação de outros valores, no enfrentamento e superação deste mecanismo perverso que os gera.

A multiplicação de novos oprimidos, aqueles que, segundo Semeraro (2009), enfrentam até o tráfico de pessoas e situações de subemprego para simplesmente sobreviver, nos revela a falência do sistema capitalista e representa uma ameaça à sua estrutura. “As vítimas... são aquelas que revelam mais visivelmente, como feridas abertas, a enfermidade do corpo social. Mostram o lugar da patologia do sistema.” (DUSSEL, 2007, p. 105).

Acosta (2011) nos alerta que é preciso revitalizar a discussão política que foi ofuscada pela visão economicista sobre os fins e os meios. Acabamos, enquanto humanidade guiada pelo mercado, abandonando instrumentos não econômicos indispensáveis para a melhoria da qualidade de vida. As problemáticas ambientais globais não serão resolvidas com medidas de mercado, mas, segundo ele, com uma aproximação multidisciplinar de ações de complexidades múltiplas que não podem ser explicadas através de visões monocausais.

Quijano (1997) discorre sobre o fato de que se hoje não se fala de colonialismo, não significa que esse sistema chegou ao fim. Ele está por trás da fachada da modernização. Os novos piratas, segundo Porto-Gonçalves (2006, p.

75), apropriam-se de plantas e animais (biopirataria) e dos conhecimentos dos povos originários, dos indigenatos, dos campesinatos, dos afrodescendentes (étno-biopirataria). Os saberes coletivos tendem a ser suplantados pela ciência ‘civilizada’ dos laboratórios e patenteada em função do mercado.

Freire (1970, p. 30) já descrevia o conceito de conscientização como sendo o ato de descobrir, tomar consciência, sobre o roubo de sua própria humanidade. Tal conscientização seria originada na ruptura com o sistema de dominação moderna, nas diferentes formas de resistência à privatização, da condição de exploração.

Milton Santos (2001) afirmava que o processo de tomada de consciência sobre os lugares, as classes sociais ou quanto aos indivíduos não é homogêneo. Para ele, concordando com a ideia freiriana, essa construção se faz sistemicamente e o mundo novo será edificado numa trajetória que acontecerá “de baixo para cima” rumo à implantação de um novo modelo econômico, social e político.

Existem, na atualidade, vários movimentos contra a mercantilização e a colonização, tanto por parte dos indígenas quanto das organizações populares, acontecendo na América Latina. Os *aymaré* e *quéchua* na Bolívia, os *caracoles* no México, a Via Campesina e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) revelam para o mundo que a opressão e a marginalização ainda são uma dura realidade, mas que enquanto houver estes grupos, haverá resistência.

2.2.2 Bem Viver e Viver Bem

Por uma questão de tradução para a língua portuguesa, a filosofia do Bem Viver já foi muitas vezes confundida, inclusive em textos desta pesquisadora, com a ideia de Viver Bem segundo o ideal desenvolvimentista de acúmulo de capital sustentado pela lógica de mercado capitalista. Por isso, este capítulo é importante para esclarecer e diferenciar os termos.

A proposta do Bem Viver é de valorização da cultura e dos saberes de cada povo originário, então o autor da filosofia propõe que ela seja nomeada de acordo com a língua ou dialeto do local. Logo, para os Guaranis ela é denominada *nhadereko* (o jeito de viver Guarani, na tradução literal), para os quéchua de, *sumak kawsay*, e para alguns africanos de *ubuntu* (eu sou porque nós somos), enquanto no Equador ela é denominada *Buen Vivir*.

O Bem Viver surge com uma ética da suficiência comunitária, e não somente individual. Ele se preocupa com o viver bem aqui e agora e não com o acumular para então, viver melhor. Acosta (2011) alerta sobre a necessidade de superação da pós-modernidade (era do desencanto). Segundo ele, o modelo de desenvolvimento atual é devastador e o seu paradigma de Modernidade, o crescimento econômico insustentável, não pode continuar imperando. Há a necessidade de superar o modelo de progresso como acumulação permanente de bens materiais.

Este estilo de vida consumista que o desenvolvimento nos impõe, generaliza e unifica, além de expor a possíveis colapsos sociais e ambientais.

Medina (2008, p. 34) traça uma comparação entre o Bem Viver ameríndio e o Viver Bem ocidental, constatando que o primeiro compreende o trabalho como algo bom e positivo, enquanto no segundo o trabalho é entendido como castigo divino. Isso retrata a cosmovisão animista advindo do conceito andino de trabalho: O ser humano se reconhece como parte de um cosmos vivo, sagrado, animado e de uma Terra Mãe. O cosmos é inteiro, não quebrado pela oposição matéria- espírito; nem tampouco desintegrado pela contradição religião- tecnologia e o divórcio entre técnica e economia; sem a separação do homem e seu trabalho e pela alienação do produto de seu trabalho.

Acosta (2011) afirma que este é um modelo de mau desenvolvimento -como acontece no Norte global, que tem uma grande dívida ecológica com o planeta- graças a sua própria lógica. Segundo ele, mesmo que o desenvolvimento não tenha conteúdo, ele justifica seus próprios meios e até seus fracassos. Assim, numa postura crítica, nos convida a reflexão porque diz que ficamos convencidos que vale qualquer esforço para chegar “lá” e acabamos por aceitar a devastação ambiental e social. Vale até mesmo a negação das nossas raízes históricas e culturais para modernizar-nos tal qual os países adiantados.

O Bem Viver é o ponto de partida, caminho e horizonte para a desconstrução da matriz colonial que ignora a diversidade cultural, ecológica e política. Neste sentido, ela questiona as ideologias nutridas pelas matrizes coloniais do extrativismo e da evangelização imposta. Isso implica a superação do capitalismo e suas lógicas de devastação social e ambiental rumo ao pós-desenvolvimento e ao pós-capitalismo. O Bem Viver não é sinônimo de viver melhor, ou viver bem, onde poucos assim vivem às custas do sacrifício de muitos. Esta filosofia de visão

holística, do pensamento complexo, integra o ser humano imerso na grande comunidade da *Pachamama*, ou seja, na Mãe Terra.

Paulo Freire (1970) já dizia que apenas quando “os oprimidos descobrem nitidamente o opressor e se engajam na luta organizada para a própria libertação”, começam a confiar nas suas forças a fim de superar a própria convivência com o regime opressor.

O jornalista Pablo Stefanoni, citado por Acosta (2011, p. 83), explica que:

“a questão se complexifica, sem dúvida, quando este ‘viver bem’ – que seria não desenvolvimentista, não consumista e inclusive não moderno-ocidental – é confrontado ao ‘viver melhor’, que implicaria, pelo capitalismo, que outros vivam pior.”

Acosta (2011) cita o sociólogo Eduardo Gudynas porque ambos concordam com a ideia de que a acumulação material mecanicista e interminável centrada no aproveitamento indiscriminado da natureza não tem mais futuro. As promessas do desenvolvimento a qualquer preço não se cumpriram e não tem condições de se cumprir na forma como está estabelecido.

Segundo Acosta (2011, p. 80), no mundo capitalista:

“o funcionamento da economia e da própria sociedade se baseia na premissa de que o melhor nível social possível se alcança deixando em liberdade (valor fundamental) cada indivíduo na busca da realização pessoal (a negação do outro) em um ambiente de competição (mercado) a partir da defesa irrestrita da propriedade privada.”

Desde o “descobrimento” de Abya Yala, ou América Latina, o saber ocidental tem ridicularizado, depreciado e subjugado os povos nativos e sua cosmovisão. Esta cosmovisão indígena mostra que a ciência holística, sistêmica coincide com a perspectiva indígena.

Acosta (2011) reforça a necessidade de mudanças conceituais estruturais em “todos os âmbitos da vida”, com destaque na economia e seus padrões de produção e consumo. Sugere-se aqui uma economia que “reencontre com a Natureza e atenda às demandas da sociedade, não às do capital”.

Donella Meadows (2008, p. 164) elenca um ponto mais importante do que mudar de paradigma: “Trascender paradigmas”. Ela explica que nenhum paradigma

é “verdade”, mas sempre muito limitado frente a imensidade do universo que excede a compreensão da mente humana.

2.2.3 Princípios do Bem Viver

Os princípios do Bem Viver são os fundamentos que deram suporte para este estudo em campo. Eles foram buscados, pesquisados e analisados na Escola Latino-americana de Agroecologia na compreensão do pensamento complexo. Segundo o autor do livro sobre a filosofia do Bem Viver, ela se ampara em seis princípios:

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: O Bem Viver busca compreender as populações, principalmente os povos originários e os movimentos de resistência aos ideais capitalistas, em sua relação com a *Pachamama*. Sendo assim, trata-se de um movimento intercultural, valorizando o plural, as diferentes formas de se relacionar entre todos os seres vivos do planeta.
2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: Os humanos, nesta perspectiva, não são entendidos como uma ameaça e a Natureza não deve ser interpretada como bens exploráveis, infinitos e autorreguláveis.
3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: O Bem Viver faz duras críticas ao modelo de desenvolvimento atual, onde alguns poucos são beneficiados às custas da exploração de muitos. Por isso, sugere novas propostas de economia vislumbrando a melhor distribuição de renda. O princípio da desmercantilização da *Pachamama*.

Além disso, para que este novo padrão econômico se estabeleça, é princípio do Bem Viver reincluir o ser humano no conceito de ser natural, grupo integrante da Natureza, desfazendo a visão de explorador e dominador. É principalmente neste ponto que a visão dos povos nativos da América Latina colabora com a construção desta nova filosofia de vida.

4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: Os limites da Natureza devem ser respeitados, na compreensão do termo *Pachamama*, ambiente do qual fazemos parte, somos integrantes e não apenas dominamos e exploramos indiscriminadamente.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: A justiça social é possível, nesta perspectiva da valorização de toda forma de vida característica dos povos originários da América Latina. Outro princípio do Bem Viver fica esclarecido quando se entende que não é preciso negar os avanços da modernidade, como as tecnologias, mas buscar alternativas para a continuidade da utilização destes avanços na perspectiva do Bem Viver.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: Como o Bem Viver é pluricultural e valoriza as diferentes formas de vida, voltando aos princípios nativos de relação com a *Pachamama*, ele deve ser construído. Este princípio é fundamental. O Bem Viver não é uma filosofia de vida pronta e acabada. Da mesma forma não acontece igual em lugares diferentes. Esta filosofia é uma proposta de construção democrática, valorizando as características locais, principalmente a cosmovisão dos grupos sociais nativos pouco influenciados pela ideologia do desenvolvimento. A recuperação dos saberes ancestrais- suas experiências, práticas e lições- é o ponto vital desta proposta.

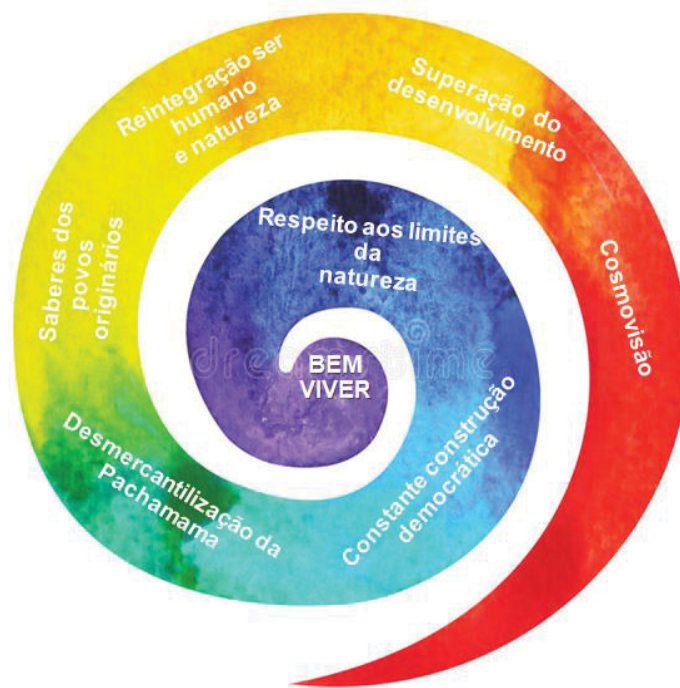
Por isso, Acosta (2011) esclarece as três harmonias necessárias no Bem Viver: harmonia do ser com ele mesmo; harmonia do ser com a sociedade; harmonia da sociedade com o planeta.

Na Constituição equatoriana de 2008 se apresentam outros princípios clássicos desta filosofia: igualdade, inclusão, dignidade, liberdade, respeito, participação política com equidade social e de gênero, bem-estar comum, responsabilidade, justiça social, solidariedade, sustentabilidade, suficiência, diversidade cultural e a identidade, reciprocidade e a democracia. (ACOSTA, 2011).

Para Keim (2012) o Bem Viver está apoiado nos Princípios Eco- Vitais que “se apresentam como um conjunto de proposições e argumentos importantes para referenciar a vida no contexto da educação”. São os pontos orientadores do Bem Viver como modelo da vida com dignidade, na interpretação de Keim. Tais Princípios Eco- Vitais encorajam o ousado e necessário projeto humano que necessita de constante revisão do processo civilizatório nas relações entre os humanos e destes com a Natureza, em âmbito planetário. Os Princípios Eco- Vitais, segundo Keim, estão referenciados em: alimento bom e em quantidade suficiente; abrigo com proteção e conforto; afeto gerador e promotor de vida; partilha como responsabilidade coletiva; cuidado coletivo e espiritualidade.

Refletindo sobre o Bem Viver sob à luz do Pensamento Complexo, podemos compreender que cada um dos princípios descritos não está subjulgado a outro, tão pouco existe uma sequência, uma ordem para que eles aconteçam. Eles existem e/ou acontecem nas sociedades do Bem Viver num movimento constante de vai e vem, de mistura, de acontecer concomitantemente. Sendo assim, apresenta-se um mapa mental desenvolvido pela autora desta pesquisa representado esta ideia de movimento dos princípios do Bem Viver segundo Acosta (2011):

FIGURA 4 - PRINCÍPIOS DO BEM VIVER



FONTE: A autora (2018)

2.3 TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DO BEM VIVER

Milton Santos (1998a) enaltece a importância da categoria território nas análises geográficas, inserindo nela o papel da economia política e das relações sociais de poder na produção do espaço. Neste sentido, o território na perspectiva do Bem Viver, unindo as ideias de Santos (1998a) e Acosta (2011) não é apenas o espaço físico e/ou geográfico, mas este espaço modificado pelo povo originário que vive num determinado grau de harmonia com o meio. Território é uma categoria de análise social, para Santos (1998a), e para Acosta cada território com seu modo de

vida peculiar precisa ser respeitado, por isso não existe receita pronta para o Bem Viver. É esta a justificativa da constante construção democrática como um dos princípios que regem tal filosofia dos povos originários.

2.3.1 O território e a *Pachamama*

Para os povos originários que deram origem a filosofia do Bem Viver, o termo *Pachamama*, é muito utilizado e traduzido como “mãe terra”. Porém, esta tradução é muito simples para a real dimensão do termo para as culturas que a utilizam.

Pachamama, não apenas identifica o território qualificado pelos homens que o habitam. Tão pouco o seu significado “mãe terra” remete à natureza intocada. É a natureza da qual fazemos (os humanos) parte e que é vital para nossa existência. (ZAFFARONI, 2011). *Pachamama* é uma deusa andina muito cultuada que representa a “mãe terra” nesta grandiosidade de interpretações, de um pensamento complexo nas suas relações que busca-se descrever neste texto.

A Constituição de Montecristi, na Bolívia, um dos países pioneiros na introdução do Bem Viver em termos legais, faz menção aos Direitos da Natureza ou *Pachamama*. Esta é (o território) onde se reproduz e onde se realiza a vida, não apenas a vida humana. Por esta razão segue descrevendo seus direitos ao respeito integral de sua existência, de sua manutenção e da regeneração de seus ciclos vitais, estruturas, funções e processos evolutivos.

O Equador também inclui a *Pachamama* em sua Constituição e, assim como na Bolívia, a Natureza é personificada quanto aos direitos, assumindo a condição de sujeito de direito, de forma expressa e onde qualquer cidadão pode recorrer a estes direitos. (ZAFFARONI, 2011).

Desta forma o território andino, pode ser denominado *Pachamama* e pode-se dizer que se instalou um verdadeiro ecologismo constitucional. Este é um dos modelos de Bem Viver, *Sumak Kawsay*, que é a expressão quíchua desta filosofia que sonha-se dissipar pelo globo terrestre. (GUDYNAS, 2011).

Não se trata do Bem Comum limitado aos humanos, mas considera-se todo ser vivente. Trata-se de um território equilibrado, baseado no respeito e nos princípios da sustentabilidade.

2.3.2 O território na perspectiva da Cosmovisão

Concebe-se território com fronteiras delimitadas, vinculado à propriedade, a recursos naturais, aos ideais desenvolvimentistas que se dissiparam pelo planeta. “A categoria analítica é o território usado pelos homens, tal qual ele é, isto é, o espaço vivido pelo homem (...)”. (SANTOS, 2001, p. 3011).

Sendo assim, o território na perspectiva da Cosmovisão exige um pensamento complexo, pois ao mesmo tempo que ela sugere o olhar para o planeta, como a compreensão de um todo, num complexo de relações existentes, por outro lado se faz necessário o olhar para o mundo enquanto seu, com o que lhe foi acrescentado.

“Inicialmente, esclarecemos que Cosmovisão se caracteriza como uma postura pessoal e coletiva, de olhar o mundo, para dentro do mundo. É uma ação de como cada pessoa, a partir de seu grupo social e de sua herança ancestral se sente mergulhada, no que considera como sendo seu mundo. Assim Cosmovisão é muito mais que um olhar o mundo, é um olhar para o mundo, é um olhar do mundo para si mesmo, sendo você o mundo como parte integrada ao mundo, por isso se vê.” (KEIM, 2012).

Na Cosmovisão dos povos originários, muitas vezes não se encontram sinônimos para o conceito de território. Para algumas etnias indígenas, por exemplo, a Terra é destituída de cercas ou de fronteiras. Na Cosmovisão dos povos originários o território é a mãe terra, que pode ser definida como Pachamama, dependendo da etnia, e esta não é apenas funcional, ou seja, não serve apenas para fornecer alimento, água, abrigo e medicamentos. (SOUZA, 2017). É neste território que habitam seus deuses. É um espaço acima de tudo espiritual e que precisa ser respeitado.

É muito difícil para um humano contemporâneo conseguir compreender a grandiosidade da Cosmovisão dos povos originários e a ausência de tradução literal ou correspondentes para determinados termos, pois perdemos a sensibilidade para isso devido a redução do contato direto com o meio natural. (KEIM, 2012). Isso é o que acontece com o conceito de território em muitas etnias latino-americanas. O território é a *Pachamama*, é Gaia, é a Mãe terra, sem fronteiras, sem limites, sem barreiras. É onde a espiritualidade e as crenças permitirem ou solicitarem que se habite.

2.3.3 O território e a identidade cultural

Tuan (1983), que utiliza os termos espaço e lugar, afirma que “o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado”. A apropriação simbólica do espaço, com características mais subjetivas, como forma de territorialização humana, levou aos conceitos de espaço e território, mais tarde.

O conceito de território estava relacionado com as relações de poder entre os grupos sociais e destes com a natureza. (RAFESTIN, 1993). Milton Santos (1998b) introduziu novas abordagens deste conceito em busca do rompimento com a visão política que definia território como área de atuação do Estado. Nesta nova compreensão do território enquanto apropriação política, econômica e cultural, portanto social, esta categoria ganha dinamicidade a partir das relações sociais no modelo capitalista de produção e é entendido como algo móvel e transitório.

Santos (2002) chama de reterritorialização o processo de construção territorial e identitária, ou melhor, “a redescoberta do sentido de lugar e da comunidade” com o ressurgimento das tradições culturais. A presença da cultura local tem importante função na identidade do território. Para Jollivet (1984) essas mudanças promovem novas relações de poder na sociedade.

Kuper (1999) afirma que as culturas são convenções dinâmicas e mutáveis transmitidas socialmente e impregnadas de ideias e valores. Segundo ele, o território e a identidade cultural configuram-se em contínuas transformações proporcionadas pelas relações sociais, considerando o global e o local, dispensando a ideia de que este evento estaria relacionado apenas ao passado, ou relacionado à herança genética. A complexidade das relações sociais na construção do território e da identidade cultural, segundo Kuper (1999), abrangem as relações de poder, bem como o acesso e uso do patrimônio natural local.

Então, Scheren- Warren (1998) descreve estes processos de construção social de territórios e identidade cultural numa perspectiva multiculturalista. Esta autora descreve as redes solidárias como sendo interpretações locais de culturas - que podem ser globais, mas são influenciadas pelos saberes locais- o que favorece a pluralidade cultural. Este princípio da solidariedade nessas redes é descrito pela autora como “a responsabilidade individual e coletiva com o social e o bem comum cujas implicações práticas são a busca de cooperação e da complementaridade na ação coletiva”.

Fica explícito, nestes novos modos de compreender o conceito de território e identidade cultural, a sua relação com a filosofia do Bem Viver e com o Pensamento Complexo que embasam este trabalho.

A compreensão do território de estudo acontece considerando os povos originários, em sua pluriculturalidade, haja vista que se trata de uma escola que recebe estudantes de tantas regiões diferentes do Brasil e da América Latina; sua cultura local, que o Bem Viver valoriza. Desta mesma forma, a rede de relações que se estabelece do indivíduo com a sociedade, dele com o meio natural e tantas outras que talvez jamais possamos descrever, compreendem uma parcela do que se procura estudar à luz do Pensamento Complexo. Assim, considera-se ao longo deste estudo o meio natural na interpretação do que se denomina *Pachamama*, a Mãe terra, na complexidade de relações que se estabelecem a partir da Cosmovisão que se procura traçar na filosofia do Bem Viver, onde é inerente a identidade cultural. É complexo, é um exercício difícil de se fazer nas nossas mentes colonizadas, porém, esperancemos, do verbo esperarçar, como dizia Freire, que um dia atingiremos este objetivo a favor da *Pachamama*.

3 BEM VIVER SOB À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO

O Bem Viver é uma filosofia que pretende resgatar os valores, os saberes e a Cosmovisão dos povos originários com a finalidade de propor um novo modelo social, mais sustentável e que vise o bem comum. Neste sentido, compreende-se nesta pesquisa que as relações que se estabelecem, sejam elas sociais, naturais, culturais, históricas, entre outras, ou até mesmo relações entre estas dimensões citadas, são de um grau tão complexo que talvez seja humanamente impossível compreendê-las integralmente. O fato é que, o pensamento complexo como abordagem teórica comporta as explicitações necessárias para este modelo.

O pensamento complexo tem Morin como seu principal teórico. Ele explica que esse sistema de pensamento busca integrar os múltiplos ângulos de abordagem de um mesmo problema na tentativa de reintegração daquilo que as disciplinas científicas fragmentaram, compartimentaram e dividiram em especialidades, muitas vezes, incomunicáveis. (MORIN, 2001a).

Para Morin (2001a) as propriedades das partes somente podem ser entendidas dentro de um contexto do todo. É dentro do contexto que

compreendemos as relações entre o sistema e seu todo. Sendo assim, muitos daqueles que defendem esta ideia, acreditam que é preciso mudar do pensamento linear para o não linear e explicarmos os fenômenos a partir do seu entorno. Neste ponto existe uma intrínseca relação dos fundamentos do pensamento sistêmico-complexo com o pensamento ambiental no sentido das relações que se estabelecem no meio (ecologia).

Mariotti (2008) afirma que as informações por si só não produzem mudanças. Para que as mudanças- neste caso, a transição para o Bem Viver – aconteçam, são necessárias interações do sistema com o meio, onde estão, outros sistemas, numa circularidade de relação entre o observador como sistema vivo (o EU) e o mundo. Assim sendo, “conhecer o mundo segundo nossa estrutura é o mesmo que criá-lo de um modo dinâmico e interativo”. (MARIOTTI, 2008, p. 79). Se as informações já vierem prontas de fora e forem descrições objetivas do mundo, então a percepção será passiva, ou representacional. Bastará manipulá-las para manipular as pessoas que as recebem. Este seria um modo de manter o pensamento linear. Tendo em vista que o Bem Viver exige um pensamento complexo, é preciso despir-se deste modo de agir.

3.1 CONCEITUANDO O PENSAMENTO COMPLEXO

“A complexidade é produto de um exercício cognitivo (produzir o inteligível)”, assim, “será complexo o que certamente não é não totalmente inteligível e, talvez, espacialmente antecipável”. (LE MOIGNE, 1999, p.50-1).

Morin (2001a) expõe a insuficiência do pensamento simplificador e a necessidade de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar. Para isso, ele explica que é necessário desfazer duas ilusões a fim de alcançar o pensamento complexo.

A primeira ilusão é a de que a complexidade conduz à eliminação da simplicidade. Na verdade, o pensamento complexo integra em si aquilo que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. A segunda ilusão é confundir complexidade com completude. O pensamento complexo tem a ambição de dar conta das articulações dos campos que foram desmembrados pelo pensamento

simplificador. Assim, aspira-se um conhecimento multifuncional, sabendo-se que o conhecimento completo (onisciência) é impossível. (MORIN, 2001a).

3.1.1 Histórico da origem do pensamento complexo

O pensamento complexo ou complexidade é uma escola filosófica que enxerga o mundo como sendo um todo indissociável, propondo uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento. Ele nega a causalidade e aborda os fenômenos como a totalidade orgânica. Tem como expoente defensor na atualidade Edgar Morin, dentre os precursores.

O pensamento complexo mante-se por uma tensão permanente entre a aspiração por um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento, segundo MORIN (2015).

Para Morin (2001a) a expressão *complexidade* nasce no final dos anos 60. O pensamento simplificador, que mutila o todo em partes isoladas, revela limites, carências e insuficiências. Surge, neste momento, a necessidade de um modo de pensar, ou um método capaz de responder ao desafio da complexidade.

A “inteligência cega”, que Morin (2001a) apresenta, é o predomínio dos métodos empíricos e lógicos nas pesquisas, que conduzem ao erro, à ignorância e à cegueira nos conhecimentos. Logo, se faz urgente uma tomada de consciência radical à luz da complexidade da realidade para evitá-la. Para isso, ele apresenta quatro passos importantes: a causa profunda do erro está na organização de nosso saber num sistema de ideias e não no erro de fato; a existência de uma nova ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência; a presença de uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão; o progresso cego e incontrolado do conhecimento que coloca a humanidade sob graves ameaças. O conhecimento seleciona os dados significativos e “rejeita aqueles não significativos, separando e unindo, hierarquizando e centralizando”. Estes princípios ocultos governam nossa visão inconscientemente. A inteligência cega traz a disjunção, a redução e a abstração, ou seja, o “paradigma de simplificação” (influentes até o século XX). Ela destrói os conjuntos e as totalidades através do isolamento dos objetos de seu ambiente. Desta forma três campos do conhecimento científico, a física, a biologia e a ciência do homem são reduzidos e não articulados de maneira que um contribua

com o outro em busca do conhecimento complexo. Morin indica que o caminho para isso é um fenômeno de auto-eco-organização complexo que produz autonomia.

3.1.2 O pensamento sistêmico- complexo

Na atualidade, a expressão “teoria sistêmica”, assim como “complexidade” despertam uma grande variedade de significados, inclusive entre aqueles que as adotam como referências. Este texto trará inicialmente um breve relato histórico que fundamenta o uso destes termos.

A princípio, a ideia de sistema foi introduzida com o desenvolvimento da Ecologia, nos anos de 1960, com a teoria dos ecossistemas como a análise das interações entre os seres vivos inseridos em uma unidade geofísica e que constitui uma unidade complexa de caráter organizador. (MORIN, 2010).

Na busca de uma gestão ambiental eficiente é necessário o conhecimento do mundo pensado sistemicamente, na tentativa ininterrupta da compreensão das interrelações que se estabelecem no ambiente. A teoria sistêmica tem uma busca interdisciplinar, ou em rede, como descrita por Capra (1999). Surge também, o desenvolvimento de um "novo pensamento sistêmico", denominado teoria da auto-organização ou, ainda, teoria da complexidade.

No século XX surge, na área biológica, com fortes influências capitalistas, um movimento em oposição ao Mecanicismo denominado Organicismo. Segundo esta nova concepção, as propriedades essenciais de um organismo pertencem ao todo, de maneira que nenhuma das partes as possuem, afinal tais propriedades nascem justamente das interações das partes. O Organicismo busca compreender as relações organizadoras, anunciando, mais tarde, o conceito de auto-organização. (GOMES et al, 2014).

Nesta Escola Organísmica da Biologia, com Odum, foram realizados estudos sobre as relações existentes em comunidades de organismos, permitindo o surgimento da Ecologia que é uma das vertentes do Pensamento Sistêmico. Para Odum (2006), fosse qual fosse o ambiente, os biólogos do começo do século começavam a considerar a ideia de que a natureza funcionava como um sistema.

Segundo Gomes (et al, 2014) a compreensão dos sistemas vivos como redes oferece uma nova perspectiva para as hierarquias da natureza. Mas, para Capra

(1999) está hierarquia não existe. O que existe mesmo são redes que se formam dentro de outras redes.

Segundo Gomes (et al, 2014), outros pensadores seguiram a ideia de sistemas:

Ainda na década de 1920, durante a República de Weimar na Alemanha, quando a tendência intelectual era negar a fragmentação e o mecanicismo, buscando a totalidade, surge a Psicologia da Gestalt. Psicólogos liderados por Max Wertheimer e Wolfgang Köhler reconhecem a existência de totalidades irreduzíveis como aspecto chave da percepção afirmando que totalidades exibem qualidades que estão ausentes em suas partes. O filósofo Christian Von Ehrenfels afirma que o todo é maior do que a soma das partes, princípio este que se tornou central na Teoria Sistêmica.

Desde que iniciou sua carreira como biólogo em Viena, na década de 20, Ludwig Von Bertalanffy critica o enfoque mecanicista na teoria e na pesquisa científica. Na década de 30, o autor apresenta sua teoria do organismo considerado como sistema aberto. O biólogo se opõe à Teoria da Cibernética e em 1967 e 1968 publica a Teoria Geral dos Sistemas por meio de uma editora canadense e, em função da maior propagação de suas ideias, que passam a estar disponíveis em língua inglesa, a Teoria ganha visibilidade. (VASCONCELLOS, 2010 apud GOMES et al, 2014).

Bertalanffy enuncia o Pensamento Sistêmico como um movimento científico por meio de suas concepções de sistema aberto, onde escolas de organizações se superpõem a de sua Teoria Geral dos Sistemas. De acordo com o autor, organismos vivos são sistemas abertos que não podem ser descritos pela termodinâmica clássica, que trata de sistemas fechados em estado de equilíbrio térmico ou próximo dele. Os sistemas abertos, ao contrário, podem se alimentar de um contínuo fluxo de matéria e de energia extraídas e devolvidas ao meio ambiente. Mantêm-se, portanto, afastados do equilíbrio em um estado quase estacionário ou em equilíbrio dinâmico. (CAPRA, 1999).

A leitura de obras diversas sobre o tema conduz à análise da necessidade de uma reforma do pensamento, sendo assim necessária a busca de uma reforma no ensino. Atualmente, percebe-se nas práticas da educação formal e não-formal inúmeras tentativas de uma prática docente eficaz visando a formação do indivíduo emancipado e autônomo, porém este discurso contrasta-se com a realidade de disciplinas fragmentadas. Para Morin (2010, p. 13) “a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui).”

Poder-se-ia avaliar o pensamento fragmentado como análises parciais que não refletem, necessariamente, quando somadas, a realidade do total, do universo que se pretende conhecer.

Edgar Morin, em sua obra “A cabeça bem feita” (2010, p 14) afirma que “existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo são inseparáveis” e existe interdependência “entre as partes e o todo, o todo e as partes”. Para ele:

“A inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. (...) Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável.” (MORIN, 2010, p.15).

As ciências, apresentando-se fragmentadas em disciplinas, trazem a divisão do trabalho, a superespecialização, uma escola que separa em disciplinas e não as articula, uma prática que dissocia os problemas e não os integra. Para Morin (2010) isso significa “reduzir o complexo ao simples, isto é, separar o que está ligado (...); eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento”. Logo, o pensamento sistêmico- complexo surge na perspectiva de reintegrar os saberes.

3.1.3 A teoria da complexidade

Morin (2001a) traça uma reflexão sobre a Teoria dos Sistemas, iniciada com von Bertalanffy nos anos 50, dividindo-o em três faces contraditórias: o sistema com um princípio de complexidade; o sistemismo raso baseado na repetição de verdades holísticas que não podem ser operacionalizadas e a *system analysis* correspondente à sistêmica da *engineering* cibernética. Ele apresenta o sistema aberto como possibilidade de articulação e trocas constantes com o exterior numa busca repetitiva de equilíbrio no desequilíbrio que o alimenta.

Capra (1999) caracteriza o pensamento sistêmico através de critérios. O primeiro deles é a mudança das partes para o todo. Ele afirma que “os sistemas vivos são totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às de partes menores. Suas propriedades sistêmicas são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui.” O segundo critério é “a capacidade de deslocar a

própria atenção de um lado para outro entre níveis sistêmicos”. É preciso reconhecer que diferentes níveis sistêmicos representam níveis de complexidade diferentes. O pensamento sistêmico é um pensamento contextual, que analisa as relações e que opõem-se ao pensamento cartesiano. Esse último acreditava na possibilidade de compreender o todo através da análise de suas partes. Para um pensador sistêmico, as relações são fundamentais.

Na obra de Capra (1999) é citado o postulado de Bertalanffy sobre a auto-regulação como uma propriedade-chave dos sistemas abertos. Ele tinha uma visão da “ciência geral da totalidade” baseada na observação de que conceitos e princípios sistêmicos podem ser aplicados em muitos campos de estudo. Capra (1999, p. 53) explica que:

“uma vez que os sistemas vivos abarcam uma faixa tão ampla de fenômenos, envolvendo organismos individuais e suas partes, sistemas sócias e ecossistemas, Bertalanffy acreditava que uma teoria geral dos sistemas oferecia uma arcabouço conceitual geral para unificar várias disciplinas científicas que se tornaram isoladas e fragmentadas.”

Tal ideia foi aperfeiçoada trinta anos depois por Prigogine (citado por CAPRA, 1999) por meio da auto-regulação de “estruturas dissipativas”. Na conferência de Estocolmo, ele apresentou essa teoria que afirma que “as estruturas dissipativas não só se mantêm num estado estável afastado do equilíbrio como podem até mesmo evoluir” através da experimentação de “novas instabilidades e se transformam em novas estruturas de complexidade crescente.” Prigogine analisava a capacidade de organismos vivos manterem seus processos de vida apesar das condições de não-equilíbrio.

Capra resume as características dos sistemas em rede, auto-organizadores (conforme Prigogine), como:

“a emergência espontânea de novas estruturas e de novas formas de comportamento em sistemas abertos, afastados do equilíbrio, caracterizados por laços de realimentação internos e descritos matematicamente por meio de equações não lineares” (em rede). (CAPRA, 1999, p. 55).

Mariotti (2008) explica a partir do pensamento de Pascal - que já considerava impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem conhecer as partes em particular – que o raciocínio sistêmico funciona como um dos principais instrumentos para se alcançar o entendimento e a prática do pensamento complexo.

Morin (2001a) descreve que a teoria sistemas abertos na Ecologia e na Evolução por seu caráter inconstante e, ao mesmo tempo, determinado, traz a elucidação dos sistemas auto-eco-organizadores. Apesar de suas críticas à teoria dos sistemas, Morin insiste que ela deve estar integrada à complexidade. Sua crítica a teoria sistêmica se faz por não haver explorado a auto-organização e a complexidade, permitindo que se abstraia excessivamente e afaste-se do concreto de modo que não seja possível formar um modelo.

O autor também apresenta, em seus estudos, seu direcionamento antagônico, mas, para ele, inseparáveis – a reintegração do homem entre os seres naturais com o intuito de distingui-lo, mas não o reduzir a esse meio. Trata-se de desenvolver uma epistemologia da complexidade. (MORIN, 2001a).

A complexidade tem relação com o acaso e com a incerteza dentro de sistemas “ricamente organizados”. O cérebro humano é superior ao computador por poder trabalhar com o insuficiente e o vago, atingindo a compreensão de fenômenos da mais alta complexidade. Ele afirma que a consciência (o sujeito) reflete o mundo, da mesma maneira que o mundo reflete o sujeito. Logo, “sujeito e objeto são constitutivos um do outro”. (MORIN, 2011a, p. 43). A epistemologia precisa considerar nossa própria consciência como objeto de conhecimento, enriquecendo, assim, a reflexividade do sujeito.

Para Morin (2011a), a pesquisa deve encontrar pontos em comum entre teoria, metodologia e epistemologia, mantendo-se coerente e aberta para articulações. A esta ideia ele nomeia *scienza nuova*, um novo conceito que se opõem àquele em que a ciência é absoluta e eterna. Este novo conceito só tem sentido se conseguir incorporar a unidade e, ao mesmo tempo, a diversidade, a continuidade e as rupturas. Ela atravessa o campo das disciplinas, numa perspectiva transdisciplinar. Um desafio para a pesquisa aqui desenvolvida acerca do Bem Viver.

3.2 O PENSAMENTO COMPLEXO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

O conhecimento fragmentado em disciplinas impede, geralmente, a operação dos vínculos entre o parcial e o total. Por isso, deve-se partir em busca de um ensino- aprendizagem contextualizado, em sua complexidade e seu conjunto. Morin (2010) diz que o espírito humano situa, naturalmente, todas as informações em um contexto e um conjunto. Logo, é papel do professor ser mediador no estabelecimento de relações mútuas e das relações recíprocas entre o parcial e o total na complexidade do mundo. A articulação e organização dos conhecimentos nos apresenta a necessidade da interligação entre os saberes e da reforma do pensamento.

Edgar Morin (2000), em sua obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro” trata sobre a educação afirmando que é tarefa docente “ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo”. Segundo ele, é fundamental a promoção do conhecimento capaz de aprender problemas globais, inserindo os conhecimentos parciais e locais.

O Pensamento Complexo desafia as disciplinas. A complexidade dos sistemas exige que pessoas de diferentes disciplinas trabalhem juntas de maneira interdisciplinar.

Mariotti (2008) acredita que para alcançarmos mudança é preciso um trabalho sobre os fatores condicionantes da mente da cultura. Ele explica que é necessária uma educação que integre os modos linear e sistêmico de perceber e pensar o mundo, isto é, uma educação para o pensamento complexo.

3.2.1 O pensamento complexo e a reforma do ensino

São Tomás de Aquino apoiou-se na lógica de Aristóteles para tentar mostrar que o certo era o que dizia a sua igreja e não o que falavam os hereges. As estruturas universitárias mundiais sofreram forte influência desta estrutura da igreja e a lógica aristotélica, retalhada pelo tomismo, tornou-se instrumento básico da educação ocidental. (MARIOTTI, 2008, p. 63).

Nesta lógica existe uma separação entre as pessoas e os problemas e, segundo Mariotti (2008), separá-las do problema corresponde a separar o sujeito do

objeto, o observador do observado. É o equivalente a afastar os seres vivos dos seus processos vitais, descaracterizando a vida e transformando-a num jogo onde as questões sentimentais e emocionais podem ser substituídas por regras e regulamentos. E as soluções encontradas são classificadas como “justas” e “humanas”. Este é o pensamento linear que faz parte da cultura que estamos inseridos e, por isso, se propõe uma reforma de pensamento rumo à complexidade a partir da educação.

O ensino deve ser repensado a partir da consideração dos efeitos cada vez mais graves da hiperespecialização dos saberes e da incapacidade de articulação destes, impedindo a visão do global (porque está fragmentado) e do essencial (porque está dissolvido), explica Morin (2015). Contextualizar e globalizar são ações condicionantes de qualquer conhecimento pertinente segundo este autor.

Mariotti (2008) diz que a proposta do pensamento complexo é, não somente ficar apenas discutindo resultados, mas também questionar o processo mental por meio do qual eles foram obtidos. Morin (2015) nos lembra que a prevalência disciplinar, separatista, nos faz perder a aptidão de religar, de contextualizar, para então situar uma informação ou saber sobre o seu contexto natural.

Morin (2015) esclarece que as crianças têm a aptidão de fazer funcionar espontaneamente as aptidões sintéticas e analíticas. Elas estão aptas para captar a complexidade do real enquanto o adulto, formado pelo ensino acadêmico, não consegue mais percebê-la. Para ele, o professor deveria aprender para poder ensinar à criança este modo de conhecimento que religa.

Os modos de religação de Morin, rumo à reforma em direção ao pensamento complexo, incluem os conceitos de:

1. Sistemas: O todo não é a apenas a soma das partes, mas um todo organizado (sistema) produz ou favorece o aparecimento de certo número de qualidades novas, ausentes nas partes separadas: as emergências.
2. Causalidade Circular ou Circuito: É possível conhecer o todo sem conhecer as partes.
3. Dialógica: Herdeira da Dialética. É a associação complementar dos antagonismos que nos permite religar ideias que se rejeitam mutuamente (vida e morte)
4. Princípio Hologramático: Em um sistema, não apenas a parte encontra-se no todo, mas o todo encontra-se na parte.

Cada uma destas quatro noções de religação dos pensamentos segundo Morin, gerariam longos capítulos desta pesquisa, mas este não é o objetivo. A questão é que a reforma do pensamento permite integrar esses modos de religação. Morin cita em várias de suas obras algumas ciências que ele considera revoluções científicas favoráveis à reforma do pensamento complexo por considerá-las ciências sistêmicas com abordagens complexas. São elas: Física Quântica, Cosmofísica, Ciências da Terra, Ecologia e Cosmologia.

Para Morin (2015), estamos novamente no circuito da causalidade: “A reforma do pensamento requer uma reforma das instituições que, por sua vez, requer uma reforma do pensamento”. Precisamos um modelo que transforme este círculo vicioso em círculo produtivo. Ele aposta que em algum lugar possa surgir um desvio frutífero que permita que essa ideia se transforme em uma tendência.

Petraglia (2011) acredita que esta reforma para o pensamento complexo na educação jamais impor-se-á de maneira rígida ou ortodoxa. Ela acredita no trabalho dos professores e dela mesma como animadora desse movimento e relata que quando:

“esse movimento começar a se desenvolver, nós veremos a passagem, natural como em todo fenômeno evolutivo, em que o desvio alternativo torna-se uma tendência e onde a tendência pode talvez conseguir impor-se.” (PETRAGLIA, 2011, p. 63).

3.2.2 Uma pedagogia da complexidade

O processo de transformação do conhecimento surgiu a partir da problemática ambiental, que expôs a necessidade de gerar um método para pensar de forma integrada e multivalente os problemas globais e complexos. Também se faz necessária, segundo Leff (2001), “a articulação de processos de diferente ordem de materialidade.”

As soluções buscadas pelo modelo econômico hegemônico onde o lucro é o principal objetivo, geralmente são abordadas como problemas pouco conflitivo, excluindo as preocupações sociais e ambientais. A simplificação torna o problema “resolvível” e solucioná-lo desta forma é mais rápido e econômico. (IRWIN, 2011).

É preciso reconstruir a pedagogia da vida na qual estamos inseridos e Freire (1996, p. 28) explica que “o educando precisa assumir o papel de sujeito da

produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor.”

Morin (2000, p.16) afirma que devemos incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências. O ensino de estratégias para o enfrentamento de imprevistos e incertezas e modificar o desenvolvimento. É preciso abandonar:

“as concepções deterministas da história humana que acreditavam poder prever nosso futuro, o estudo dos grandes acontecimentos e desastres do nosso século, todos inesperados (...) devem-nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado e enfrentá-lo.

O que Morin (2000) define como “incerteza”, Freire (1996) denomina “curiosidade”. Tal incerteza/ curiosidade do pensamento simplista (senso comum) também se apresenta no conhecimento complexo (epistemológico) que haverá de ser desenvolvido a partir da busca de indagações, problematizações e da capacidade crítica.

Além dele, também Milton Santos (2002) chama atenção para a importância do pensamento complexo. Ele salienta que o contínuo processo de transformação/ produção do espaço e da conseqüente adaptação do homem ao mesmo tempo compreende a necessidade de interpretação do Espaço levando em conta três elementos: forma, estrutura e função. Ele ainda alerta sobre a complexidade para que não caiamos no simplismo de achar que podemos fazer análises isoladas. O fundamental está na articulação das categorias entre si, considerando as influências entre a estrutura e os processos para o estabelecimento das formas, bem como das funções distribuídas no espaço.

Milton Santos (2002) e Leff (2001) apresentam em suas obras ideias similares da necessidade de gestão participativa dos recursos como estratégia de gestão ambiental eficiente quanto a evitar futuros colapsos sócio- ambientais, com a fundação de novos modelos de produção e estilos de vida que levem em consideração as condições e potencialidades ecológicas, bem como a diversidade étnica. Surge, atualmente, um ensaio radical ainda em construção e com a proposta de mudança neste sentido: a filosofia do Bem Viver, que será discutido a seguir.

Na perspectiva freiriana, é preciso articular as informações com a realidade, dispondo-se a mudanças. A profundidade do conhecimento está em conhecer com

propriedade e domínio algum assunto em seu contexto; compreender as dimensões histórica, cultural e política e as relações que o legitimam. Tais relações poderiam abreviar o acontecimento da reforma que se espera.

Leff (2001, p. 259) relata sobre a “pedagogia da complexidade” que deveria iniciar nos primeiros anos escolares com a intervenção de professores que promovam espaços de convergências e complementação de conteúdos reformulados e deve continuar assim, “ambientalizando os paradigmas tradicionais do conhecimento” até a universidade. Tal pedagogia é um instrumento que:

“deveria ensinar a pensar a realidade socioambiental como um processo de construção social, a partir da integração de processos inter-relacionados e interdependentes, e não como fatos isolados, predeterminados e fixados pela história.”

Fritjot Capra, (1999) descreve ao longo de sua obra a teoria emergente dos sistemas vivos e mostra uma concepção nova de mente (cognição como processo de conhecer) que promete superar a divisão cartesiana entre mente e matéria. Pode-se relacionar a teoria de Capra com a visão de Freire, Morin, Leff e Milton Santos sobre a complexidade e inter-relação dos sistemas que a educação deve abordar, que se opõem a educação fragmentada, cartesiana.

Leonardo Boff (1999, p.75), introduz a teoria sistêmica ao seu pensamento, como descrito a seguir:

“A existência de Gaia e a nossa própria vida estão ligadas inegavelmente ao fato de pertencermos a um sol (...) e a Terra, situado na periferia de uma galáxia espiral média. O tipo de biosfera existente, bem como a estruturação biológica observada nos ecossistemas só podem desenvolver-se sob determinadas exigências. Concretamente isto significa que, nós, seja como Terra, seja como pessoas humanas, embora situados num canto irrisório de nosso sistema galáctico e universal, temos a ver como um todo. O todo conspirou para que nós existíssemos e tivéssemos chegado aqui.”

Dentro da análise sobre a complexidade em que devemos observar no mundo em que estamos inseridos e, em educação, propor práticas inovadoras e emancipadoras, Fritjot Capra, em sua obra “A teia da vida” (1999) nos leva a pensar sobre o estudo de uma nova ciência, a ecologia, que enriquece o modo sistêmico de

pensar, introduzindo as concepções de comunidade e rede. Este pensamento sistêmico, da compreensão da complexidade das relações, é, segundo o autor, uma ideia antiga utilizada por poetas, filósofos e místicos para transmitir seu sentido de entrelaçamento e de interdependência de todos os fenômenos. Os pensadores sistêmicos utilizam os modelos de rede:

“em todos os níveis dos sistemas, considerando os organismos como redes de células, órgãos e sistemas de órgãos, assim como os ecossistemas são entendidos como redes de organismos individuais. De maneira correspondente, os fluxos de matéria e de energia através dos ecossistemas eram percebidos como o prolongamento das vias metabólicas através dos organismos. (...) A teia da vida consiste em redes dentro de redes.” (CAPRA, 1999, p. 45).

Leff (2001) diz que um novo conceito de ambiente como uma nova visão do desenvolvimento humano foi configurado na percepção da crise ecológica, que “reintegra valores e potenciais da natureza, as externalidades sociais, os saberes subjugados e a complexidade do mundo negados pela racionalidade mecanicista, (...) e fragmentadora que conduziu o processo de modernização”. O ambiente, nesse sentido, emerge como um “saber reintegrador da diversidade” articulando os processos ecológicos, tecnológicos e culturais.

Para Boff (1999, p. 95), “o cuidado como modo-de-ser perpassa toda a existência humana e possui ressonâncias em diversas atitudes importantes.” Segundo o autor, toda vida precisa de cuidado para não adoecer e para não morrer. A partir daí ele sugere algumas ressonâncias do cuidado, privilegiando o amor como fenômeno biológico, a justa medida, a ternura, a carícia, a cordialidade, a convivialidade e a compaixão. Nesse sentido, Boff relaciona-se com Paulo Freire sobre a afetividade necessária na educação. Para ele, o planeta Terra é único e é um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio. Ele mostra aqui seu pensamento sistêmico.

Poeticamente o autor afirma que:

“os que poderiam conscientizar (sensibilizar) a humanidade desfruta gaiamente a viagem em seu *Titanic* de ilusões. Mal sabem que podemos ir ao encontro de um *iceberg* ecológico que nos fará afundar celeremente.” (BOFF, 1999, p. 97).

Leonardo Boff (1999), ao longo de sua obra, cita a alfabetização ecológica e a revisão dos nossos hábitos de consumo como importantes para os cuidados com o planeta, além do desenvolvimento de uma ética global.

Enrique Leff (2001) afirma que a os sinais da crise do mundo globalizado são “a degradação ambiental, o risco de colapso ecológico e o avanço da desigualdade e da pobreza”. Ele apresenta o pensamento sistêmico, descrevendo um mundo de complexidades onde “se reencontram o pensamento e o mundo, a sociedade e a natureza, a biologia e a tecnologia, a vida e a linguagem” forjando-se um saber ambiental.

Ainda, para Leff (2001), na perspectiva da complexidade, “a gestão ambiental do desenvolvimento sustentável exige novos conhecimentos interdisciplinares e o planejamento intersetorial do desenvolvimento.”

Apropriado do pensamento complexo, Acosta (2016, p. 38) sugere que os problemas podem ser resolvidos a partir de uma aproximação multidisciplinar. Segundo ele, “vivemos numa situação de complexidades múltiplas que não podem ser explicadas a partir de visões monocausais”.

Sampaio e Alcântara (2017) falam sobre o diálogo transdisciplinar entre as ciências naturais para o conhecimento tradicional das comunidades, valorizando o diálogo entre saberes científicos e culturais e a inserção da subjetividade nos discursos (visando as práticas) sobre o Bem Viver. Discurso este que se aproxima muito das ideologias que fundamentam a agroecologia.

3.2.3 Autonomia e emancipação do educando

Paulo Freire (1996) nos apresenta uma pedagogia que visa construir a autonomia do cidadão na aquisição do conhecimento. Ele afirma que “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.” (FREIRE, 1996, p.13).

Neste modelo de educação deve ser incentivada a pesquisa contínua e a problematização, em busca de indagações para constatações, intervenções e, finalmente, educação. A pesquisa, segundo Freire, tem o objetivo de conhecer o

desconhecido e comunicação ou anúncio da novidade. (FREIRE, 1996). A contextualização, a associação da disciplina, cujo conteúdo se ensina, com a realidade concreta dos alunos é um meio necessário para alcançar a curiosidade epistemológica, a curiosidade crítica, superando a curiosidade ingênua. Tal curiosidade com inquietação indagadora é uma das tarefas da prática educativo-progressista. (FREIRE, 1996). É possível relacionar essa posição freiriana de autonomia na busca pelo conhecimento com o objetivo de Morin da contextualização do ensino- aprendizagem e a complexidade dos objetos, analisando as relações que podem ser estabelecidas.

Transdisciplinariedade, é o que existe para além dos saberes estabelecidos, pois aponta como todos, devem convergir para a compreensão do que seja a realidade, a sociedade, o mundo, a vida e o ser, os quais estão para além de qualquer saber. O olhar atento e a responsabilidade com os atos gerados a partir de opções pessoais atuam e interferem em toda a coletividade. (KEIM, 2016).

São necessárias competência teórica, clareza epistemológica e metodológica e consciência transdisciplinar para superar os desafios para a sobrevivência da humanidade. Tais desafios são: construir, desconstruir e reconstruir o conhecimento humano, formar cidadãos, muito além do que simplesmente indivíduos e desenvolver a consciência. (MORIN, 2005 *apud* ALCANTARA e SAMPAIO, 2017, p. 239).

A visão transdisciplinar, indispensável na prática do Bem Viver, é norteadada por três eixos: a Atitude Transdisciplinar busca a compreensão da realidade do nosso universo e das demais relações nele existentes na tentativa de recuperar os sentidos da relação do ser humano com a Realidade; a Pesquisa Transdisciplinar requer a integração de processos dialéticos e dialógicos na pesquisa para a manutenção do conhecimento como Sistema Aberto; a Ação Transdisciplinar propõe a articulação em diversas relações (com o mundo, com o outro, ...) da formação do ser humano, buscando mediar conflitos de contexto local ou global, visando a paz e a colaboração entre as pessoas e entre as culturas. (NICOLESCU, 2005 *apud* ALCANTARA e SAMPAIO, 2017, p. 239).

Sendo assim, o Bem Viver para Acosta (2016 *apud* ALCANTARA e SAMPAIO, 2017, p. 239) faz pensar que:

A busca de novas formas de vida implica revitalizar a discussão política, ofuscada pela visão economicista sobre fins e meios, na qual a resolução de problemas exige a aproximação transdisciplinar, tendo como parâmetro complexidades múltiplas.

3.3 O BEM VIVER E APROXIMAÇÕES COM A AGROECOLOGIA

A filosofia do Bem Viver inclui muitos princípios, valores e práticas que se aproximam da Agroecologia. Inicialmente, o fato de ambas as filosofias considerarem os saberes populares acerca das questões da Mãe Terra e trazerem tais conhecimentos para o meio acadêmico já é um fato de grande relevância.

Acosta (2011) acredita que a cultura local deve ser considerada para que o Bem Viver seja moldado de acordo com cada realidade, sem um modelo pré-definido, mas dentro dos princípios e das harmonias descritas e estudadas nesta pesquisa. O que Guzmán (2001), define na agroecologia como os elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, convergem com esta ideia de valorização dos saberes locais para que, através deles, estratégias de desenvolvimento sejam definidas a partir da própria identidade local do etnoecossistema concreto em que se inserem.

Guzmán (2001) explica que a Agroecologia propõe métodos de desenvolvimento endógeno para o manejo ecológico dos recursos naturais, ou seja, necessita utilizar os elementos de resistência específicos de cada identidade local. O Bem Viver estabelece três harmonias necessárias para se instale “uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte”, segundo Acosta (2011): harmonia do indivíduo com ele mesmo; harmonia entre o indivíduo e a sociedade e harmonia entre a sociedade e o planeta. Tais harmonias indicam o conhecimento sobre o território em que estão inseridos, sobre a sociedade a qual pertencem, sobre as relações que ali acontecem e a identidade e pertencimento ao território. Estas harmonias são, então, convergentes com o que a Agroecologia denomina de elementos de resistência.

Ambas as propostas, Agroecologia e Bem Viver, propõem potencializar a ação social coletiva por acreditar em seu potencial endógeno transformador. Quando se trata do Bem Viver não possui um modelo pré-definido, bem como a Agroecologia, leia-se que não se propõe levar soluções prontas para a comunidade.

Antes disso, detecta-se as soluções possíveis localmente e "acompanha-se" e anima-se os processos de transformação existentes em uma dinâmica participativa.

Além disso, acredita-se que os princípios do Bem Viver possuem muitas outras convergências com a Agroecologia, porém, este é o fruto desta investigação, e os resultados serão discutidos a seguir.

3.3.1 Descrevendo a Agroecologia na abordagem sistêmica

A Agroecologia, enquanto matriz disciplinar, identifica-se no campo do "pensar complexo", segundo Morin (1999). Segundo ele, "*Complexus*" significa "o que é tecido junto". O paradigma da simplificação, cartesiano ou reducionista não é capaz de abranger todas as abordagens que a Agroecologia exige, reconhecendo que "nas relações do homem com outros homens e destes com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático". (CAPORAL, 2009). Nesta abordagem do pensamento complexo evidenciado neste estudo, serão valorizados os saberes tradicionais e sua cosmovisão relacionados com os conhecimentos das disciplinas científicas.

A Agroecologia surge como uma ciência desafiadora pela necessidade de integrar os saberes técnico-científicos com os saberes populares. Segundo Gliessman (2005) agroecologia se define como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. São justamente estas bases epistemológicas que permitem que esta ciência escape "das armadilhas do paradigma convencional, reducionista e cartesiano da disjunção que separa o homem da natureza" em busca da compreensão do todo a partir do estudo das partes. Esta ciência exige um enfoque holístico, uma abordagem sistêmica, do pensamento complexo. (CAPORAL, 2009)

A obra de Alfredo Pena-Veja, sugerida por Caporal e que será discutida em breve neste texto, coloca a Ecologia numa abordagem da complexidade segundo Morin, e reforça os princípios da Agroecologia nestes mesmos padrões.

Os elementos centrais da Agroecologia são agrupados em três dimensões: 1) ecológica e técnico-agronômica; 2) socioeconômica e cultural; e 3) sócio-política. Estas dimensões se relacionam umas com as outras, numa abordagem sistêmica, em rede, na abordagem da complexidade, inter, multi e transdisciplinar. Elas influem uma à outra (CAPORAL, 2009).

Esse processo é denominado de Metabolismo Social, quando os seres humanos, em suas atividades produtivas, realizam ao mesmo tempo dois atos: “por um lado, socializam frações ou partes da natureza e, por outro, naturalizam a sociedade produzindo e reproduzindo suas ligações com o universo natural” (TOLEDO y GONZÁLEZ DE MOLINA, 2004), permitindo adotar o pensamento complexo, até mesmo porque a separação do pensamento linear não daria conta desta relação.

3.3.2 Agroecologia e a superação de padrões de desenvolvimento

O sistema convencional de agricultura consome muita energia e está baseado em combustíveis fósseis, gerando riscos aos trabalhadores agrícolas e aos consumidores. Esta prática não é capaz de lidar com os desastres climáticos que se avolumam. A Revolução Verde ficou conhecida como a era da agricultura química intensa, iniciada na década de 60. O resultado imediato trouxe aperfeiçoamento da produção, porém essa prática de cultivo, que viabilizou a monocultura, implicou riscos de ataque por uma única praga, além de afetar seriamente a saúde humana. (CAPRA, 2014).

Mariotti (2008) explica que no sistema de agricultura convencional a linearidade do raciocínio deixou de levar em conta a complexidade do sistema. Nesta rede de relações poderia incluir-se as pragas e as relações de equilíbrio entre elas, além de muitas variáveis, os consumidores, os agricultores e tantas outras.

A Agroecologia tem se apresentado no Brasil como um movimento que proporciona encontros e debates com aqueles que acreditam neste paradigma a favor da busca da soberania e segurança alimentar, uma ciência à luz do pensamento complexo. Muito além disso, esta ciência é considerada uma filosofia por clamar pela necessidade de promover ações de desenvolvimento de estratégias inovadoras que superem os padrões de “desenvolvimento” e de agricultura, a favor do rompimento com o individualismo consumista e irresponsável que tem exposto a humanidade a colapsos socioambientais. Para Gliessman (2005) a agricultura do futuro deve ser tanto sustentável quanto altamente produtiva para poder alimentar a crescente população humana. É possível encontrar uma vasta gama de textos e estudos sobre o referido tema, mas esta pesquisa enfatizará as questões da agroecologia no setor da educação, nas relações que se tem com o ambiente, em

busca da superação dos padrões estabelecidos pelo desenvolvimento, a partir da compreensão e respeito dos limites da natureza, como propõe a filosofia do Bem Viver em seus princípios que embasam este estudo.

FIGURA 5 - ESTUDANTES DA ELAA NO TEMPO TRABALHO NA AGROFLORESTA



FONTE: A autora (2018)

A Agroecologia surge como uma reorientação dos processos produtivos e das estratégias de desenvolvimento a fim de minimizar os impactos ambientais gerados pela agricultura convencional. Mas, ao mesmo tempo, além de pensar do ambiente, esta ciência contribui com estratégias para um desenvolvimento social mais apropriado e que preserve a biodiversidade e a diversidade sociocultural. Para que isso aconteça, Caporal (2009) sugere que pesquisa, ensino e extensão rural reinventem seus enfoques tradicionais à luz do imperativo socioambiental, pensando nos processos de transição agroecológicos baseados nos princípios da Agroecologia. Para que isso aconteça, o enfoque agroecológico é entendido como a aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas mais sustentáveis, de acordo com Gliessman (2005).

3.3.3 Agricultura sustentável e a compreensão holística dos agroecossistemas

As bases epistemológicas da Agroecologia mostram uma íntima relação entre a evolução da cultura humana e do meio ambiente, como resume Norgaard (1989, *apud* CAPORAL, 2009, p. 25). E elas se constituem amparadas na abordagem da complexidade, como descreve esse autor a seguir:

“a) os sistemas biológicos e sociais têm potencial agrícola; b) este potencial foi captado pelos agricultores tradicionais através de um processo de tentativa, erro, aprendizado seletivo e cultural; c) os sistemas sociais e biológicos co evoluíram de tal maneira que a sustentação de cada um depende estruturalmente do outro; d) a natureza do potencial dos sistemas social e biológico pode ser melhor compreendida dado o nosso presente estado do conhecimento formal, social e biológico, estudando-se como as culturas tradicionais captaram este potencial; e) o conhecimento formal, social e biológico, o conhecimento obtido do estudo dos sistemas agrários convencionais, o conhecimento de alguns insumos desenvolvidos pelas ciências agrárias convencionais e a experiência com instituições e tecnologias agrícolas ocidentais podem se unir para melhorar tanto os agroecossistemas tradicionais como os modernos; f) o desenvolvimento agrícola, através da Agroecologia, manterá mais opções culturais e biológicas para o futuro e produzirá menor deterioração cultural, biológica e ambiental que os enfoques das ciências convencionais por si sós.”

Existem várias sugestões de transição para os agroecossistemas. Gliessman (2005), sugere três níveis fundamentais no processo de transição para agroecossistemas mais sustentáveis. No primeiro nível ocorre o incremento da eficiência das práticas convencionais com a finalidade da redução do uso e do consumo de *inputs* externos caros, escassos e daninhos ao ambiente. No segundo nível da transição, deve se substituir os *inputs* e práticas convencionais por práticas alternativas mais benignas sob o ponto de vista ecológico. No terceiro nível acontece o redesenho dos agroecossistemas baseado nos processos ecológicos.

Nesse diálogo com o pensamento complexo, Sevilla Guzmán e Gozález de Molina (1996, *apud* CAPORAL, 2009, p. 26) definem a Agroecologia como um:

“campo de estudo que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para - através de uma ação social coletiva de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica - reconduzir o curso alterado da co evolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e expoliadoras da natureza e da sociedade.”

Com esta estratégia, valoriza-se a dimensão local e seus recursos, conhecimentos e saberes. Da mesma forma implementam-se estilos de agriculturas

que potencializam a biodiversidade ecológica e a diversidade sociocultural, segundo os autores acima citados.

Acredita-se, na perspectiva sistêmica da agroecologia, que os sistemas vivos se organizam, se regeneram, se desenvolvem e evoluem. Como são sistemas abertos existe um intercâmbio ininterrupto e simultâneo de matéria, energia e informação com o meio, enquanto o padrão e a ordem se mantêm. Quando o sistema não encontrar as entradas e saídas necessárias, buscará novos padrões de funcionamento.

Esta nova perspectiva de compreensão dos sistemas supõe a compreensão da estrutura não como um simples local onde ocorrem coisas, mas como a estrutura e a forma estão relacionadas com o processo e, na verdade, são uma expressão dele, como explicada por Wheatley (2006, p. 20).

A vida é um processo permanente.

As agriculturas mais sustentáveis, segundo Gliessman (2005) baseadas numa compreensão holística dos agroecossistemas, devem atender de forma integrada alguns critérios: a) baixa dependência de *inputs* comerciais; b) uso de recursos renováveis localmente acessíveis; c) utilização dos impactos benéficos ou benignos do meio ambiente local; d) aceitação e/ou tolerância das condições locais, antes que a dependência da intensa alteração ou tentativa de controle sobre o meio ambiente; e) manutenção, a longo prazo, da capacidade produtiva; f) preservação da diversidade biológica e cultural; g) utilização do conhecimento e da cultura da população local; e h) produção de mercadorias para o consumo interno antes de produzir para a exportação.

FIGURA 6 – AGROFLORESTA DO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO



FONTE: A autora (2018)

A agricultura sustentável utiliza mais conhecimentos ecológicos do que químicos ou de engenharia genética para aumentar sua produção, controlar pragas e recuperar a fertilidade do solo. Os agricultores da agroecológicos sabem que um solo fértil é um solo vivo, um ecossistema complexo e conhecem as funções dos seres vivos daquele ecossistema, da bactéria aos insetos, da erva daninha às grandes árvores. A agroecologia tem como princípio-chave a diversificação dos sistemas de produção agrícola e podem conter pecuária integrada para sustentar os ecossistemas. Além do mais, esta ciência visa mão de obra para a comunidade, agindo no setor social com redução de pobreza e de exclusão social. (CAPRA, 2014). Para Altieri (2000), “a agroecologia aumenta a produtividade agrícola de maneira economicamente viável, ambientalmente benigna e socialmente enriquecedora.”

É possível observar convergências entre o pensamento linear e o pensamento complexo, com a descrição que Shiva (2012) relatou sobre a importância dos agricultores nesta visão agroecológica:

“Enquanto os agricultores cultivam a diversidade, as corporações cultivam para a uniformidade.
Enquanto os agricultores cultivam para produzir o poder da recuperação, as corporações cultivam para a vulnerabilidade.

Enquanto os agricultores cultivam para produzir sabor, qualidade e nutrição, as indústrias cultivam para o processo industrial e o transporte de longa distância em um sistema alimentar globalizado.”

As práticas agroecológicas estão alicerçadas nas tradições dos povos originários, nas tradições camponesas, que normalmente produzem em pequena escala e são nutridos por complexos conhecimentos indígenas. (KOOHAFKAN E ALTIERI, 2010). Capra (2014) afirma que todos os indivíduos e as comunidades que vivem estas práticas são ecologicamente alfabetizados. Segundo sua teoria, essas pessoas perceberam que, a fim de criar e manter sociedades sustentáveis, é preciso honrar e respeitar a natureza.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1 HISTÓRICO DO MST NO PARANÁ E DO ASSENTAMENTO CONTESTADO

FIGURA 7 - ENTRADA DO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO



FONTE: A autora (2017)

A imposição da hegemonia elitista não consegue universalizar os direitos e acaba dando espaço à disseminação de uma rede de novas subjetividades políticas que buscam outra forma de globalização: o MST, a Via Campesina, o Zapatismo, a Comuna Urbana, o Movimento Negro Unificado, os movimentos dos indígenas, dos

migrantes, das mulheres, as associações dos pacifistas, dos ambientalistas e outras tantas organizações da sociedade civil popular, são expressões da ‘potência’ popular que sinaliza a criação de uma outra sociedade e permite reinventar a política e os partidos. (SEMERARO, 2009).

O olhar mais claro sobre o movimento social, na compreensão da pesquisadora, é o olhar que vem de dentro dele, por isso buscou-se referências e diálogos com autores camponeses, atuantes do processo, inclusive.

O MST, destaca-se por seu protagonismo na luta pela terra e pelas propostas de adesão à agroecologia das famílias assentadas com o intuito de resistir e superar o modelo de agricultura convencional.

A história do campesinato é marcada por um histórico violento, principalmente na Guerra do Contestado (1912-1916), na ação do Estado Novo Getulista (1938-1945) e na Ditadura Militar (1964-1984). Durante a Ditadura, é importante lembrar no histórico camponês, que houve a imposição da “revolução verde” que marcou a subordinação direta à hegemonia do capital internacional sob tutela geopolítica dos Estados Unidos da América, como lembra este camponês que aqui é citado. (TARDIN, 2009).

Pelo processo acima descrito, Tardin (2009) denomina processo militar-político-econômico-científico-técnico global, tamanha é a violência sofrida por eles durante a expulsão das famílias do campo ou nos processos de subordinação aos sistemas de “integração” às agroindústrias e financeiro. Esse processo acarretou um aumento da “reprodução do capital na agricultura em bases tecnológicas industriais de impactos destrutivos sem precedentes nas bases ecológicas da agricultura.” (TARDIN, 2009, p. 383). Isso se intensificou planetariamente a partir da década de 90, com o neoliberalismo e o “poderio imperialista dos EUA”, que fez configurar o agronegócio.

A resistência camponesa como resposta política é citada por Tardin (2009) na Guerra do Contestado, na Revolta dos Colonos do Sudoeste do Paraná e no conflito de Porecatu. Nos anos 80, os Ribeirinhos do Rio Paraná foram expulsos de suas terras pelo Estado Militar para a construção de Itaipu, que culminou com a criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), expresso no Departamento Rural da Central Única dos Trabalhadores – CUT, que atualmente constitui a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar – FETRAF.

As questões ambientais, com destaque para a Conferência de 1992 no Rio de Janeiro influenciou fortemente os movimentos sociais, principalmente o MST que já mostrava preocupação com a utilização de tecnologias alternativas, como relata Tardin em seu documento de 2009.

O processo de Modernização Conservadora, conforme Silva (1981), atingiu os camponeses através dos programas de extensão rural e da depreciação das práticas tradicionais. Então, eles acabaram por adotar padrões da agricultura convencional, pois havia falta de recursos e não se utilizava o pacote tecnológico completo. (CAPORAL, 1994).

O neoliberalismo da década de 90 intensificou o modelo agrícola convencional e a utilização dos organismos transgênicos, denominando a esse modelo de agronegócio e dificultando a inserção dos pequenos agricultores no mercado, além do aumento nos impactos ambientais. Esse processo levanta críticos e pesquisadores na construção das bases da agroecologia que, aos poucos, vai conquistando o status de ciência. (BRADENBURG, 2002).

O processo de promoção da agricultura alternativa, biodinâmica e orgânica inicia-se concomitante e, no início dos anos 90, durante o neoliberalismo, a agroecologia se destaca a partir do protagonismo dos movimentos sociais. Então a Terra de Direitos, uma organização de direitos humanos, amplia o campo de ação nas lutas sociais por suas competências político-jurídicas, e as escolas técnicas de agroecologia surgem como “iniciativa pioneira dos Movimentos Camponeses no país.” (TARDIN, 2009, p. 383).

Como a agroecologia vem questionando também as bases da produção nas questões sociais, assumindo o compromisso e o respeito com as populações camponesas e seus saberes, o MST e os movimentos sociais ligados a Via Campesina passam a incorporar a defesa desta ciência como estratégia de luta e resistência. O MST conta com a incorporação da agroecologia em suas resoluções a partir do IV Congresso Nacional do MST, realizado no ano 2000, em defesa na mudança da matriz produtiva e da soberania alimentar.

O campesinato tradicional ocupou grande parte do território do Paraná, desenvolvendo complexos mosaicos de agrossistemas de policultivos alimentares baseados no trabalho familiar e de cooperação entre vizinhos, com ampla utilização de tração animal, sementes e animais crioulos. As práticas de manejo de fertilidade estavam especialmente centradas no sistema de pousio e reciclagem de resíduos

vegetais e do esterco dos animais, como nos conta Tardin, 2009, que participou dos movimentos que originaram o assentamento e a escola desta pesquisa.

O Grupo Terra Livre, organizado inicialmente por 34 famílias do Assentamento Contestado, na Lapa, tem desenvolvido experiências de transição agroecológica.

Tardin (2009) relata que os camponeses se organizavam com elevado nível de sustentabilidade, citando sistemas agroindustriais movidos por energia hidráulica, ampla rede de profissionais que compartilhavam capacidades e conhecimentos para uso dos bens naturais locais. Eles ainda instalaram escolas, muitas vezes autônomas e bilíngues, e atividades que garantiam que a cultura estivesse presente naqueles territórios:

“as músicas, danças, peças teatrais, o artesanato, práticas desportivas típicas, a força mística da religiosidade popular, a multivariada gastronomia oferecida nas festas, asseguravam intensa sociabilidade cultivando o “espírito” camponês.” (TARDIN, 2009, p. 382).

Simone Aparecida Rezende, coordenadora pedagógica do MST, explica que o Assentamento Contestado, no município da Lapa, Paraná, abriga aproximadamente 150 famílias em uma área de mais de três mil hectares. Esse território era uma antiga Fazenda Santa Amélia, do tempo do Brasil Colonial e ainda possui ruínas que contam a história da escravidão. Pertencia ao Barão de Serro Azul, mais tarde para uma indústria de cerâmica, que tinha uma grande dívida com a União. Trinta famílias do MST ocuparam a terra em 1999, reivindicando sua destinação à reforma agrária. Desde o início a proposta do assentamento era a produção orgânica e hoje, as hortas certificadas integram a Cooperativa Terra Livre. Tardin, citado neste texto, é um personagem muito importante neste contexto, pois foi um dos integrantes deste movimento e participou dos primeiros movimentos da criação da Escola Latino-Americana de Agroecologia. Seu olhar campesino e sua produção tem grande valia nas discussões desta pesquisa.

4.2 A ESCOLA LATINO-AMERICANA DE AGROECOLOGIA

A Escola Latino-americana de Agroecologia (ELAA) está inserida no Assentamento do Contestado (parte do MST), no município da Lapa, no estado do Paraná, no Brasil. Está distante aproximadamente 20 km do centro urbano do

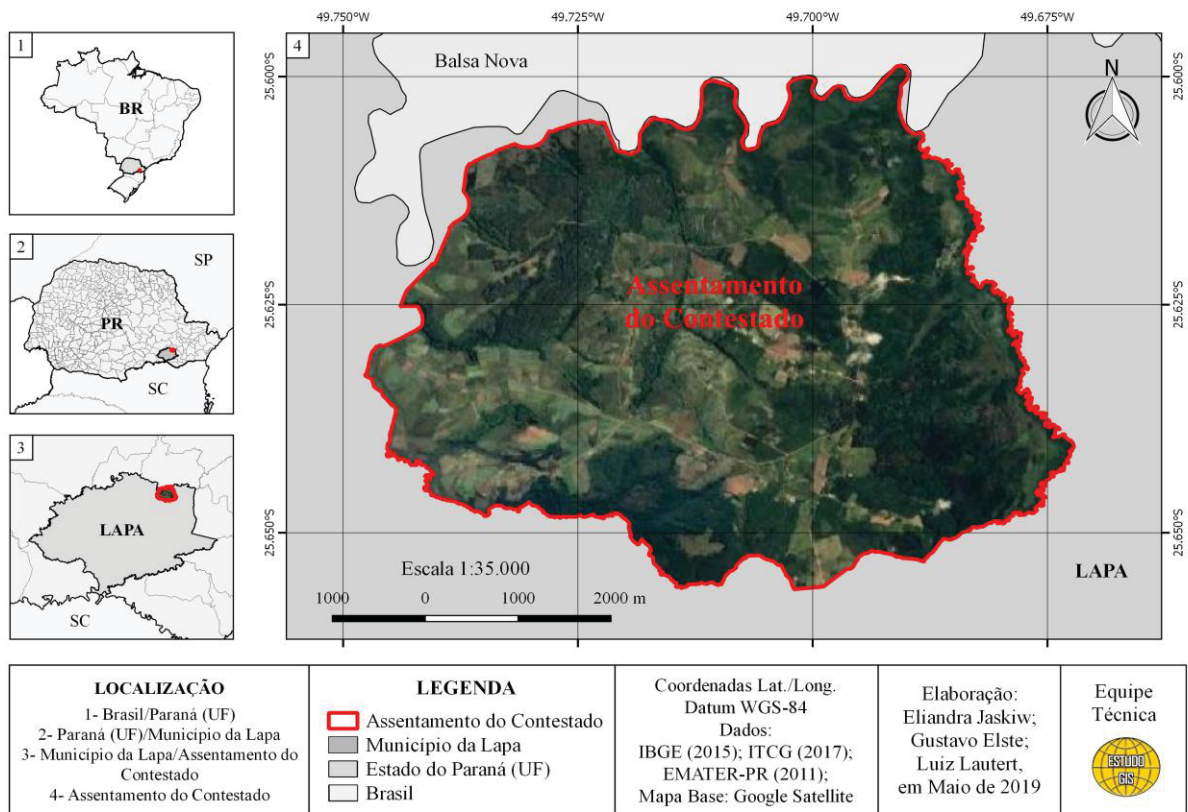
mesmo município e a 70 km da capital do estado, Curitiba. Seus limites encontram-se totalmente inseridos na Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana.

FIGURA 8 - PLENÁRIA DA ELAA (EL SPACIO)



FONTE: A autora (2017)

FIGURA 9 - TERRITÓRIO DA PESQUISA



Atualmente moram e trabalham no Assentamento 108 famílias assentadas, beneficiárias dos lotes oficiais, e aproximadamente 50 famílias agregadas¹. Todas estão organizadas em 10 Núcleos de Base (NBs) que formam a estrutura organizativa interna. Cada NB é formado por uma coordenadora e um coordenador que integram a direção política do Assentamento. O Assentamento conta ainda com a Cooperativa Terra Livre que organiza a comercialização de produtos agrícolas localmente e em comunidades e municípios próximos. (ORZEKOVSKI, 2013, p. 40). Atualmente, somam-se mais de 150 famílias distribuídas no território devido a subdivisões que as famílias fazem entre si.

A ELAA atende atualmente estudantes de movimentos sociais como: La Via Campesina e o MST de 6 países da América Latina (Brasil, Chile, Bolívia, República Dominicana, Argentina e Paraguai). Atua em parceria com o Instituto Federal do Paraná. Fundada em 2005 pela necessidade de debater alternativas de produção a partir dos processos agroecológicos e da gestão democrática, da coletividade através dos seus núcleos de base.

FIGURA 10 - QUADRO INTERNO NA ELAA DE AUTORIA DO INTEGRANTE DO MST ACIR BATISTA DA ESCOLA MILTON SANTOS



FONTE: A autora (2018)

¹ As famílias assentadas são aquelas que possuem lotes regularizados de acordo com normas do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e as famílias agregadas são as famílias que não possuem lote documentado, mas, que habitam e produzem em terreno cedido por parentes. Normalmente constituem estas últimas os filhos e filhas e a nova família que constituíram.

Segundo a pedagoga Simone Rezende, a instituição propõe a defesa da segurança alimentar dos povos, das sementes, além de criar uma rede de intercâmbio entre os camponeses que integram os movimentos sociais na América Latina.

Para que a criação e manutenção da escola foram realizadas parcerias entre órgãos governamentais e movimentos sociais. São eles: o governo da Venezuela, o Governo do Estado do Paraná, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), La Via Campesina e Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná (ET-UFPR), atual Instituto Federal do Paraná (IFPR).

O objetivo geral da ELAA, segundo Silva (2010) tem sido formar trabalhadores rurais militantes dos Movimentos Sociais do campo tecnólogos em agroecologia que contribuam na construção de um novo paradigma civilizatório para o campo latino-americano. Para que isso aconteça, procura-se investir em cultura e ciência; incentivar os estudantes a realizar a transformação da sua realidade social e produtiva dos processos envolvidos no contexto dos diferentes agroecossistemas da América Latina.

FIGURA 11 - FACHADA DO SETOR PEDAGÓGICO DA ELAA



FONTE: A autora (2018)

Neste sentido, este processo de educação é importante compreender a dinâmica da produção camponesa e identificar seus pontos críticos e potenciais que podem fomentar propostas, conhecimentos e comunicar soluções apropriadas aos problemas da agricultura camponesa, visando a sustentabilidade sócio - ambiental. Além disso, é possível aplicar os princípios e técnicas de abordagens participativas na realização de tecnologias e procedimentos organizacionais.

A Agroecologia, como ciência, já sugere a necessidade de mudanças nos currículos de formação dos profissionais para que possam atuar como agentes de desenvolvimento. Na ELAA, além da agroecologia, existem os princípios dos movimentos sociais, que envolvem a resistência e a militância aos processos colonizadores, bem como os enfoques e métodos de pesquisa e extensão rural. Sendo assim, a aplicação dos seus princípios requer uma estratégia integradora de conhecimentos, complexa, sistêmica e holística. Segundo Caporal (2009) a construção de agriculturas mais sustentáveis precisa ter presente as dimensões ecológicas, econômicas, sociais, políticas, culturais e éticas da sustentabilidade. Isso implica em metodologias participativas, que é o que a ELAA propõe, além de garantias de acesso aos direitos básicos de cidadania, respeito às diferenças culturais, de gênero, de raça, de etnia. Além do mais, necessita-se uma nova perspectiva da economia, que não privilegie apenas o aumento de produção e produtividade de cultivos, mas a produtividade total dos sistemas.

A sociedade, muitas vezes obcecada por números, valoriza o que é quantificável. Porém, esta investigação presta atenção nos elementos qualitativos no território onde acontece através da conjugação de metodologias que permitem avaliar o processo, não apenas a estrutura.

O curso de Tecnologia em Agroecologia² tem como princípio a educação libertadora e considera a realidade do agricultor como referencial educativo, metodológico e pedagógico (SILVA, 2010).

² Existe um processo de seleção, como um vestibular, para que os alunos participem do curso de tecnologia em Agroecologia. A escola funciona em regime de alternância que oscila entre Tempo Escola, com duração de 75 dias, e Tempo Comunidade, com duração de 90 dias. Simone, pedagoga da ELAA, descreve o Tempo Escola como o período em que os estudantes permanecem em período integral na escola que conta com toda a infraestrutura para atendê-los. As atividades são definidas na coletividade e incluem a organização dos tempos educativos: tempo aula, tempo leitura, tempo trabalho, tempo oficina, tempo formatura, tempo reflexão escrita, tempo cultura e lazer, tempo núcleo de base, tempo notícia, tempo círculo de cultura, tempo socialização de experiências agroecológicas,

Para Barradas (2000 *apud* SILVA, 2010, p. 03):

“a escola deve pensar e fazer uma escola que seja educadora do povo; a educação é mais do que ensino; a vida escolar deve estar centrada na atividade produtiva; a escola deve vincular-se ao movimento social e ao mundo do trabalho; a auto-organização dos educandos com base do processo pedagógico da escola; pensar um jeito de desenvolver o ensino que seja coerente com o método dialético de interpretação da realidade e, sem teoria pedagógica revolucionária não há prática pedagógica revolucionária.”

Tardin (2009), afirma que na trajetória histórica do campesinato, construindo a partir da sua experiência real das bases ecológicas da agricultura, a construção da ELAA demonstra a capacidade do povo camponês organizado em promover os avanços no interior do seu conhecimento e da sua prática de vida. E também afirma que se havia alguma incerteza sobre a capacidade dos movimentos sociais em buscar sua qualificação, a primeira turma de tecnólogos em agroecologia já provou que é possível.

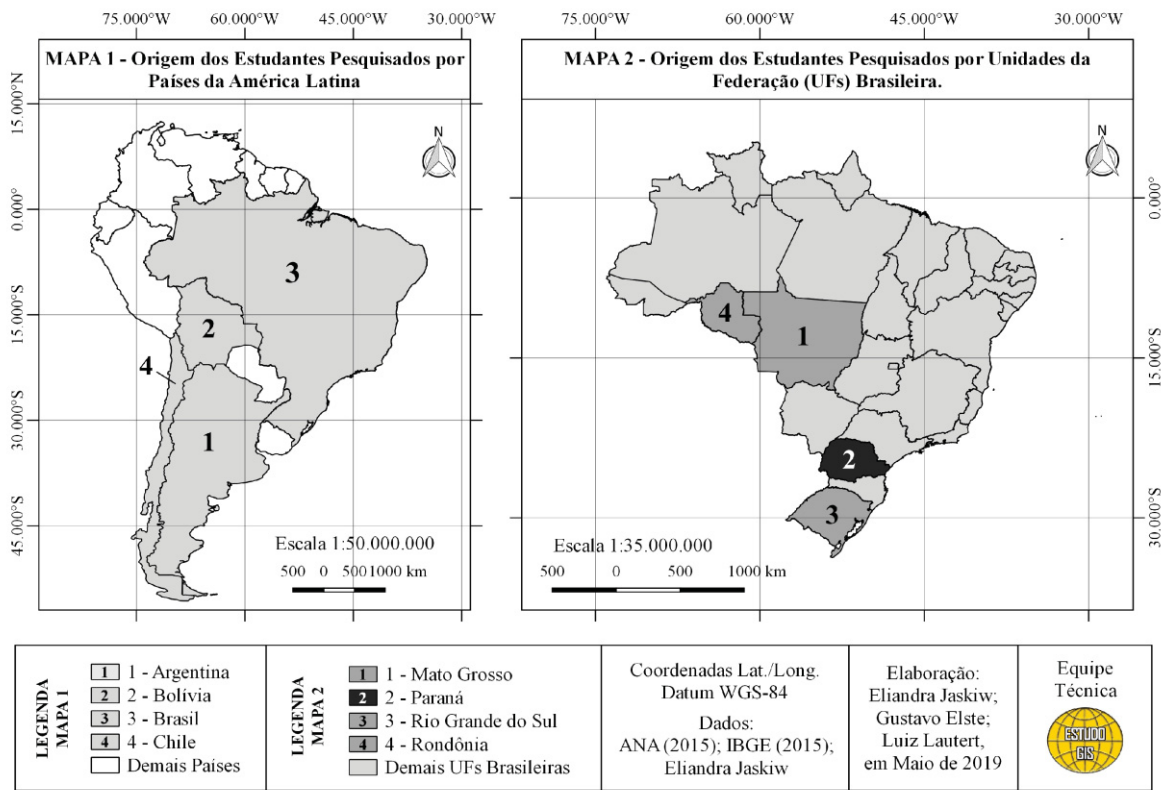
Além do curso técnico em agroecologia, a ELAA também oferece o Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LECAMPO), em parceria com a Universidade Federal do Paraná, que atende estudantes de várias localidades, exceto os internacionalistas devido à modalidade de financiamento que é praticada. O recorte desta investigação que acontece na ELAA é o curso técnico em Agroecologia devido as relações que se pretende traçar.

RECORTE PARA A INVESTIGAÇÃO: Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia com 45 alunos. A turma é bem heterogênea quanto à origem dos mesmos. Eles são oriundos dos movimentos sociais nos diferentes países da América Latina e estados do Brasil. Por isso, a amostragem desta pesquisa foi composta por sete integrantes com a finalidade de representação de tal heterogeneidade de culturas, etnias, línguas e saberes. Os estudantes da amostragem são das seguintes localidades: Mato Grosso (BR), Rondônia (BR), Rio Grande do Sul (BR), Paraná (BR), Chile, Bolívia e Argentina.

tempo equipes, tempo unidade camponesa de agroecologia, tempo círculo de debate, tempo estudo, tempo esporte, tempo leitura e tempo coordenação dos núcleos de base da turma.

No Tempo Comunidade, esses estudantes retornam às suas comunidades de origem e desenvolvem atividades planejadas de estudo, pesquisa, organicidade e de produção, segundo Silva, 2010. Eles recebem tarefas de metodologia participativa para estabelecer relação entre teoria e prática e proporcionar a construção de saberes.

FIGURA 12 - ORIGEM DOS ESTUDANTES DA AMOSTRAGEM DA PESQUISA



5 ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

Tendo em vista que o que está envolvido nesta pesquisa é uma gama de conceitos que tendem a se relacionar em redes, este capítulo apresentará a abordagem do pensamento complexo permeando os aportes teóricos-metodológicos que serão utilizados.

René Descartes marcou a filosofia moderna com o entendimento do uso do método científico como garantia da obtenção da verdade. O cartesianismo ficou conhecido pela ênfase na análise lógica e na sua interpretação mecanicista. (TURATO, 2003)

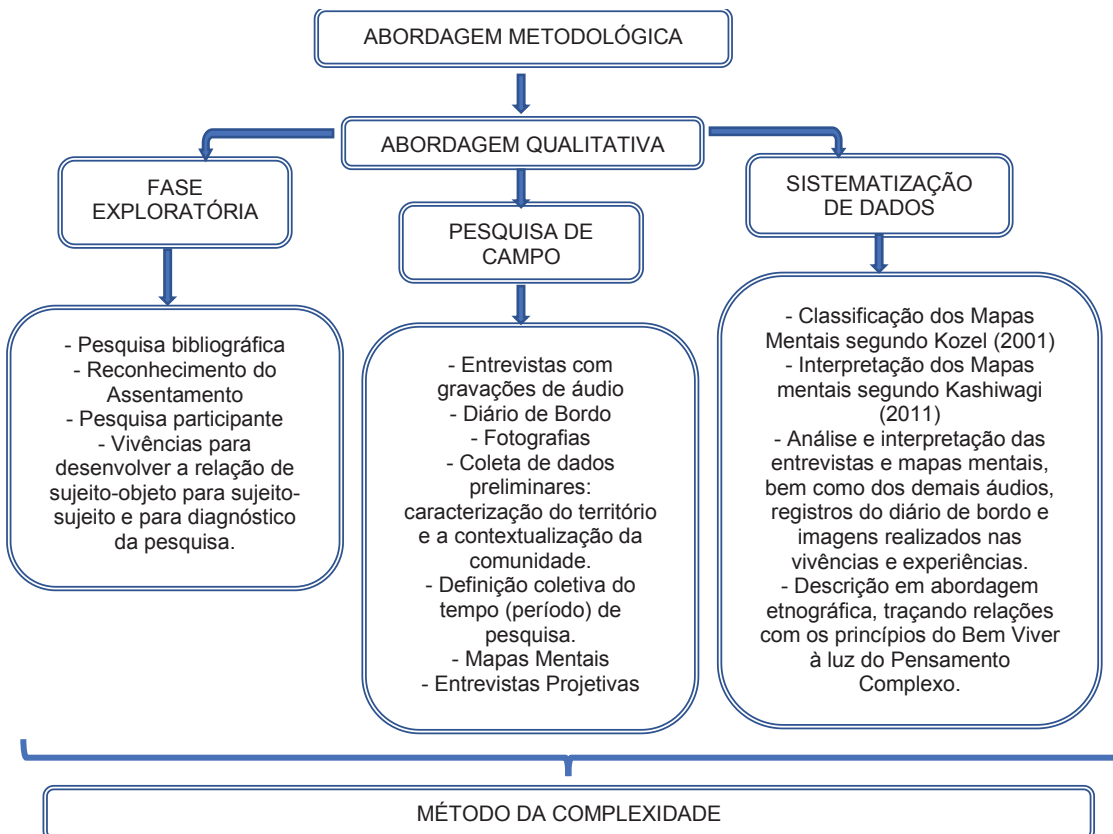
O método da complexidade que Morin descreve (2001b) exige pensamentos de totalidade, em rede. Tais reflexões devem fazer pensar nos conceitos, sem dá-los por concluídos. Este método busca restabelecer as articulações entre as partes, para se compreender a multidimensionalidade, para não se esquecer as totalidades integradoras. Morin afirma que, ao contrário do que propunha Descartes, a

totalidade não é a soma das partes. A complexidade é isso: a junção dos conceitos que lutam entre si.

A pesquisa se desenvolveu em 3 fases: Fase Exploratória, Pesquisa de Campo e Sistematização de Dados. Cada fase compõe um processo e aqui foi analisado à luz do pensamento complexo. Todas as fases foram desenvolvidas a partir da abordagem qualitativa. O Método da Complexidade embasou o estudo, que objetivou a compreensão das relações de ordem ambiental, social, cultural, educacional, histórica e agroecológica, numa rede integrada de saberes à luz do pensamento complexo, com a intenção de identificar os princípios de duas filosofias: o Bem Viver e a Agroecologia dentro de um espaço de educação, a ELAA.

Abaixo encontra-se o mapa conceitual que resume tal abordagem metodológica.

FIGURA 13 - MAPA CONCEITUAL SOBRE A ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA



FONTE: A autora (2019)

5.1 FASE EXPLORATÓRIA

Desde os primeiros passos da pesquisa, por se tratar de uma comunidade que sabidamente segue conceitos que divergem do modelo capitalista, pensou-se na definição de um método que conseguisse abranger as relações que seriam observadas e vivenciadas. E, este modelo que busca superar os padrões contemporâneos foi o motivo pelo qual pensou-se na hipótese de se encontrar princípios do Bem Viver neste território.

Os princípios do Bem Viver que foram investigados incluem as relações de ordem ambiental entrelaçadas com muitas outras relações como as de ordem social, cultural, educacional, histórica e agroecológica. Se fosse considerado somente a agroecologia, o trabalho já seria árduo. Contudo, são muitas outras relações e, elas não acontecem separadamente. Ou seja, analisá-las isoladamente para mais tarde relacioná-las talvez não resultasse na expressão mais próxima do real, da totalidade, conforme foi estudado nas obras de Morin, Capra e demais seguidores. Por isso, o método do Pensamento Complexo dá suporte para esta pesquisa: por orientar um pensamento que relaciona e reintegra, ao mesmo tempo que consegue enxergar as partes, mas sabendo que estas fazem parte de um complexo de relações.

Neste campo de relações não foi considerada nenhuma hierarquia entre as ordens analisadas (ambiental, cultural, histórica, educacional e agroecológica). Até mesmo porque, muitas vezes algumas situações podem pertencer a mais de uma ordem, sendo assim evita-se classificações. Este é mais um motivo pelo qual se supôs que o pensamento linear, simplista, não comportasse tal abordagem.

O momento definido como Pesquisa Bibliográfica está descrito como uma das primeiras etapas, porém talvez esta seja a mais longa delas. Ela iniciou-se no início do curso de mestrado e se delongou até o final desta produção. Ouso dizer que ainda não houve um fim nesta etapa, pois o tema é tão atraente que certamente seguirá sendo pesquisado.

A Pesquisa Bibliográfica também demandou o Pensamento Complexo ativado na mente da pesquisadora e de seus orientadores. Foi um grande desafio. As leituras perpassaram temas muito abrangentes desde a Biologia e a Geografia até as questões históricas, filosóficas e sociológicas que surgiram como desafios. A compreensão de novos conhecimentos e a religação destes, o relacionamento entre

eles, renderam muitas conversas e discussões com os orientadores, demais professores e colegas de curso. E nem sempre a sala de aula era o palco de tudo isso. As redes sociais auxiliaram muito esta troca e construção de saberes. As aulas de campo também devem ser citadas como grandes ativadoras destas conexões de saberes.

O reconhecimento do território mostrou que as hipóteses sobre a Complexidade estavam no caminho que deveria ser seguido. Então, coletivamente com os orientadores definiu-se por uma abordagem da Pesquisa Participante (BRANDÃO, 2011) a fim de desenvolver uma relação de pesquisa que vai além do sujeito-objeto e passa a ser uma relação de sujeito-sujeito. Ou seja, a pesquisadora não se fez intocável. Ao contrário, a aproximação dos estudantes e, inevitavelmente, da comunidade, foi efetiva. Desta maneira, a complexidade das relações puderam ser melhor vivenciadas, observadas e/ou sentidas.

Como já se previa no projeto da pesquisa, as ferramentas e as técnicas precisaram sofrer adaptações. Na fase exploratória, algumas virtudes pessoais da pesquisadora precisaram fazer parte do complexo de relações conforme diagnosticado e, novamente, os orientadores e alguns professores foram fundamentais. Os sentidos e sentimentos fazem parte da pesquisa, ainda mais quando se trata de um assunto tão subjetivo e que envolve pessoas, sujeitos ativos socialmente. Neste caso, as pessoas são militantes de um movimento social que viveu um tempo difícil no exato momento da pesquisa devido questões políticas e a campanha eleitoral.

Desta forma a abordagem do Pensamento Complexo permeou esta primeira fase da pesquisa.

5.2 PESQUISA DE CAMPO

Quando se propõe religar alguns saberes, relacionar algumas questões, como o método Complexo exige, é preciso pensar quais serão as ferramentas utilizadas na Pesquisa de Campo para que nenhum ou quase nenhum detalhe seja perdido ou passe despercebido. Assim sendo, definiu-se o uso de ferramentas da etnografia que se mostravam teoricamente apropriadas para este fim. Foram elas: entrevistas espontâneas com gravações de áudio; diário de bordo; fotografias e vídeos. Com este material em mãos foi possível rever os dados quantas vezes foram necessários.

No decorrer da pesquisa, percebeu-se que os estudantes se expressavam melhor através de desenhos do que de questionários. Eles verbalizaram não gostar de questionários por sentirem-se usados (objetos de pesquisa) e por este motivo nem sempre o respondiam com tanto zelo. Além disso, uma característica do território é que ele é repleto de manifestações artísticas. Então, em busca de uma metodologia que pudesse servir neste caso, encontrou-se a Metodologia Kozel-Kashiwagi (2011) dos Mapas Mentais. Esta metodologia, que será detalhada a seguir, permitiu classificar, analisar e interpretar os dados de maneira mais próxima do real sentimento dos estudantes quanto à sua vivência e os princípios do Bem Viver na ELAA e mostrou-se apropriada para análise do Pensamento Complexo por permitir contextualizar e conectar saberes. Além disso, pelo momento político delicado³ em que se vivia no tempo desta pesquisa e pelo fato dos estudantes estarem fortemente ativos politicamente, os Mapas Mentais não identificados e, muitas vezes, abstratos propiciaram um conforto quanto a identificação dos estudantes mantendo a qualidade da pesquisa.

Após aplicada a Metodologia Kozel-Kashiwagi (2011), aplicaram-se atividades de entrevistas projetivas sobre o recurso visual dos mapas mentais, complementando assim, as interpretações das ideias pesquisadas. A entrevista projetiva, para Minayo (2016) é uma ferramenta de pesquisa qualitativa que possibilita a utilização de imagens como instrumento motivador.

5.3 SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Os dados coletados em áudio, foto e vídeo foram estudados incansavelmente para constituir a contextualização do território e alguns dados preliminares sobre os princípios do Bem Viver à luz do Pensamento Complexo.

Em seguida, os mapas mentais foram classificados de acordo com a Metodologia Kozel (2001) para em seguida serem interpretados pela Metodologia Kashiwagi (2011). Estas interpretações, relacionadas aos dados preliminares

³ O ano de 2018 foi marcado por uma disputa política presidencial tensa no Brasil. Uma disputa entre partidos de direita e de esquerda que marcou uma divisão clara da sociedade entre aqueles que interpretaram o contexto de um golpe político (esquerda) e os que enxergavam apenas uma investigação de corrupção imparcial (direita). A direita apresentou propostas ameaçadoras às ideologias que sustentam, entre outros, os movimentos sociais e a reforma agrária. Por isso, proteger as identidades dos militantes estudantes neste momento foi prioridade.

formam redes de pensamento e exigem religação de saberes, conforme o Método do Pensamento Complexo.

Para finalizar, complementaram-se as informações com as entrevistas projetivas que fazem parte de um material áudio-visual que precisou ser revisto muitas vezes para que fosse possível captar detalhes dos discursos e das imagens.

Ao longo da pesquisa, devido ao grau de complexidade da mesma, além do período sensível politicamente que o Assentamento se encontrava, foram diagnosticando-se necessidades de utilização de estratégias e técnicas diferenciadas. Por isso, além da pesquisa acerca do Bem Viver, houve também pesquisa sobre quais seriam as técnicas, as ferramentas, as estratégias mais pertinentes para cada situação e para cada momento para conseguir um olhar para o Complexo.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta a execução das 3 fases estabelecidas para a pesquisa - a fase exploratória, a pesquisa de campo e a fase de sistematização de dados - e descritas no capítulo anterior quanto a abordagem da complexidade que permeia os aportes teóricos- metodológicos.

Para atingir os objetivos estabelecidos neste estudo, como descrito anteriormente, optou-se pela abordagem qualitativa da Pesquisa Participante segundo Brandão (2011) em todas as fases desta pesquisa, através da utilização de diferentes ferramentas de coleta e sistematização de dados, visando uma análise do conjunto, do complexo.

6.1 A FASE EXPLORATÓRIA

Esta fase foi constituída pela pesquisa bibliográfica, com leituras pertinentes ao que constituiu o aporte teórico da pesquisadora referente ao tema que foi pesquisado e aconteceu até o fim do processo. Além disso, as discussões com os professores orientadores também alimentaram a base fundamentadora de saberes para as discussões dos resultados. O reconhecimento do território e da comunidade onde se desejava realizar a pesquisa fez parte desta fase.

A introdução à equipe de liderança desse Assentamento e a apresentação da pesquisadora, das ideias preliminares do projeto e da possibilidade desta pesquisa acontecer naquele local constituíram etapas importantes para a definição do roteiro que foi seguido. Isso aconteceu no final do ano de 2017. Logo na sequência dos dias aconteceu o levantamento de dados para o reconhecimento do território, do contexto social, da estrutura comunitária, entre outros, pois, a princípio, a pesquisa aconteceria nos espaços de educação do território do Assentamento. Contudo, ao analisar-se a grandiosidade da pesquisa relacionada ao tempo que se tem disponível, foi preciso fazer um recorte dentro daquilo que se almejava, delimitando a investigação para o curso de Agroecologia da ELAA.

Este trabalho acontece com o método da complexidade (MORIN, 2001b). Segundo Gil (2008), esta pesquisa é de caráter participante, aplicada e de natureza qualitativa buscando identificar os princípios do Bem Viver que ocorrem em um espaço educativo, a ELAA.

Por pesquisa participante entende-se que houve o envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas. A relação tradicional de sujeito-objeto, entre investigador-educador deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um conhecimento novo e transformador (BRANDÃO, 2001).

Como a pesquisa participante (BRANDÃO, 2001) não é feita individualmente, principalmente neste espaço pluricultural, plurinacional, onde se falam muitos dialetos, foram necessárias algumas vivências da pesquisadora para apresentação e entrosamento junto aos estudantes internacionalistas. Desta forma, coletivamente, as técnicas e as ferramentas de coletas de dados sofreram adaptações, dependendo dos diagnósticos no território da pesquisa.

Todas as etapas demandaram muito mais tempo do que se esperava. A espera pela disponibilidade das pessoas, o entrosamento gradual nas atividades rotineiras e a conquista da confiança foram etapas da relação humana que se estabeleceu na pesquisa e que se considera fundamental na qualidade dos dados obtidos, a pesquisa desenvolvida na relação sujeito-sujeito descrita anteriormente.

A fase exploratória foi longa e se estendeu até a próxima fase, de coleta de dados, porque sempre havia algo ou alguém novo, alguma situação ou algum território do Assentamento que ainda não havia sido vivenciado. Foram dias intensos

em que até mesmo a proposta do calendário estabelecido pela pesquisadora precisou sofrer adaptações em consideração às atividades e aos pedidos da comunidade envolvida.

Os primeiros contatos com a educação no Assentamento ocorreram na Escola Estadual do Contestado, com vivências no período vespertino, horário de funcionamento da escola. Foi possível realizar os primeiros levantamentos de dados e, a partir desta escola, participar das atividades de rotina da mesma e da equipe de liderança do setor de educação do Assentamento. Nestas reuniões, os sujeitos estavam bem informados sobre o papel da pesquisadora e sobre os objetivos da pesquisa e, então coletivamente, pesquisadora e pesquisados, definiram que seria necessária uma redelimitação do território devido a abrangência do tema. Desta forma, foi necessário realizar novas relações pessoais e de pesquisa na ELAA.

6.2 PESQUISA DE CAMPO

Era julho de 2018 e a chegada na ELAA foi acolhedora, tendo em vista que a introdução da pesquisadora foi pela equipe do setor da educação que deu boas referências da mesma. Isto é um detalhe sutil, mas de grande importância na relação que se estabelece entre as pessoas envolvidas (pesquisadora, pesquisados e comunidade), pois eles verbalizaram muitas vezes sentirem-se entristecidos com pessoas que realizam as pesquisas e não trazem retornos e/ou resultados. Ao mesmo tempo, nesta pesquisa eles estavam participando e sentindo-se parte dela, apesar de não apresentar os resultados a eles quanto aos princípios do Bem Viver, o fato de dialogar, ouvir e aceitar suas opiniões foi relatado por eles como algo muito positivo. Ao olhar da pesquisadora, esta relação harmoniosa enriqueceu a coleta de dados.

Na primeira vivência na ELAA houve diálogo e estabeleceu-se alguns combinados com a equipe pedagógica, especialmente na pessoa da pedagoga Simone, considerando-se, assim, desde esse momento o tempo de coleta de dados. Tal coleta de dados nestes primeiros encontros eram referentes a contextualização da comunidade e da escola. Os estudantes estavam em Tempo Comunidade e voltariam em setembro para a escola. Por motivos de saúde houve troca de equipe pedagógica. Neste mesmo período, o Brasil passava por uma campanha presidencial com fortes impactos nesta comunidade devido ao movimento social em

que estão inseridos. A disputa direita x esquerda criou forte tensão na sociedade brasileira em geral, mas no Assentamento isso era mais sensível. Os estudantes tiveram seu retorno adiado para outubro. A nova equipe pedagógica demorou para aceitar o primeiro contato com a pesquisadora quando os alunos já haviam chegado no Assentamento para o tempo escola. Eles permaneceriam ali somente dos meses de outubro a dezembro, então este período de apenas 3 meses deveria ser de pesquisa intensa.

A pesquisadora então solicitou apoio de algumas pessoas do setor da educação para que interferissem a seu favor. Ao mesmo tempo, apresentou-se pessoalmente à nova equipe depois de alguns telefonemas malsucedidos. Então, explicado o projeto da pesquisa à nova equipe pedagógica, novas relações estabeleceram-se. A partir daí os contatos passaram a ser semanais – duas vezes nos meses de outubro e novembro, dependendo sempre do calendário de atividades e da disponibilidade dos estudantes.

Os estudantes estavam no período que eles denominavam de tempo TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), quando todos estavam empenhados em seus projetos, em normatização, orientação e com datas limites que se aproximavam e os angustiavam. Houve relatos inclusive de necessidade de terapias e medicamentos para dormir devido à sobrecarga de tensões – TCC e momento político somados. Eles ainda se revezavam a noite para fazer a “guarda” do Assentamento devido às truculências que vinham sendo ameaçados pelo período eleitoral.

O desafio da pesquisadora neste momento era introduzir-se aos estudantes. Houve uma reunião com dois representantes da turma, a equipe pedagógica e a pesquisadora para expor os motivos da sua presença na escola e solicitar que eles comunicassem aos demais estudantes.

Na primeira vivência com todos os estudantes, iniciava-se a coleta de dados com os sujeitos principais do processo. A primeira atividade do dia era denominada formatura, onde todos ficam dispostos em círculo e então, o estudante responsável pela organização do dia lê uma mensagem, dá alguns recados e abre espaço para que os demais também compartilhem informações. Neste momento, passaram a palavra a pesquisadora para que se apresentasse e expusesse seus objetivos ali. Mas, assim que a roda se desfez, os estudantes sumiram. Dispersaram-se para seus estudos e finalização dos TCCs, cada pequeno grupo em um espaço do Assentamento, não somente da escola.

A pesquisadora, deslocada e desesperada, sem poder aparentar qualquer um destes sentimentos, ao mesmo tempo em busca de soluções, percebeu qual era a necessidade de cada grupo e foi conversando e oferecendo ajuda a eles. Assim os dias eram preenchidos de atividades e passavam rapidamente: ajudar a escolher feijão para o almoço, carpir na agrofloresta, traduzir o TCC do “portunhol” para o português, revisar outros TCCs quanto à normatização, dialogar sobre seus temas de pesquisa e compartilhar saberes, ideias e autores, conhecer os espaços da escola e do Assentamento, conversar sobre suas rotinas ali e em suas comunidades. Cada momento destes é indescritível em palavras. A amorosidade, o acolhimento, o cuidado uns com os outros e a pesquisadora inclusive, todo momento era tempo de conversa sincera, com confiança. Sempre com solicitação de autorização para a coleta de dados, as ferramentas de gravação de áudio, vídeo, fotografias eram aplicadas nos momentos pertinentes. O cuidado para não tirar fotos ou registrar vídeos em excesso de modo que tirasse os estudantes da zona de conforto ou da concentração em que estavam dedicados, reduziram a quantidade das coletas. Como a coleta de áudio é mais discreta, pelo fato de o celular ficar fora das mãos, sem necessidade de manuseá-lo ao longo do processo, a conversa flui naturalmente e os registros com esta ferramenta sobre as vivências da rotina da ELAA são mais numerosos. Da mesma forma, o diário de bordo que era preenchido nos intervalos e depois da finalização da vivência, tem muitos registros. Esta fase do processo metodológico já era esperada, mas a prática é mais árdua, pois envolve os sentimentos, empatia e o cuidado que é preciso ter com o próximo e com a pesquisa. Além disso, aconteceram situações inesperadas e o tempo acabou por tornar-se ainda mais curto, passando cada vez mais rápido.

Fazer parte, no sentido de participar ativamente, do corpo da escola era uma intenção que estava sendo alcançada. Isso foi percebido na terceira vivência, quando a “formatura” mudou de estrutura. O círculo de pessoas continuava o mesmo. O sinal tocava, a mensagem inicial do estudante representante era feita, avisos eram dados por ele e abria-se aos demais. Neste momento, percebeu-se que não havia mais nenhum visitante ali, mas uma integrante da equipe, quando se resolveram problemas internos, delicados e, principalmente, quando cada Núcleo de Base (grupos de trabalho) fez seu grito de luta. Isso é realmente muito íntimo para ser feito perto de visitantes. É deles. É a sua causa. É pelo que lutam. E a pesquisadora estava ali. Este dia, também, ficou marcado pelo cuidado com alguns

cães da escola que estavam com “sarna” e a pesquisadora levou o medicamento. Foi mais um momento de integração muito significativo para a pesquisa este tempo de relacionamento. Um tempo de coleta de dados impossível de ser imaginada ou programada antecipadamente.

A próxima etapa desta fase foi a aplicação da Metodologia dos Mapas Mentais segundo Kozel e Kashiwagi. Os Mapas Mentais são representações de imagens mentais constituídas a partir da percepção que pode auxiliar na percepção dos complexos aspectos socioculturais do mundo atual. O Mapa Mental constitui-se um recurso para representar as conexões existentes entre as informações, tornando-as mais visíveis. (KOZEL, 2018).

A relação dos Mapas Mentais com o Método da Complexidade que embasa esta pesquisa sobre os princípios do Bem Viver é muito coerente. A articulação e religação de pensamentos que ambos sugerem, fazem desta uma metodologia que possibilita o registro das ideias complexas dos sujeitos da pesquisa. Então, a dificuldade que a pesquisadora encontrava em ter uma ferramenta inovadora para análise e interpretação dos dados de algo abstrato e subjetivo como são os princípios do Bem Viver, foram sanados desta forma.

Já com uma relação mais próxima dos estudantes da ELAA, a pesquisadora solicitou individualmente que participassem da sua atividade de coleta de dados. Todos os solicitados, numa amostragem de 7 pessoas da turma de 45, participaram gentilmente. Como a atividade, que será descrita na sequência, aconteceu entre uma atividade e outra da rotina na ELAA, normalmente em um dia eram produzidos no máximo dois Mapas Mentais.

A atividade de coleta com os Mapas Mentais foi encaminhada a partir da apresentação do estudante para a pesquisadora, que anotava seu território de origem, seu nome e algumas outras informações relevantes. Procurava-se um espaço tranquilo, sem muito barulho ou movimentação, preferencialmente em um espaço mais arborizado para dar sequência à atividade. Em seguida, a pesquisadora entregava um papel sulfite tamanho A4 em branco, um apoio para o papel e um estojo com 24 lápis de cor e 12 canetinhas coloridas, bem como borracha, apontador e lápis grafite. Então, lhes era solicitado que representassem as relações que eles vivenciavam na ELAA com a natureza, incluindo o humano como ser natural, com sua rotina naquele território. Eles sabiam que o tema da pesquisa é “O Bem Viver”. O tempo para produção do Mapa Mental era livre, e o tempo máximo

utilizado foi de uma hora e sete minutos. Quando finalizado o Mapa Mental, a pesquisadora solicitava para que eles explicassem sobre as relações ali contidas, ferramenta está aqui denominada de Entrevista Projetiva (MINAYO, 2016). Nela o entrevistado utiliza a imagem do seu Mapa Mental como motivador do discurso da entrevista. Estas entrevistas foram gravadas em vídeo para que os dados fossem melhor interpretados em sua íntegra. Desta forma, sempre que preciso, é possível acessar as informações novamente.

Os Mapas Mentais e as Entrevistas Projetivas foram coletados nas vivências que aconteceram desde a última semana de outubro ao final de novembro de 2018. Em dezembro, devido incompatibilidade de agenda da pesquisadora e com as atividades dos estudantes não foi possível realizar as vivências planejadas. Na primeira quinzena deste último mês eles já se organizavam para o retorno para o Tempo Comunidade.

6.3 SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS

Com o material coletado em mãos, seguiu-se para a fase da sistematização dos dados.

Os Mapas Mentais foram classificados pela Metodologia Kozel (2001) e interpretados pela Metodologia Kashiwagi (2011). Complementando as interpretações dos Mapas Mentais, foram analisados os vídeos das Entrevistas Projetivas, os áudios e os vídeos coletados em outros momentos, bem como as anotações do diário de bordo.

Os Mapas Mentais na perspectiva simbólica redimensionam o olhar e a compreensão destes devem considerar os processos cognitivos advindos da percepção, bem como vislumbrar o ser humano na sua interação com o mundo vivido, valorizando singularidades e peculiaridades, aquele que transforma o espaço em lugar. (KOZEL, 2018). Nesta interpretação foram analisados os mesmos.

Nessa pesquisa o conceito de signo a ser adotado será o de Charles Peirce (2008), no qual um signo é aquilo que representa algo para alguém. As categorias dos signos apresentam-se como coisas vivas ou vividas, então, a partir deles o mundo aparece e se traduz como linguagem. Este é o fundamento da Semiótica. (Santaella, 1985).

O signo dirige-se a alguém e esta pessoa cria em sua mente um signo equivalente. A este signo assim criado, ele denomina *interpretante*. A coisa a qual o signo representa, o autor denomina *objeto*. Este objeto está representado no signo não com todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia, denominado por ele de *fundamento*.

Assim sendo, o signo está ligado, ao mesmo tempo, com o fundamento, o objeto e o interpretante, de acordo com a ciência da semiótica. Para Peirce (2018), para todo signo existe um objeto e um interpretante, e a esta relação denomina-se uma relação triádica. Nesta perspectiva, um signo pode ser categorizado por um objeto, uma palavra ou frase, uma ação, uma atitude.

Segundo Peirce (2018), os signos observados nos levam a afirmações, a abstrações a respeito deles por uma inteligência da experiência.

A utilização dos mapas mentais concretiza a investigação de um tema subjetivo na coleta de dados e sistematização dos resultados, além de facilitar o acesso às informações que os pesquisados mostravam resistência.

Kozel (2001) criou uma metodologia de decodificação dos signos dos Mapas Mentais a partir de um olhar mais global rumo às suas peculiaridades. Ela fundamenta-se nas teorias sógnicas e na abordagem sociointeracionista-bakhtiniana, categorizando os símbolos que compõe a imagem em “paisagem natural”, “paisagem construída” e “elementos móveis”. Assim foi feito com o material coletado. Em seguida a especificação dos signos existentes na imagem, procedeu-se à leitura das mensagens advindas da relação dialógica implícita. Nesta fase foi preciso analisar os signos e sua disposição na imagem para seguir a decodificação das representações dos Mapas Mentais, segundo Kozel:

A- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da imagem;

B- Interpretação quanto à distribuição dos elementos da imagem;

C- Interpretação quanto à especificação dos ícones:

representação dos elementos da paisagem natural;

representação dos elementos da paisagem construída;

representação dos elementos móveis;

representação dos elementos dos elementos humanos.

D- Apresentação de outros aspectos ou particularidades.

No item C da metodologia Kozel, considerou-se as setas como categoria dos elementos móveis porque a interpretação remete à movimento, à articulação, à integração, à união, à conexão e as relações estabelecidas nos mapas mentais.

Na Metodologia Kashiwagi (2011) propõe-se uma complementação à metodologia anterior e foi denominada como Metodologia das Homonímias Sígnicas da Paisagem. Nela a interpretação dos signos percebe os homônimos. O objetivo nesta metodologia foi reconhecer a ambiguidade lexical de palavras homônimas, então denominadas homonímias. Para nos subsidiar na identificação de uma possível homonímia sígnica nas representações de Mapas Mentais durante o processo de interpretação do mapa mental, utilizou-se a Entrevista Projetiva (MINAYO, 2016), na qual o falante (autor do mapa mental) exprime sua significação sobre os signos presentes em seu Mapa Mental.

Kashiwagi foi aluna de Kozel e complementou sua metodologia em sua tese de doutoramento. Como esta pesquisa utiliza criação metodológica das duas autoras, a pesquisadora a nomeou aqui de Metodologia Kozel- Kashiwagi.

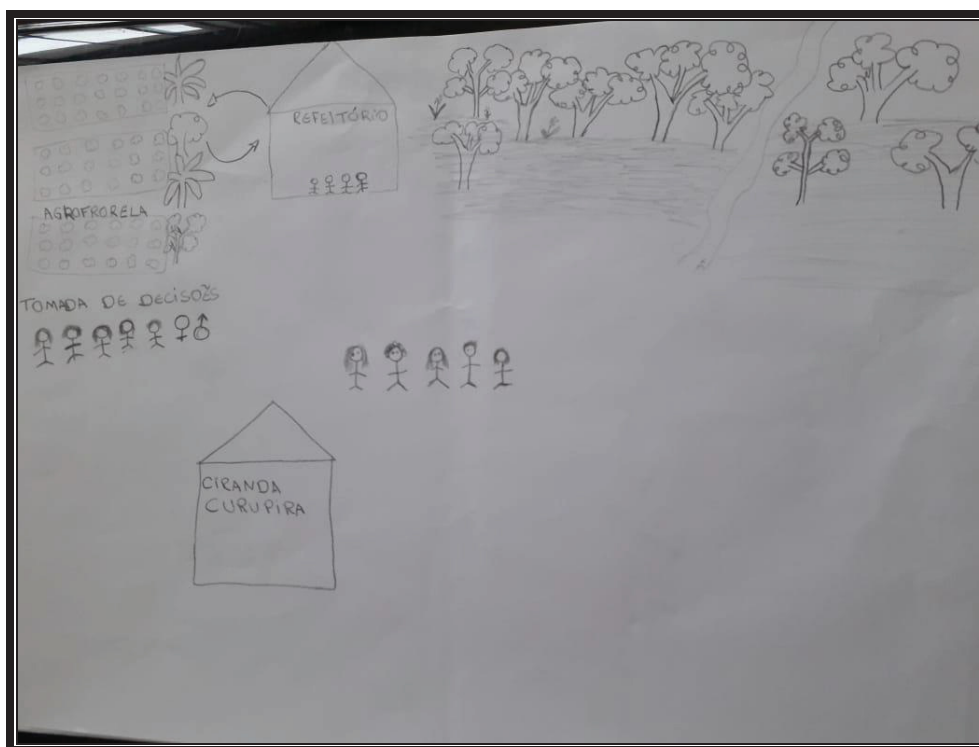
Kozel sugere a complementação com outras metodologias, como entrevistas, que possibilitam a compreensão do mundo vivido, as relações de afetividade e os valores simbólicos do lugar representado nas imagens mentais. Por este motivo, esta pesquisa incluiu um tipo de entrevista definido por Minayo (2016) como Entrevista Projetiva, já que haveria o apoio do discurso segundo a imagem produzida no Mapa Mental. As interpretações buscam conectar o discurso dos pesquisados, os saberes explícitos e as informações dos Mapas Mentais. Não existiu estudo mais aprofundado sobre as questões da psicologia de interpretações mais subjetivas.

Tendo em vista que a pesquisa foi realizada com agentes de um movimento social de grande envolvimento político, é preciso resguardar suas identidades. Desta forma, a pesquisadora os identificou com nomes de flores, inspirada em Madalena Freire, filha de Paulo Freire. Flores, por vários motivos. Pela conexão com a *Pachamama*. Pela beleza, pela sensibilidade que desperta. Pela representação de uma forma ao mesmo tempo tão singela e tão complexa de perpetuar as espécies vegetais. Por representar que a natureza se faz de humanos e de não-humanos de igual valor para o planeta. Por se tratar de uma escola que embeleza o mundo, resiste aos modelos e dissemina sua arte, sua natureza, seus princípios e seus saberes para a América Latina, além das fronteiras.

"Um vaso de flor pendurado na frente de casa, já não é mais aquela lata de óleo de antes... temos o poder, a capacidade, a competência de embelezar o mundo! Por isso, enquanto sujeitos sensíveis e estéticos, estamos sempre em busca da beleza, do belo. Nos sensibilizamos, nos arrepiamos, choramos com a beleza da flor, da música, daquela pintura, daquela dança, daquele texto..." (FREIRE, 2008, P.25-26)

6.3.1 Os Mapas Mentais:

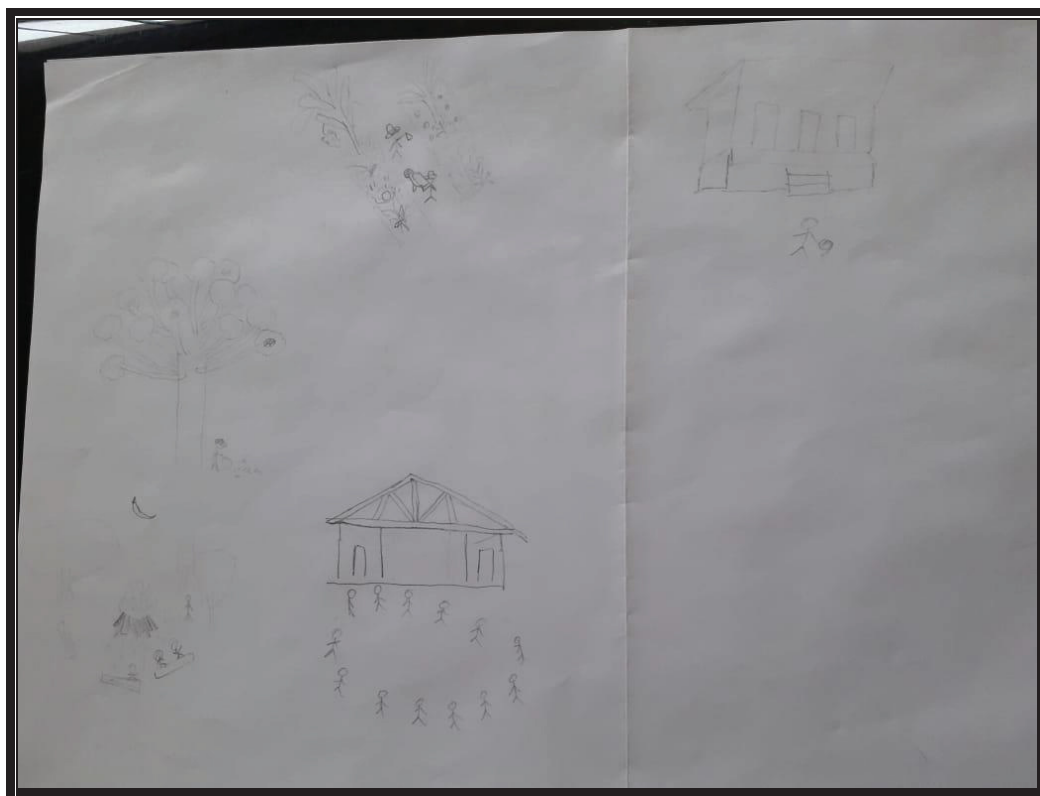
FIGURA 14 - MAPA MENTAL 1



FONTE: Magnólia (2018)

Esse Mapa Mental (M1), de autoria do indivíduo Magnólia, é constituído por diversos signos como, por exemplo, floresta, agrofloresta, rio, pinheiro Araucária, ser humano e Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, podemos observar a ELAA, refeitório, creche (Ciranda Curupira), produção de alimento e caminho. Na categoria elementos humanos, registrou-se os signos coletividade, diversidade étnica, crianças, estudantes da ELAA e relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por setas e linhas que representam fluxos.

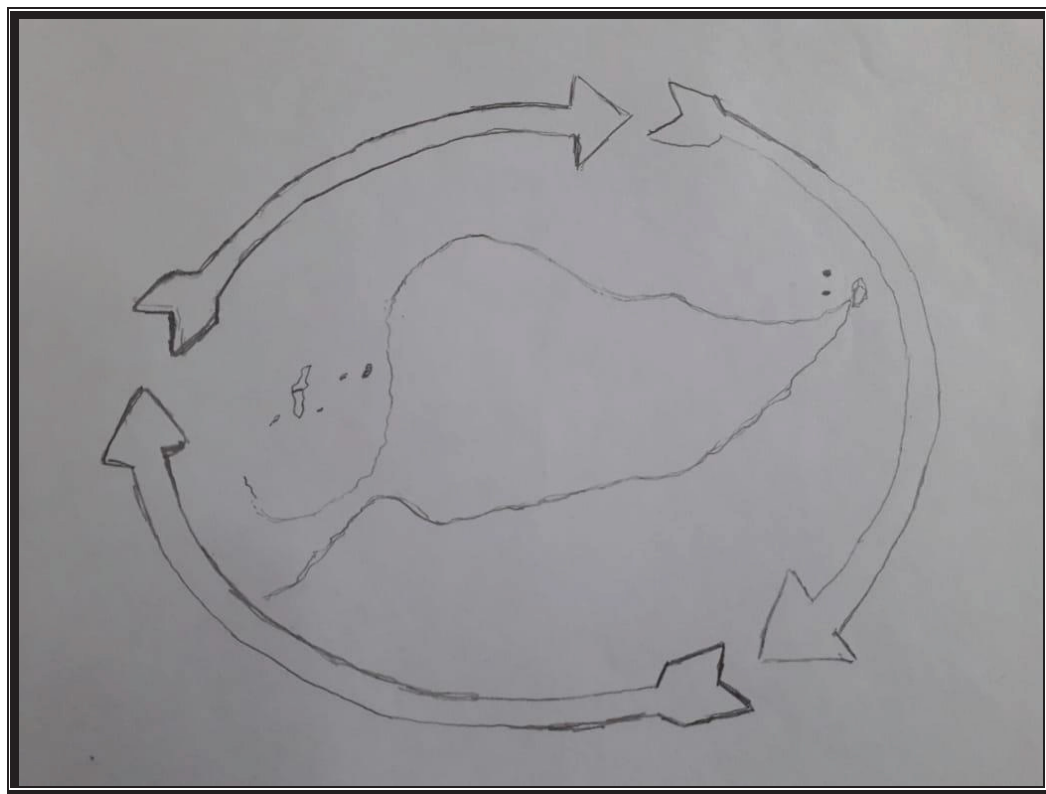
FIGURA 15 - MAPA MENTAL 2



FONTE: Girassol (2018)

O Mapa Mental (M2), de autoria do indivíduo Girassol, é constituído por diversos signos como, floresta, agrofloresta, lua, pinheiro Araucária, ser humano e Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, podemos observar a ELAA, o banheiro seco, a produção de alimento, fogo, caminho e o Assentamento Contestado. Na categoria elementos humanos, registrou-se os signos coletividade, diversidade étnica, estudantes da ELAA e relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por setas e linhas que representam fluxos, além de um instrumento de trabalho, o carrinho de mão.

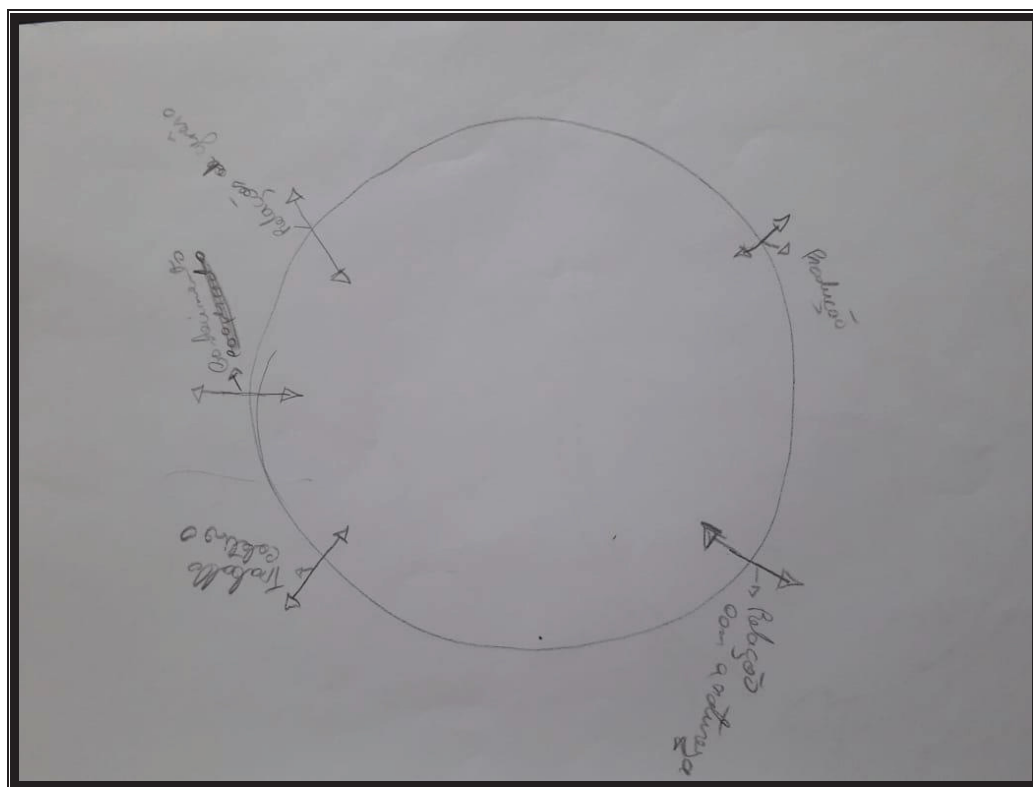
FIGURA 16 - MAPA MENTAL 3



FONTE: Antúrio (2018)

O Mapa Mental (M3), de autoria do indivíduo Antúrio, é constituído pelos signos mar, ilhas, continente e Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, podemos observar a ELAA. Na categoria elementos humanos, registrou-se as relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por setas que representam fluxos.

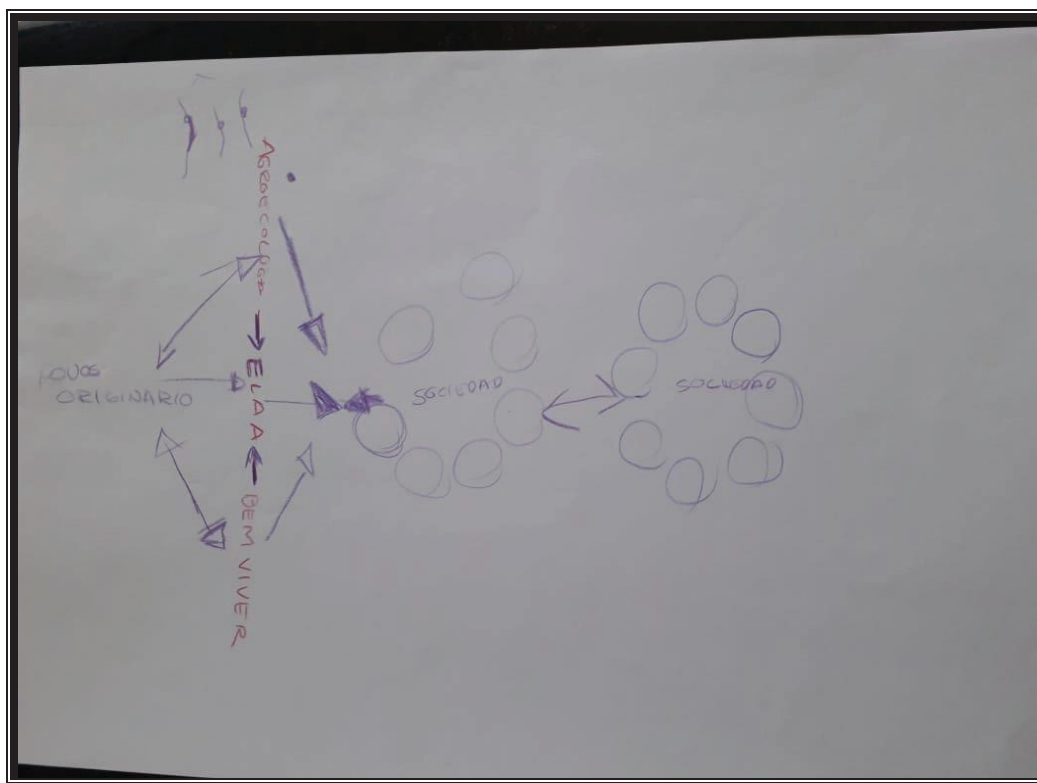
FIGURA 17 - MAPA MENTAL 4



FONTE: Lótus (2018)

O Mapa Mental (M4), de autoria do indivíduo Lótus, é constituído pelos signos ser humano e Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, podemos observar a ELAA e a produção de alimento. Na categoria elementos humanos, registrou-se os signos coletividade, diversidade étnica, crianças, estudantes da ELAA e relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por setas e linhas que representam fluxos.

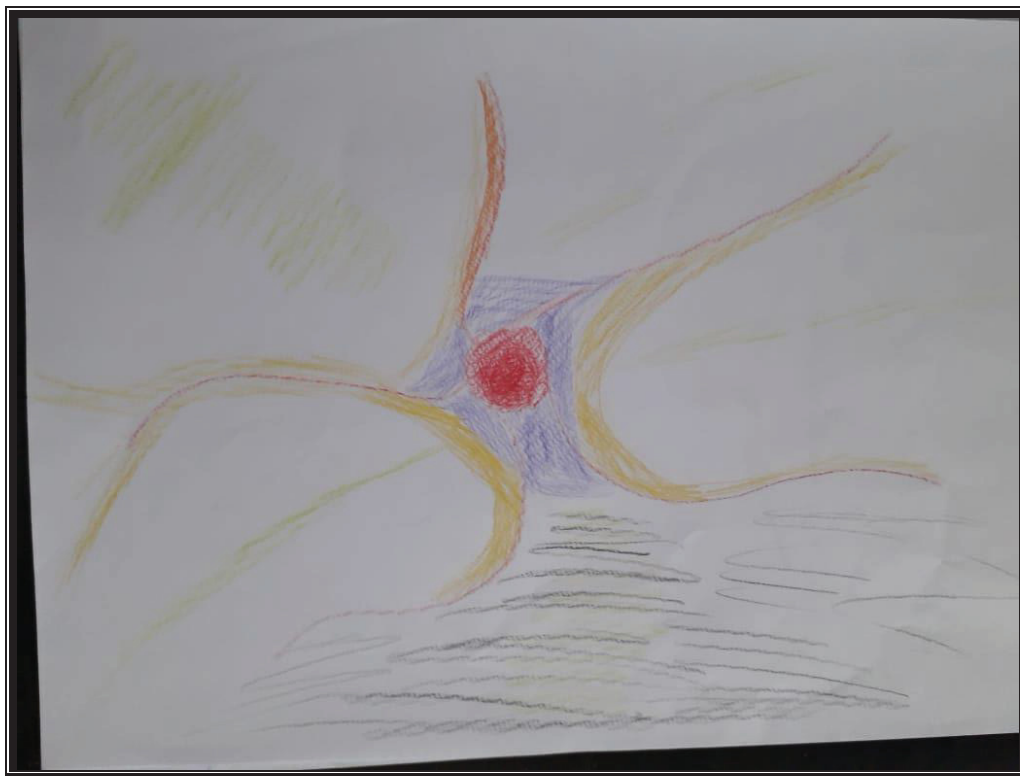
FIGURA 18 - MAPA MENTAL 5



FONTE: Ayrampo (2018)

O Mapa Mental (M5), de autoria do indivíduo Ayrampo, é constituído pelos signos floresta, agrofloresta, ser humano e Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, podemos observar a ELAA e a produção de alimento. Na categoria elementos humanos, registrou-se os signos coletividade, dos povos originários, diversidade étnica, estudantes da ELAA e relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por setas e linhas que representam fluxos.

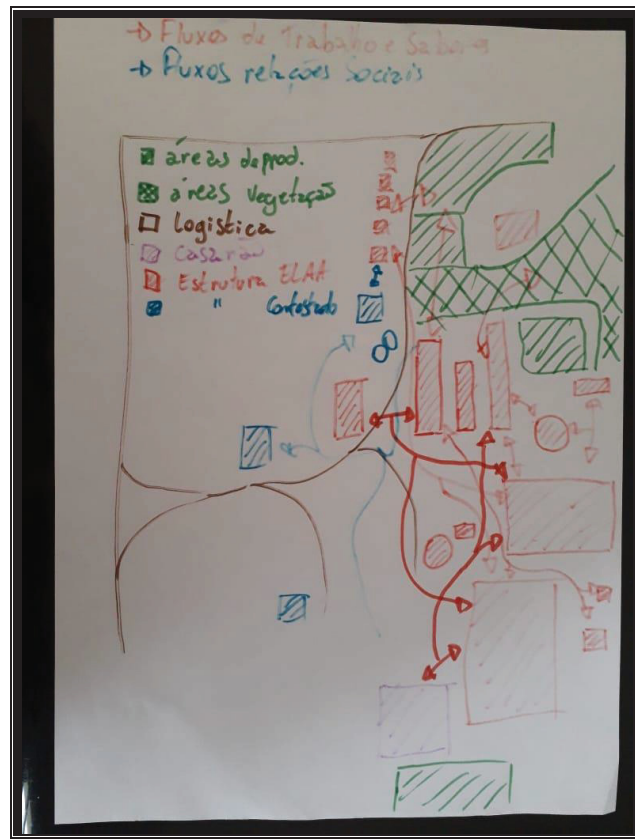
FIGURA 19 - MAPA MENTAL 6



FONTE: Copihue (2018)

O Mapa Mental (M6), de autoria do indivíduo Copihue, é constituído por signos abstratos que representam a floresta, a agrofloresta, o ser humano e a Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, foram representados a ELAA, o fogo e caminhos. Na categoria elementos humanos, registrou-se os signos coletividade, povos originários, diversidade étnica, crianças e relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por linhas que representam fluxos.

FIGURA 20 - MAPA MENTAL 7



FONTE: Lírio (2018)

O Mapa Mental (M7), de autoria do indivíduo Lírio, é constituído por muitos signos que dizem respeito à floresta, à agrofloresta, ser humano e Agroecologia que representam os elementos da paisagem natural. Já para a paisagem construída, observa-se a ELAA, refeitório, creche (Ciranda Curupira), banheiro seco, produção de alimento, caminho e o Casarão. Na categoria elementos humanos, registrou-se os signos coletividade, crianças e relações de saberes. Os elementos móveis estão caracterizados por signos representados por setas e linhas que representam fluxos.

Os Mapas Mentais acima descritos, com os signos devidamente categorizados através de análise através com a Metodologia Kozel-Kashiwagi, estão dispostos no quadro a seguir para melhor visualização e identificação dos resultados e dos elementos sígnicos, conforme mostra o Quadro 1.

QUADRO 1 - CATEGORIZAÇÃO DOS ÍCONES DOS MAPAS MENTAIS

	Elementos identificados a partir de seus autores	ENTREVISTADOS						
		M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7
Elementos da paisagem natural	Floresta	X	X			X	X	X
	Agrofloresta	X	X			X	X	X
	Rio	X						
	Lua		X					
	Mar			X				
	Ilhas			X				
	Pinheiro Araucária	X	X					
	Ser humano	X	X		X	X	X	X
	Continente			X				
	Agroecologia	X	X	X	X	X	X	X
Elementos da paisagem construída	ELAA	X	X	X	X	X	X	X
	Refeitório	X						X
	Ciranda Curupira (creche)	X						X
	Banheiro Seco		X					X
	Produção de alimento	X	X		X	X		X
	Fogo		X				X	
	Estrada (caminho)	X	X				X	X
	Casarão		X					X
Elementos humanos	Coletividade	X	X		X	X	X	X
	Povos originários					X	X	
	Diversidade étnica	X	X			X	X	
	Crianças	X					X	X
	Estudantes da ELAA	X	X			X		
	Relações de saberes	X	X	X	X	X	X	X
Elementos móveis	Carrinho-de-mão		X					
	Fluxos	X	X	X	X	X	X	X

FONTE: A autora (2019).

O procedimento final, após apresentada e corrigida esta dissertação, foi a entrega de uma cópia física da mesma para a escola pesquisada como retorno dos resultados e gratidão pelo espaço cedido, bem como o produto gerado através dela.

Os produtos finais são:

1. Protocolo da Aplicação desta pesquisa que servirá de informativo e orientação para aqueles que desejarem conhecer os Princípios do Bem Viver relacionados aos Processos Agroecológicos na construção coletiva de uma escola e/ou compreender a Metodologia dos Mapas Mentais segundo Kozel-Kashiwagi aplicados conjuntamente à Metodologia das Entrevistas Projetivas segundo Minayo.

2. Vídeo sobre a ELAA como espaço de Bem Viver que ficará disponível em um canal do YouTube e servirá para divulgação desta filosofia que visa a qualidade

de vida no planeta, bem como sobre os demais aportes teóricos e metodológicos desta investigação.

Os produtos desta investigação buscam valorizar e dar visibilidade ao movimento social MST e às práticas agroecológicas, num enfrentamento com as ideologias midiáticas criadas acerca deles.

7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

7.1 VIVÊNCIAS DE RECONHECIMENTO

FIGURA 21 - PAINEL COMEMORATIVO NA ENTRADA DO ASSENTAMENTO



FONTE: A autora (2017)

A construção da relação da pesquisadora com as pessoas do Assentamento foi gradual e iniciou-se em uma visita guiada com o líder Capitani. Ao final da primeira visita, Capitani apresentou a família dos líderes do Assentamento. Sandra recebeu a pesquisadora carinhosamente em sua casa. Já era noite, quando o carro da pesquisadora apresentou problemas mecânicos e, até a chegada do seguro para a resolução do problema, estabeleceu-se um diálogo com muitos dados iniciais. Enquanto a líder e suas filhas escolhiam sementes de girassol, a conversa fluía. Logo, serviram um café da tarde, com pão de abóbora e geleias. Todos os alimentos orgânicos provenientes do Assentamento. Não demorou muito e a pesquisadora já

estava escolhendo sementes junto com a família. A coleta de dados inicial acontecia naturalmente, com posterior preenchimento do diário de bordo. Era o início da identificação dos princípios do Bem Viver. As mulheres como guardiã das sementes, a coletividade da família na produção dos alimentos, a valorização dos produtos locais e daqueles disponíveis nas estações do ano.

O Colégio Estadual do Contestado forneceu dados importantes como o histórico e a contextualização da comunidade e da educação no MST. Após algumas vivências no Colégio Estadual do Contestado e reuniões com a equipe de liderança do setor da educação, coletando dados e compartilhando informações com os representantes locais, chegou-se até a definição coletiva de que o melhor espaço para se encontrar as relações com a filosofia que se estava buscando era na Escola Latino-americana de Agroecologia por se tratar do contexto direto das relações sócio- ambientais. O retorno da comunidade, e as tomadas de decisões coletivas da pesquisadora junto à comunidade começaram a se construir desde os primeiros momentos, desde as primeiras conversas e influenciam diretamente os resultados, através dos vínculos de confiança no fornecimento de dados.

FIGURA 22 - ESCOLA ESTADUAL DO CONTESTADO – LOCAL DAS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS E REUNIÕES



FONTE: A autora (2018)

A problemática da pesquisa também se redesenhou a partir do diálogo com a comunidade e, o consentimento para a realização da pesquisa aconteceu naturalmente. Inicialmente a pesquisa tratava apenas dos princípios do Bem Viver. Com os diálogos, vivências e experiências no local, compreendeu-se que caberiam aproximações com a Agroecologia que ali é praticada e, então a temática foi inserida como fonte de análise no setor de educação do Assentamento (que envolve a escola municipal, a escola estadual e a ELAA), porém, muitas questões precisaram ser revistas. Convergências das duas ciências: a Agroecologia e a filosofia do Bem Viver foram identificadas pelos sujeitos pesquisados durante os processos de vivências no espaço de educação. E as relações que seriam traçadas requereriam um referencial teórico que sustentasse tais conexões. Desta forma, o método do Pensamento Complexo vem completar o aporte teórico-metodológico deste estudo.

Em reunião com os responsáveis pelo setor da educação, a pesquisadora esclareceu a necessidade de redelimitar o território de estudo. Coletivamente definiu-se a ELAA para a realização desta pesquisa. Nestas reuniões haviam verbalizações de que esta pesquisa era diferenciada das demais que eles já haviam participado. Quando questionados sobre o motivo, foi relatado que o diálogo e a aceitação das sugestões dadas pela comunidade, bem como o retorno da pesquisadora sobre as atividades e a disposição em retribuir de alguma forma eram o diferencial. As vivências foram significativas para todos os envolvidos. Relatado pelos sujeitos pesquisados, outros pesquisadores eram vistos com descrédito por chegar à comunidade, coletar informações e não trazerem seus pareceres e resultados até os eles.

Na fase exploratória da pesquisa os primeiros contatos na ELAA foram tranquilos, a pesquisadora foi recebida pela pedagoga Simone. Houve explicitação da pesquisa e entrevista inicial com coleta de dados específicos sobre o contexto da escola, dos estudantes, discentes e equipe administrativa e pedagógica. Neste momento, o tempo escola e o tempo comunidade foram esclarecidos e justificou-se a ausência dos estudantes no espaço naquele momento. Por esta razão, ficou acordado que a pesquisadora voltaria para a coleta de dados nos meses em que os mesmos estivessem presentes.

FIGURA 23 - PLENÁRIA DA ELAA – ESPAÇO DE APRENDIZAGEM



FONTE: A autora (2018)

Um momento de tensão se desenhou com o advento da entrada da pedagoga em licença maternidade e, mediante um conturbado momento político no Brasil, com este movimento social sendo fortemente pressionado, a introdução à equipe pedagógica iniciou-se novamente. Agora, com apresentação da pesquisadora e do projeto para a equipe substituta que se mostrou muito mais cautelosa, pelo contexto sócio-político citado anteriormente. Porém, com alguns contatos pessoais, telefônicos e indicações das pessoas da comunidade que já estavam acompanhando a pesquisa, houve a permissão para que a mesma acontecesse no local estabelecido.

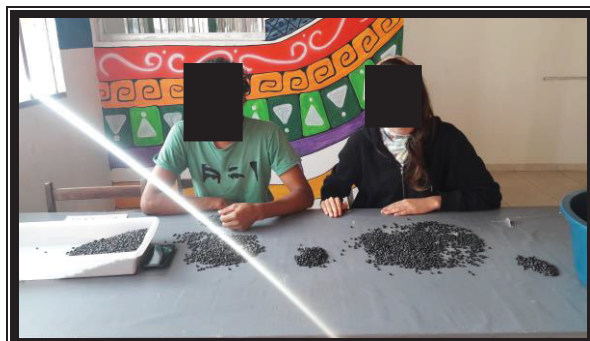
Os estudantes estavam vivenciando o “tempo TCC” nos dias da vivência da pesquisadora na comunidade. Neste contexto, eles encontravam-se tensos com a preocupação sobre seus trabalhos e pesquisas, além da situação de ameaça e truculência política sobre o território. A pesquisadora, a princípio foi cautelosamente observada por eles e, ao mesmo tempo os observava e, aos poucos, cuidadosamente, foram acontecendo situações de convivência. Ao longo dos dias, aconteceram participações nas formaturas (como eles chamam a roda inicial da manhã onde se organizam as atividades), nas refeições, nas atividades do refeitório, da agrofloresta, revisões dos projetos de pesquisa e outras atividades rotineiras e as relações de confiança e afetividade foram sendo construídas. Somente depois deste tempo exploratório, a pesquisadora sentiu que os alunos estavam mais confortáveis para participar das propostas de coletas de dados.

FIGURA 24 - FORMATURA DA MANHÃ



FONTE: A autora (2018)

FIGURA 25 - PREPARATIVOS PARA O ALMOÇO



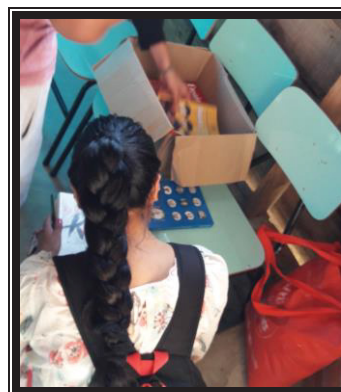
FONTE: A autora (2018)

FIGURA 26 - PREPARO DA TERRA NA AGROFLORESTA



FONTE: A autora (2018)

FIGURA 27 - DOAÇÃO DE LIVROS

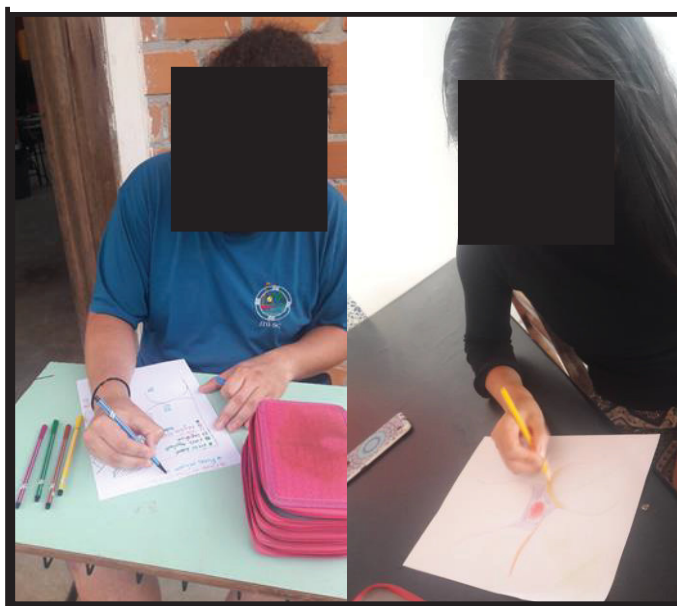


FONTE: A autora (2018)

Um a um, dialogou-se sobre o tema da pesquisa, solicitou-se permissão para gravações de áudio e vídeo e, em seguida, aplicou-se a metodologia dos mapas mentais segundo Kozel-Kashiwagi (2018).

Durante a coleta de dados, os pesquisados indicaram os princípios do Bem Viver presentes na ELAA enquanto espaço sócio-educativo e apontaram convergências com os princípios da Agroecologia, além da maneira de viver no Assentamento.

FIGURA 28 - ESTUDANTES PRODUZINDO OS MAPAS MENTAIS



FONTE: A autora (2018)

Sendo assim, a partir da pesquisa participante aplicada na Escola Latino-Americana de Agroecologia, localizada no Assentamento do Contestado, é possível perceber que esta comunidade vive princípios diferentes dos que encontramos nos demais territórios. Por se tratar de uma comunidade com uma visão holística e de resistência ao sistema capitalista e desenvolvimentista, as relações sociais e ambientais observadas seguem padrões característicos dos povos originários latino-americanos, como pretende o Bem Viver.

A ideologia desenvolvimentista que remete ao consumo e acumulação de material não é o eixo que move este grupo de pessoas. Pelo contrário, os princípios do Bem Viver de solidariedade e fraternidade são facilmente observados. Assim como a relação entre as pessoas e das pessoas com a comunidade, a relação da comunidade para com o meio ambiente também é de respeito, pois é dele que se extrai o sustento. Desta forma, práticas de cultivo são efetivadas colocando o respeito à natureza como princípio vital. A agroecologia surge desta relação e seus princípios, da teoria à prática, são convergentes com os princípios do Bem Viver.

A educação, numa perspectiva de educação emancipatória, está presente nos diversos setores, seja como educação formal ou informal. Esta relação de respeito e sabedoria para com a natureza é o princípio primordial, dos quais partem os demais princípios que convergem com o Bem Viver para a convivência entre todos e a sobrevivência e subsistência da comunidade.

A concepção do tempo também é diferente nesta comunidade. A mesma pessoa pertence a vários grupos dentro da organização social (grupo de trabalho, núcleo de base, grupo de estudos, entre outros) e seu dia é dividido em tempos para cada momento. Parece impossível fazer caber tantas funções no espaço de tempo de um dia, ou da semana, quando se houve seus relatos. Porém, eles ainda conseguem tempos extras para atividades recreativas. A valorização “dos tempos”, a intensidade com que se vive cada momento foi um diferencial em potencial nesta pesquisa. E o tempo e as ações tomadas precisam ser coletivas neste território. Algo impossível de ser descrito, apenas vivenciado. Algo que realmente diferencia esta comunidade da correria que a sociedade externa a eles impõe.

A agroecologia é observada e praticada no território como fonte motriz daquela sociedade e surge como uma oportunidade de uma nova relação entre as pessoas e o meio, além de fortalecer o MST e seu estabelecimento na região. É possível identificar uma resistência ao modelo mercantil, mesmo inseridos neste modelo capitalista, na busca da construção de uma sociedade que atenda os seres humanos com um desgaste reduzido dos recursos naturais, ou seja, de maneira mais sustentável. A produção local privilegia o sustento familiar e não a comercialização. Este é um princípio convergente com as ideias do Bem Viver.

As refeições realizadas neste território com os estudantes foram um tempo muito especial da coleta dos dados, pois neste período dados importantes foram fornecidos. As refeições eram simples, porém repletas de sabores e de organização. O preparo iniciava-se muito cedo com a chegada dos alimentos da cooperativa e da agrofloresta, bem como a seleção dos mesmos para o cardápio do dia. Em seguida, seu preparo cuidadoso e, após o toque do sinal, a refeição coletiva, com diálogo, com alimentos orgânicos, frescos e a aprendizagem sobre a produção e sobre técnicas agroecológicas na prática, com a valorização dos ciclos ecológicos. A organização final deste tempo, da coletividade, de cada um lavar sua louça e deixar como a encontrou, com sabão produzido ali mesmo, com os restos de comida destinados aos animais ou a compostagem, fazem parte do processo agroecológico, convergente com os princípios do Bem Viver pesquisados.

7.2 ANÁLISE DAS HOMONÍMIAS SÍGNICAS DOS MAPAS MENTAIS

No Quadro 1, identificamos que quatro signos foram representados em todos os mapas mentais: a Agroecologia, a ELAA, as relações de saberes e os fluxos.

Esses signos com nomações iguais, apesar das representações serem distintas, têm o mesmo significado, ou seja, são representações de signos homônimos, denominados também de homonímias sígnicas por Kashiwagi (2011).

É possível traçar relações entre os signos recorrentes em todos os mapas mentais e a relevância destes no contexto da pesquisa.

O signo **Agroecologia** é muito relevante no contexto da pesquisa. Representa a experiência rotineira dos pesquisados, tanto quanto ao tema de estudo no curso de graduação quanto à sua prática na ELAA. Esse é o motivo pelo qual todos incluem a Agroecologia em seus mapas mentais. Quando lhes foi solicitada a atividade de coleta de dados, os mapas mentais, com o diálogo acerca das relações ser humano e natureza, foi unânime a sugestão das práticas agroecológicas como meio para se atingir a soberania alimentar, econômica e social. Os fundamentos da agroecologia convergem com os princípios do Bem Viver, alvo desta investigação.

No contexto da ELAA, a Agroecologia é vivida intensamente. Além da teoria ser pesquisada e investigada, o modelo social que se estabelece em torno da Agroecologia, através da produção da maior parte dos alimentos ali consumidos, da qualidade dos alimentos, da valorização dos campestinos e sua qualidade de vida e do protagonismo estudantil na organização da estrutura desta instituição de ensino.

Outro signo repetido unanimemente foi a **ELAA**. A escola representa o espaço comum plurinacional e pluricultural de construção e compartilhamento de conhecimentos entre os pesquisados. Isso justifica a representação das **relações de saberes** com signos registrados em todos os mapas conceituais.

Com representações diversas, o significado homônimo dos signos acerca das relações de saberes, representa o compartilhamento destes, compartilhamento de conhecimentos. Tais conhecimentos são provenientes da ciência propriamente dita, encontrada em livros e demais registros na academia, bem como aqueles trazidos da vivência de cada um, da sabedoria popular, transmitidos ao longo das gerações. A ELAA é o espaço de encontro, vivência e prática das questões agroecológicas. Além disso, o tempo lá vivenciado representa um amadurecimento dos estudantes frente à proposta de um sistema que resiste ao atual modelo de desenvolvimento.

O último signo recorrente em todas os mapas mentais foram as representações de **fluxos**. Os fluxos estão normalmente caracterizados por imagens de setas e linhas que indicam caminhos, logística, movimento entre os demais signos dos mapas mentais. Fato interessante é que em nenhum registro da literatura específica sobre Mapas Mentais, nesta mesma perspectiva, foi encontrado o signo setas e linhas com o mesmo significado. Esta representação levou a pesquisadora a uma reflexão profunda e análises repetidas dos mapas mentais relacionados às entrevistas projetivas para que este resultado lhe saltasse aos olhos.

Esta investigação está baseada num tema subjetivo e abstrato no que concerne às relações humanas enquanto ser natural e o meio onde está inserido, através de estratégias e filosofias que objetivam a saúde da Mãe Terra. A representação dos fluxos nos mapas mentais leva a crer que o pensamento complexo, a análise dos sistemas, levando em consideração as partes inclusas no contexto, realmente é o caminho a ser traçado. Este paradigma mostra-se sutilmente nas representações dos estudantes que colocam a Agroecologia acontecendo no espaço de educação denominado ELAA, onde relacionam-se saberes num constante movimento representado através dos fluxos. Sob a luz do Pensamento Complexo, os fluxos representam a essência da ELAA.

Desta forma, a análise das homonímias sígnicas dos mapas mentais mostra a eficiência científica na coleta, informação e interpretação de dados subjetivos e permite afirmar que todos os mapas mentais representaram a filosofia do Bem Viver sendo praticada neste território, foco principal desta pesquisa.

Porém, através das interpretações e análises de todo o material coletado, a inquietação a respeito dos significados homônimos, ou homonímias sígnicas, principalmente a que se refere aos fluxos, no contexto das relações e movimentos na perspectiva do Pensamento Complexo, desencadeou a análise da presença de cada um dos Princípios do Bem Viver nos Mapas Mentais individualizados. Levou-se em consideração o fato de que os entrevistados representaram suas vivências no Sistema Agroflorestal que vem sendo construído, espaço de representação das abordagens da Agroecologia, e os princípios analisados e interpretados nos dados dos Mapas Mentais e das Entrevistas Projetivas, se referem ao Bem Viver. Sendo assim, tabularam-se os Princípios do Bem Viver identificados em cada um dos Mapas Mentais com a finalidade de identificar convergências entre estas duas correntes na ELAA: a Agroecologia e Bem Viver.

Os princípios do Bem Viver estão, portanto, tabulados no quadro a seguir segundo a interpretação dos signos e seus homônimos (KASHIWAGI, 2011) e sua presença nas representações coletadas com os pesquisados para melhor avaliação em cada Mapa Mental (referenciados como Mx) e para posterior análise dos mesmos. A presença dos Princípios do Bem Viver nos Mapas Mentais, que tratam do contexto Agroecológico, sugere convergências das duas correntes. Tais dados foram utilizados na análise e interpretação dos dados coletados nas Entrevistas Projetivas

QUADRO 2 - AS HOMONÍMIAS SÍGNICAS E OS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER

PRINCÍPIOS DO BEM VIVER	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7
1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a <i>Pachamama</i>	X	X	X	X	X	X	X
2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza	X	X	X	X	X	X	X
3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo	X	X	X	X	X	X	X
4. Compreender e respeitar os limites da Natureza	X	X	X	X	X	X	X
5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos	X	X	X	X	X	X	X
6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território	X	X	X	X	X	X	X

FONTE: A autora (2019)

Como mostra o Quadro 2, todos os princípios do Bem Viver, elencados segundo Acosta (2011), estão presentes nas representações gráficas dos Mapas Mentais. A análise do Bem Viver como uma ciência holística, à luz do Pensamento Complexo, permite interpretar que os saberes representados no material coletado, que representa as experiências e práticas no território da ELAA, simbolizam os princípios do Bem Viver. Além disso, tendo em vista que a Agroecologia é um signo recorrente em todos os Mapas Mentais, além de todos eles representarem o Sistema Agroecológico que vem sendo construído no território pesquisado, e que todos os Princípios do Bem Viver, da mesma forma, estão inclusos, logo comprovam-se as convergências de fundamentos de ambas as correntes (Agroecologia e Bem Viver).

A Metodologia dos Mapas Mentais com a interpretação das Homonímias Sígnicas concretiza os resultados. Esta prática deu consistência aos dados e permitiu a organização e sistematização dos mesmos de modo a facilitar a leitura, a análise e a interpretação do material. Um assunto tão abstrato, subjetivo dentro da

perspectiva sócio- ambiental pode ser estudado, pesquisado e valorizado através desta ferramenta advinda da geografia.

7.3 INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS PROJETIVAS

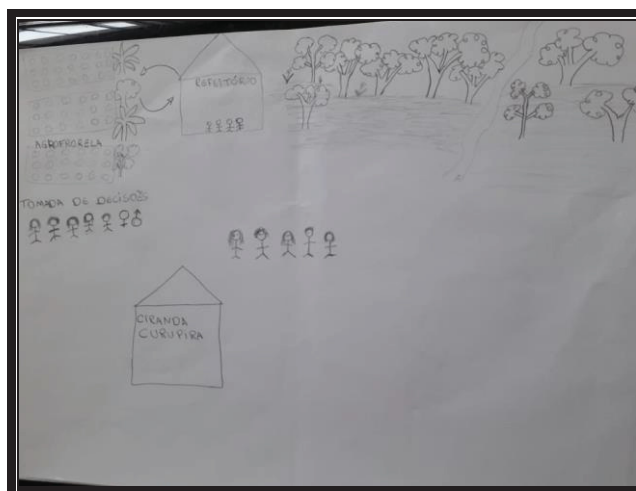
O atual modelo econômico tem grande interesse na visão de mundo representacionista e ela é mantida em nossa cultura pela formatação mental da nossa cultura pelo pensamento linear que é o antônimo de pensamento complexo, segundo Mariotti (2008, p. 79). Esse autor, grande estudioso das ideias de Morin, justifica que esta é a principal razão da grande resistência que a visão complexa de mundo provoca em nossa sociedade. Isso pode ser, uma das razões da resistência ao aceitar o resgate da filosofia do Bem Viver, uma filosofia advinda dos ideais dos povos originários.

A seguir as entrevistas projetivas, baseadas nos mapas mentais produzidos pelos indivíduos pesquisados, serão interpretadas de acordo com os princípios da filosofia do Bem Viver que foi objetivo desta investigação. Leia-se cada interpretação de mundo destes indivíduos como uma esperança, do verbo “esperançar”, para a construção de comunidades e sociedades mais sensíveis às questões globais nesta visão sistêmica de *Pachamama*, a fim de curar as feridas da Terra em busca da sustentabilidade e da saúde planetária, em termos integrais das relações dos seres bióticos e abióticos.

Freire usava lembrar nos em seus discursos que “É preciso ter esperança, mas tem de ser do verbo esperançar, porque tem gente com esperança do verbo esperar, e, aí, não é esperança, mas pura espera”. Nas concepções do Bem Viver à luz do Pensamento Complexo se houver simplesmente “espera” não haverá práticas eficientes para a sustentabilidade.

A análise dos princípios do Bem Viver será feita separadamente como estratégia de facilitar a visão e a compreensão do todo. Porém, vale lembrar que aqui usa-se o Método do Pensamento Complexo. Sendo assim, os princípios não são e não acontecem separadamente. Eles fazem parte da descrição da pesquisa na ELAA. Eles são somente interpretados desta forma por questões metodológicas. Mesmo assim, existe religação de ideias entre a interpretação dos mesmos.

FIGURA 29 - MAPA MENTAL 1 (M1)



FONTE: Magnólia (2018)

Magnólia tem sua pesquisa de TCC sobre o papel das mulheres como guardiãs de sementes. Ela colaborou bastante nas vivências durante esta pesquisa com sua cosmovisão camponesa a respeito da relação ser humano- natureza. É possível identificar todos os princípios do Bem Viver expressos no Mapa Mental de Magnólia:

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: é possível observar em seu mapa mental e está presente na entrevista projetiva a cosmovisão e a compreensão sistêmica do planeta, com a valorização das ideias advindas dos povos originários. Ela traçou relações entre a produção de alimentos na agrofloresta e a devolução do material do refeitório novamente para a compostagem neste espaço, perfazendo as relações agroecológicas em busca da soberania alimentar. Além disso, a floresta nativa está representada e é interpretada por ela com seu importante papel natural para todas as espécies, inclusive a humana. Ela relata a importância da paisagem para o equilíbrio psíquico do ser.

2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: o ser humano está representado de maneira integrada à natureza. Inclusive é ele que modifica o meio na Agrofloresta, nomeada Agroflorela pelas crianças da Ciranda Cultural, e devolve o material do refeitório para compostagem e complementação do ciclo agroecológico, indicando a facilidade da possibilidade da reintrodução de algumas práticas sustentáveis e agroecológicas. O ser humano enquanto ser natural está representado na diversidade de gênero e etnia, segundo sua interpretação e, além disso, conta com a presença das crianças que tem o espaço da Ciranda Cultural

para sua educação complementar enquanto seus pais podem estudar na ELAA. A Ciranda Cultural é mantida por adultos do Assentamento, alunos da ELAA e demais moradores que se disponibilizam a este tempo trabalho de cuidado orientado com as crianças, filhos dos pais trabalhadores e/ou estudantes. Os princípios do feminismo também foram valorizados por ela.

3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: a desmercantilização da *Pachamama* proposta pelo Bem Viver encontra-se destacado neste mapa mental quando aparecem as relações da coletividade. O trabalho coletivo e voluntário a favor da comunidade, como na Ciranda Cultural e no refeitório, bem como a produção de alimentos na agrofloresta com a divisão do tempo trabalho são exemplos práticos da resistência e superação ao modelo capitalista. O ser humano neste contexto faz parte dos ciclos naturais, está reinserido no natural como já interpretado anteriormente, desfazendo a visão de explorador e dominador. Este é um ponto fundamental da filosofia do Bem Viver, claramente representado aqui.

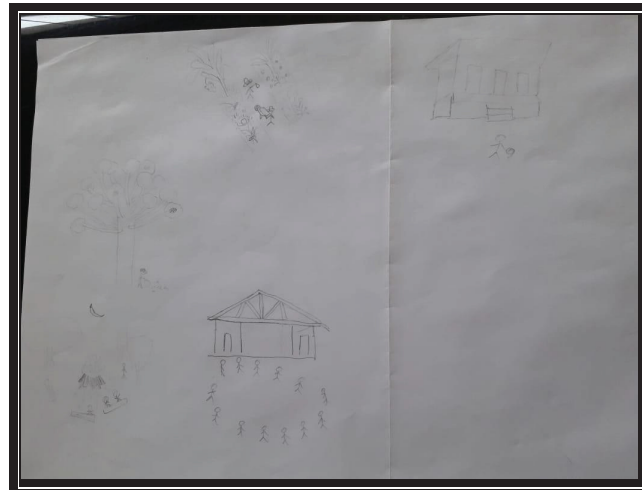
4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: Na compreensão dos ciclos agroecológicos, respeitam-se os limites da Natureza, na compreensão do termo *Pachamama*, ambiente do qual fazemos parte. Este princípio está claro na representação da Agroflorela e da floresta, bem como com a inserção do ser humano harmoniosamente nas ilustrações.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: A justiça social está representada no respeito e na diversidade de gêneros e etnias, bem como as diferenças etárias. A valorização de toda forma de vida também é outra perspectiva que remete ao ideário dos povos originários da América Latina. O território da ELAA é abastecido de internet e tecnologias compatíveis como computadores de mesa, *notebooks* e *smartphones*, assim como instrumentos modernos de plantação, e mesmo sem negar esta tecnologia, Magnólia insere os saberes originários em sua análise.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: o mapa mental de Magnólia deixa claro a tomada de decisões na coletividade. A representação da diversidade local remete-se também a pluriculturalidade e à valorização dos diferentes saberes e culturas e das variadas formas de vida, em termos de biodiversidade de espécies. A valorização da cultura de cada país e de cada estado brasileiro representado na ELAA acontece em diariamente e em eventos como as noites culturais, que, segundo Magnólia, são

também uma válvula de escape ao estresse que a distância da família acaba gerando. Está então, representada a construção democrática do Bem Viver local, que valoriza as características do território e da comunidade, bem como a cosmovisão dos grupos sociais que vem de diferentes culturas.

FIGURA 30 - MAPA MENTAL 2 (M2)



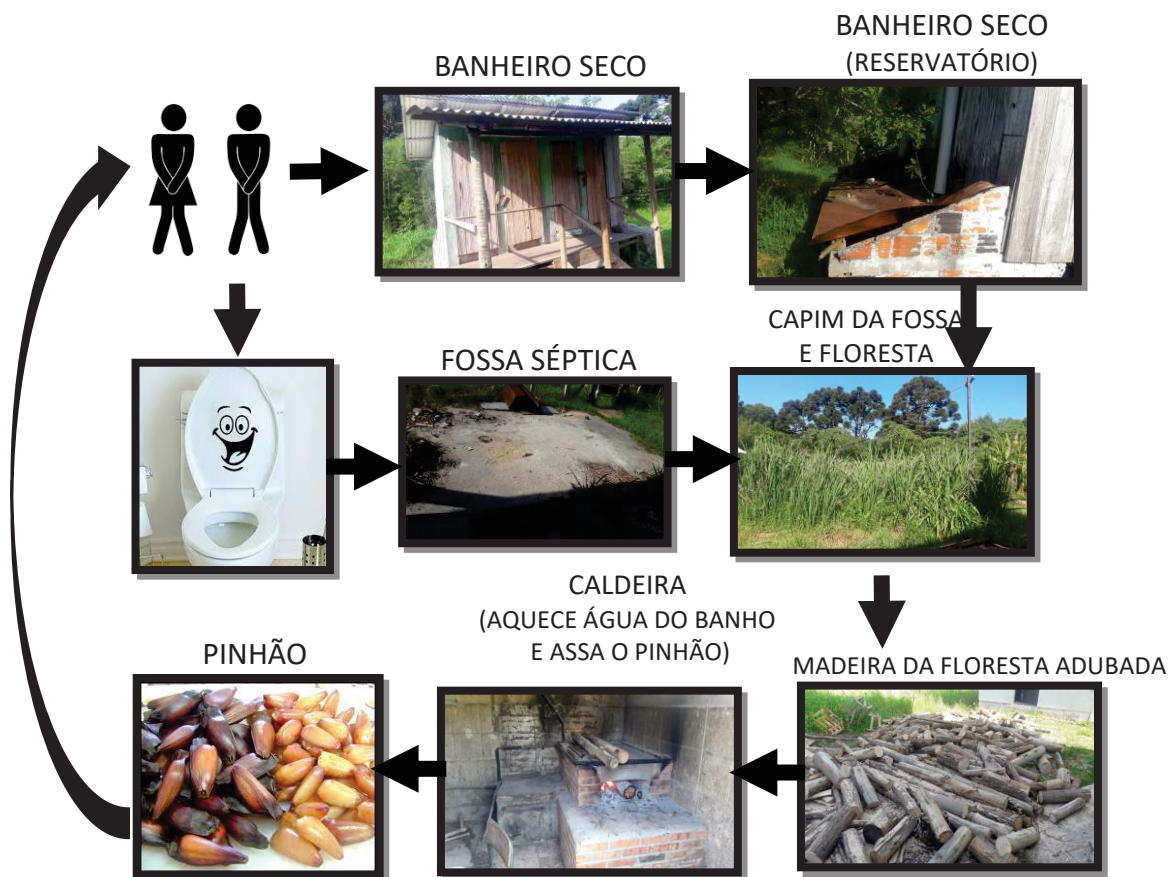
FONTE: Girassol (2018)

Girassol esteve próximo da pesquisadora nas vivências e mostrou-se disponível e participativo. Ele ajudou no reconhecimento do território, além da construção do mapa mental e da entrevista projetiva, incluindo sua percepção sobre as atividades ali experienciadas.

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: Girassol valoriza a Araucária, planta símbolo da região, e o pinhão, semente comestível que ela produz. Um saber originário, local, valorizado pelos estudantes de culturas diferentes da ELAA e que representa uma ligação forte com a Mãe Terra bem como uma atividade desestressante frente às questões do confinamento dos estudantes. Da mesma forma, ele ilustra e cita a prática de constante de “tomar um mate” juntamente com a assada do pinhão nas folhas de sapé em uma fogueira, outro intercâmbio cultural de relação profunda com a natureza devido ao histórico cultural e natural da erva-mate para os povos latino-americanos. O ser humano está inserido na Mãe Terra em todo o seu discurso, no modelo alimentar, na produção, nos estudos da ELAA, até a forma de reaproveitamento dos rejeitos e dos dejetos humanos.

2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: o ser humano está inserido como integrado à natureza em seu discurso e em seu mapa mental. Ele relaciona a produção de alimento e outros cuidados com o meio. A relação cultura X natureza está intrínseca em sua fala e em sua ilustração. Ele verbaliza que o cultivo das sementes e a cultura alimentar são dados históricos importantes dos povos que o monopólio do mercado vem destruindo. O banheiro seco reinsere o ser humano em seu ciclo ecológico da teia alimentar. Girassol explica o sistema sanitário da ELAA. O banheiro seco recebe os dejetos de defecação humana e, em seguida, este rejeito é coberto com serragem ou pó de serra (material de celulose) e permanecerá em decomposição. Por questões sanitárias, este composto é usado na floresta onde não há produção de alimento, apesar de, segundo ele, isso ser uma questão cultural porque o composto estaria livre de contaminação. Já o resíduo do banheiro comum, utilizado principalmente para excretas (urina), é encaminhado para a fossa séptica que utiliza tipos específicos de vegetais que absorvem grande quantidade de água para crescer. Assim, a umidade é utilizada, as plantas utilizadas deixam apenas a água no lençol freático e na atmosfera e este pasto é cortado e pode servir de alimento para animais ou como forragem de plantações.

FIGURA 31 - UM PEQUENO CICLO AGROECOLÓGICO NA ELAA: SER HUMANO-PACHAMAMA



FONTE: A autora (2019)

3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: Girassol ilustra e cita a prática de coleta e preparo do pinhão e do mate como uma prática cultural e que permitiu uma variedade alimentar em tempos de crise financeira na ELAA. Uma busca de superação de crise que vai na contramão da ideologia capitalista. Outra prática que ele ilustra e descreve é a produção diversificada na agrofloresta que envolve alimentos e a manutenção da diversidade das sementes. A superação do modelo atual está presente desde as relações humanas que se estabelecem com princípios de empatia e cuidado até o modelo econômico em si.

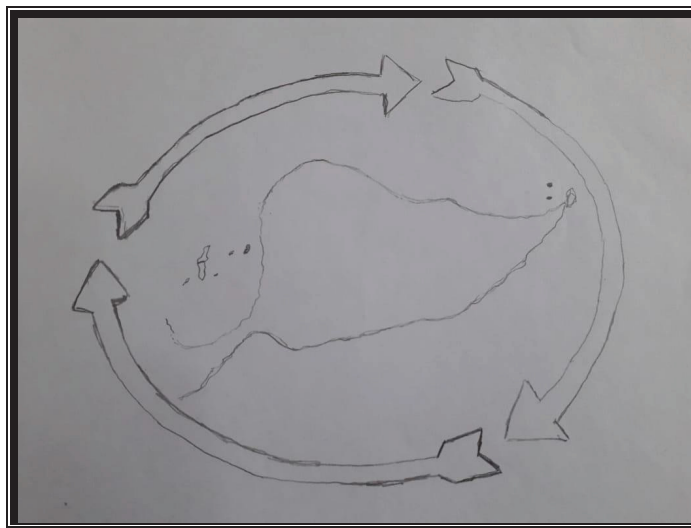
4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: A manutenção da agrofloresta para produção de alimentos e para a produção de sementes compreende o respeito e a preocupação com a qualidade e a soberania alimentar.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: As atividades coletivas são representadas com as pessoas dispostas em círculo, uma prática que representa os povos originários, principalmente indígenas que valorizam o compartilhamento do fluxo da energia. Ela aparece no mapa mental de

Girassol tanto na fogueira, atividade de recreação, quanto na formatura, atividade inicial do dia quando informações e decisões importantes são acontecem na coletividade. Nota-se que, mesmo com as tecnologias da comunicação ali presente, as decisões coletivas são presenciais, olho no olho. Ele cita a musicalidade como uma prática relaxante em alguns momentos nas rodas de conversa. Alguns estudantes tocam alguns instrumentos musicais. Os estudantes, ainda, compartilham espécies vegetais das suas regiões, desde plantas medicinais, comestíveis, ornamentais, ou até mesmo para produção de artesanato. Eles podem usar os espaços da escola para plantar e levar mudar para propagar a espécie.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: Girassol conta que o confinamento do tempo escola acaba gerando momentos de tensão entre os estudantes. Ele cita a distância dos seus familiares, a falta do seu espaço exclusivo como os motivos principais. Mas, na coletividade isso é resolvido. Terapias, atividades diferenciadas e o contato com a natureza renovam e espaírecem, segundo ele. O cuidado um com outro é valorizado em seu discurso e seu mapa mental. Assim, a construção democrática do Bem Viver que ali existe, com a valorização das características locais e a cosmovisão dos indivíduos é percebida neste território. Existe ainda a prática da recuperação dos saberes ancestrais.

FIGURA 32 - MAPA MENTAL 3 (M3)



FONTE: Antúrio (2018)

Antúrio é um dos estudantes que não é brasileiro. Ele é argentino e demonstrou conhecimento prévio a respeito da filosofia do Bem Viver nos momentos de vivência e coleta de dados.

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: Antúrio relaciona os princípios da Agroecologia com a filosofia do Bem Viver em sua entrevista projetiva sobre o mapa mental. O resgate dos saberes originários em relação aos ciclos atualmente denominados de agroecológicos, os ciclos da natureza, são fundamentais em sua concepção. Ele acredita que o ser humano, que não vive a agroecologia, trata a natureza como algo inacabável e autorregulável.
2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: Ele verbaliza que a agroecologia busca uma integração ser humano X natureza. O ser humano precisa sentir que é parte da natureza, sabendo que se ele fizer algo estará se afetando também. Ele descreve esta integração como “ciclo total”, pois o ser humano não poderia mais se desincluir deste sistema. Ele valoriza a possibilidade de trabalhar na natureza sem afeta-la, sem o radicalismo de alguns ambientalistas, que é a proposta da agroecologia.
3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: A produção de alimento de maneira sustentável, de acordo com a agroecologia, fez parte do seu discurso e está envolvido no ciclo que ele representou com as flechas no mapa mental. Ele

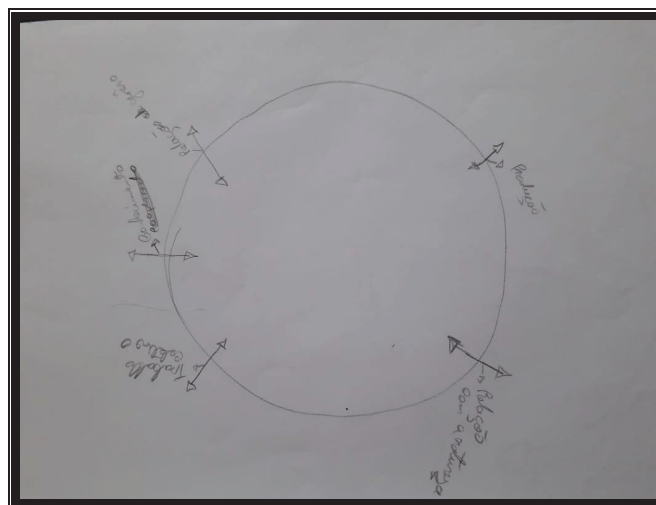
reforça que o modelo convencional da produção de alimentos já se mostrou incapaz de saciar a fome mundial. A transição para as agroflorestas tem mostrado bons resultados, segundo ele.

4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: Ele cita o modelo convencional da produção de alimentos como ineficaz por não respeitar ciclos naturais. A Revolução Verde também foi criticada por ele por jogar 30% da produção fora. Estes modelos são comparados a agroecologia e ele valoriza esta prática por respeitar a natureza, que inclui os povos humanos que vivem na região.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: Antúrio representou a América Latina com a justificativa da necessidade do resgate de conhecimentos que se perderam com a ambição de criar capitais, esquecendo-se do Bem Viver e dos ciclos da natureza, representado pelas flechas. A agroecologia, segundo ele, vai esbarrar em vários setores: ambiental, cultural, político, entre outros.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: A agrofloresta é citada como um modelo eficaz de produção de alimentos e que valoriza as características de cada território e das comunidades neles inseridas. Para isso, será necessário uma construção democrática e valorização dos saberes locais sobre os ciclos ecológicos. Para ele, o ser humano é só mais um grupo dentro do sistema e é preciso respeitar a crença individual sobre o que virá depois.

FIGURA 33 - MAPA MENTAL 4 (M4)



FONTE: Lótus (2018)

Nas vivências Lótus colaborou com experiências acerca da produção de alimentos, especificamente sobre a identificação de pragas e o tratamento e prevenção dos mesmos de maneira orgânica e agroecológica. Seu mapa mental e sua entrevista projetiva apontam os princípios de Bem Viver neste espaço de educação que é a ELAA.

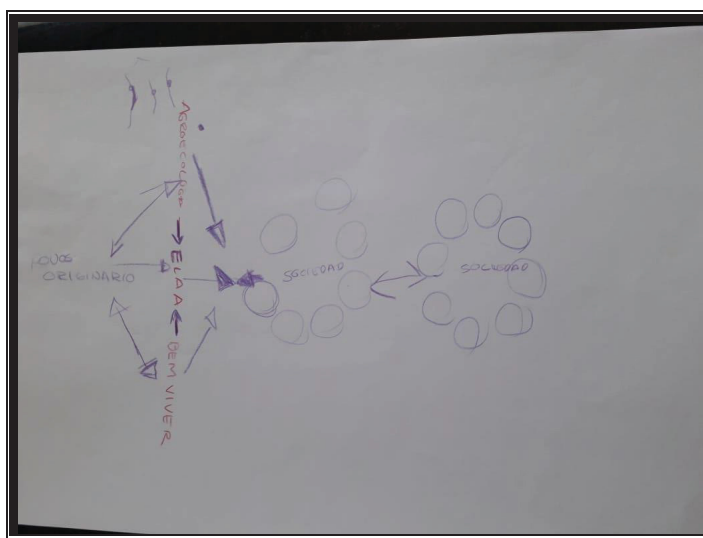
1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: seu mapa mental representa os ciclos, ecológicos e sociais, bem como as relações existentes, na perspectiva da cosmovisão. Relaciona o ser humano introduzido à natureza incluindo a produção na visão sustentável.
2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: o ser humano está integrado à natureza em seu discurso como possível praticante da sustentabilidade e a agroecologia aparece como a solução para a problemática acerca da distribuição e produção de alimento, bem como da sua qualidade visando a redução da contaminação tóxica de toda a cadeia ecológica.
3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: este modelo de relacionar as relações de gênero, do conhecimento, do trabalho coletivo, da produção, da relação do homem com a natureza em um ciclo é uma estratégia de contestação ao atual modelo de desenvolvimento que ele representa a sua experiência de vida na ELAA.
4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: as representações que envolvem as ideias centrais da agroecologia remetem à compreensão dos ciclos

agroecológicos, numa relação de respeito e busca de alternativas dentro dele mesmo.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: neste meio pluricultural que é a ELAA, Lótus representa a produção, muito discutida como alternativa neste espaço de educação, bem como a constante busca ao conhecimento. Pode-se relacionar estes fatos à consideração dos avanços tecnológicos que envolvem a produção e o acesso às informações através da rede de dados, que estão harmonizados com os saberes compartilhados pelos estudantes e demais integrantes da ELAA.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: o ciclo representa a construção coletiva das práticas agroecológicas, que valoriza a comunidade e as decisões coletivas, com respeito às diferenças, no amplo sentido desta questão (gênero, etnia, crença, entre outros), e à pluriculturalidade.

FIGURA 34 - MAPA MENTAL 5 (M5)



FONTE: Ayrampo (2018)

Ayrampo é uma cactácea que produz uma belíssima flor bordô, utilizada como planta medicinal. É comum nos solos áridos da região de Oruro, na Bolívia, território de origem desta estudante. Sua pesquisa de TCC envolve a etnobotânica deste vegetal e relaciona a planta com a comunidade local que é de origem Quechua. A estudante foi denominada Ayrampo nesta pesquisa, em homenagem aos seus estudos e a sua origem. Sua contribuição com a construção dos resultados deste

trabalho é incalculável, pois sua cosmovisão é a visão de uma nativa e representa muitos princípios do Bem Viver que esta pesquisa buscava encontrar nas raízes dos povos originários. Quase todos os dias de vivências na ELAA contaram com a presença de Ayrampo. Sua história de vida, suas atitudes, suas relações interpessoais fizeram parte da coleta de dados, além da metodologia dos mapas mentais e da entrevista projetiva. Cabe citar que, como dito na metodologia, as relações que a pesquisa estabelece são, antes de tudo, humanas e envolvem sentimentos. E com esta estudante a aproximação foi tão harmoniosa que, ao final do processo, através da própria Ayrampo, a ELAA fez o convite para a orientação de seu TCC por esta pesquisadora. Esta é uma relação de compartilhamento de saberes e de relações humanas.

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: Ayrampo verbaliza sobre agroecologia remetendo-se aos ensinamentos de sua mãe e de seus avós, de origem daquela comunidade indígena da Bolívia. As relações e os conhecimentos que são transmitidos ao longo das gerações, vão sendo perdidos, segundo ela. E a agroecologia surge como resgate de parte destes conhecimentos e desta cosmovisão das relações com a Mãe Terra.

2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: em seu discurso está intrínseco o ser humano como elemento natural. A relação humana, na sua cosmovisão, é de respeito e não de dominação. Ela fala sobre o respeito aos ciclos dos ventos, das fases da lua, dos períodos de chuva, das estações do ano, do ciclo de vida das plantas e todos os ciclos ecológicos.

3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: o Bem Viver é um modelo de ruptura com o atual modelo econômico e, Ayrampo cita a ELAA como modelo de Bem Viver, na essência. Ela ainda relaciona a agroecologia com o Bem Viver quanto aos seus princípios.

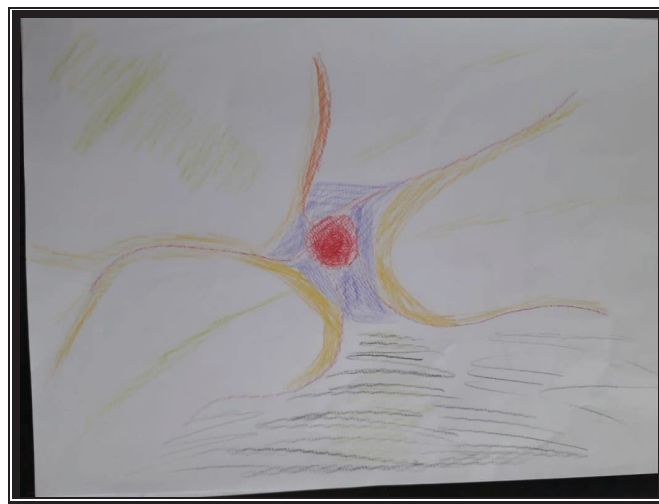
4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: o ser humano tem buscado “tecnificar” os processos, sem levar em consideração a natureza, segundo ela. Então, os povos originários estão anteriores à sociedade, em seu mapa mental, e próximos ao Bem Viver e a Agroecologia, representando a resistência frente ao desenvolvimento. Ela fala sobre um constante movimento de vai e vem na sua representação mental entre os saberes dos povos originários e o da sociedade,

forma pela qual ela se refere à sociedade contemporânea com ideologia desenvolvimentista.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: Ayrampo nos lembra que os povos originários, seus antepassados, não eram pessoas letradas ou com estudo, mas que seu conhecimento acerca do meio em que estavam inseridos é de grande valor até hoje.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: Ayrampo explica que mesmo sem conhecer o termo “Bem Viver”, ela identificou, na ELAA e em suas leituras as suas experiências de vida como integrante de um grupo que vive a resistência de um sistema desenvolvimentista. Na ELAA, acontece a construção democrática das orientações para o bom convívio que se instala com a chegada dos estudantes a cada período do tempo escola. O diálogo constante para a tomada de decisões e a divisão do grande grupo em grupos menores de funções e tarefas reflete este princípio do Bem Viver.

FIGURA 35 - MAPA MENTAL 6 (M6)



FONTE: Copihue (2018)

Copihue é uma flor típica do Chile. Em homenagem à nacionalidade desta militante discente, utiliza-se o nome desta para representá-la. A estudante Copihue participou de movimentos sociais diferentes e, um deles dizia respeito ao resgate do Bem Viver em seu país. Feminista, mostrou liderança e destaque naquele grupo nos momentos de vivências. Sua colaboração com a compreensão dos princípios aqui

investigados também é rico em interpretações por se tratar de uma estudante envolvida com ambas as filosofias aqui pesquisadas, desde sua origem.

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: o círculo vermelho central representa o instinto mais primário do ser humano, aquilo que primeiro nos move na vida. Ela interpreta este instinto em duas possibilidades: criativo ou destrutivo. Esta natureza inicial do ser humano traça como serão as suas relações humanas com a agroecologia, com o Bem Viver, com a Mãe Terra. Em sua cosmovisão, ela acredita que as dificuldades para que estes princípios não se cumpram estão ligadas a estas aspirações ou instintos não positivos que os seres humanos têm.

2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: Em seu discurso o ser humano está na Natureza e a sua relação com ela é mediada pela forma positiva ou destrutiva de olhar o mundo. Ela relata sobre a necessidade de coerência do discurso com a prática acerca das questões ambientais. O ser humano mais individualizado está ligado às demais relações, inclusive ao ambiente, em seus traços da cor lilás, semelhantes à uma estrela.

3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: em sua interpretação ela deixa claro que a superação do modelo atual passa pelos princípios da agroecologia, que mostram similaridades com os do Bem Viver. Na agroecologia também aparecem os princípios e a prática do feminismo, segundo a entrevistada. A sociedade chilena é descrita por ela como machista desde os seus primeiros intercâmbios políticos e diplomáticos feitos entre homens e não entre mulheres. Então, ela traça um caminho em preto em seu mapa mental. A cor representa que o caminho apresenta dificuldade a serem vencidas visando a superação de um modelo instituído, por uma nova sociedade.

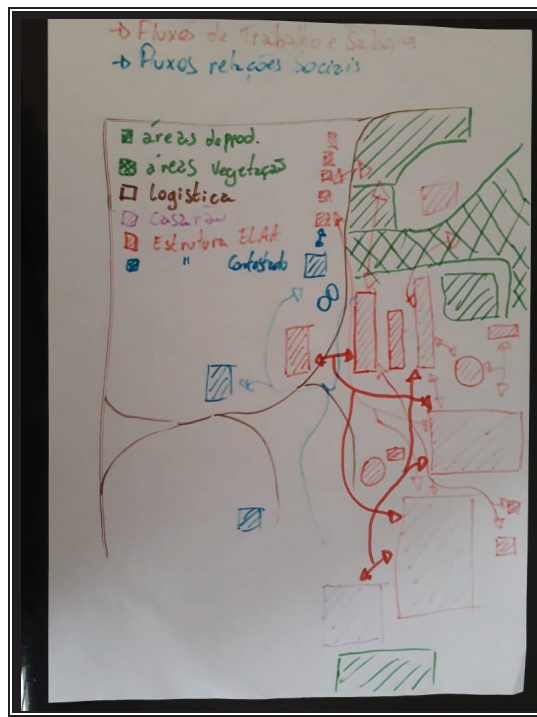
4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: As relações humanas com o meio são complexas e é preciso relacionar o discurso da agroecologia com a prática. Ela relacionou todos os princípios do Bem Viver a agroecologia em momentos de vivência, pois com esta estudante os diálogos acerca do Bem Viver e dos povos originários foi profundo devido suas experiências e vivências em movimentos envolvidos com o tema. A compreensão dos limites da Natureza relaciona-se diretamente a ideia da sustentabilidade.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: seu discurso representa uma compreensão planetária complexa, uma cosmovisão. A

relação histórica e sócio- ambiental traçada em seu mapa mental valoriza sua origem andina. Seu povo está marcado, segundo ela, pelo machismo. Atualmente, o feminismo está presente no povo andino, relacionando-se ao resgate dos saberes acerca das questões agroecológicas.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: os traços na cor violeta de seu mapa mental mostram as relações possíveis do ser humano. Tais relações envolvem a construção democrática e coletiva de uma nova sociedade, valorizando as características locais.

FIGURA 36 - MAPA MENTAL 7 (M7)



FONTE: Lírio (2018)

Lírio é um brasileiro e um dos primeiros estudantes que a pesquisadora teve contato. Ele mostrou-se proativo, colaborando com seus colegas a respeito das orientações e normatização do TCC, uma habilidade dele. Quanto a esta pesquisa, mostrou-se disposto a participar das conversas nas vivências e nas metodologias de coleta de dados.

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: seu mapa mental é um croqui para representar as relações que ele observa na ELAA, representada na cor vermelha. As áreas produtivas estão representadas em verde e a logística em marrom. Ele

esquematizou e verbalizou uma vivência harmônica dentro do sistema agroecológico que se estabeleceu na ELAA e no Assentamento de maneira a integrar ser humano e natureza.

2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: Na compreensão do estudante denominado Lírio, todo seu discurso é feito na compreensão do ser humano integrado à natureza. Ele demonstra o fluxo dentro do território com as setas no complexo de relações sociais, ambientais e de trabalho de maneira parcial. São representações que transcendem o espaço geográfico. Desta forma, em seu mapa mental e em seu discurso ele associa todas as espécies vivas com mesmo valor hierárquico.

3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: Lírio discursa sobre o valor social e ambiental deste modelo de comunidade que se estabelece na ELAA, incluindo a estrutura do Assentamento e da Via Campesina. Ele cita a importância histórica do casarão como estrutura social que era casa do Barão dos Campos Gerais, dono das terras no Brasil Colonial, foi o primeiro espaço da ELAA e atualmente é o centro cultural do Assentamento. Considera-se esta evolução de atividades do casarão, como espaço geográfico, um símbolo de uma superação ao modelo desenvolvimentista que esta comunidade busca em sua essência de luta e resistência. Para ele, este território teria que formar muito agroecológico e demais profissionais neste modelo para pagar o peso histórico- social impregnado nele.

4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: o espaço de aprendizagem, o espaço organizativo e o espaço de trabalho estão relacionados e conectados ao espaço natural em todo seu discurso. A mata nativa é citada como um espaço não estranho. Ela é bem conhecida e utilizada de maneira sustentável, assim como a agrofloresta. A busca do conhecimento das relações ecológicas traz em sua essência a compreensão e o respeito aos limites da Natureza. Isso é o que a Agroecologia busca.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: os saberes e a pluriculturalidade que se conectam e se relacionam na ELAA traçam as ações coletivas democraticamente em um complexo de relações simbolicamente representadas no mapa mental de Lírio. Como ele mesmo citou, estas relações transcendem o que está representado em seu registro no papel. Conhecendo o local, compreende-se que estas relações acontecem sem negar os avanços tecnológicos.

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: as relações neste território são construídas coletivamente. A teia construída em seu mapa mental, representada com suas setas e espaços deste território, proporciona a interpretação da construção democrática, do coletivo em ação e da valorização dos saberes múltiplos ali presentes.

A Metodologia dos Mapas Mentais, segundo Kozel- Kashiwagi formou um conjunto harmonioso de coleta de dados com a Metodologia da Entrevista Projetiva, segundo Minayo, gerando um aporte teórico-metodológico que deu o suporte necessário à esta investigação acerca dos princípios do Bem Viver. Tendo em vista que as relações que foram traçadas foram à luz do Pensamento Complexo, esta metodologia conjugada capacitou atingir às conexões de saberes necessárias.

O Pensamento Complexo suporta esta investigação subjetiva porque vai na contramão do Positivismo que valoriza a quantidade e não a qualidade. Na perspectiva positivista o qualitativo tem menor valor ou simplesmente é negado. As relações e o contexto não são capazes de ser medidos ou mensurados, porém sua importância é inegável. Nesta nova postura científica, passamos da observação da estrutura à compreensão do processo.

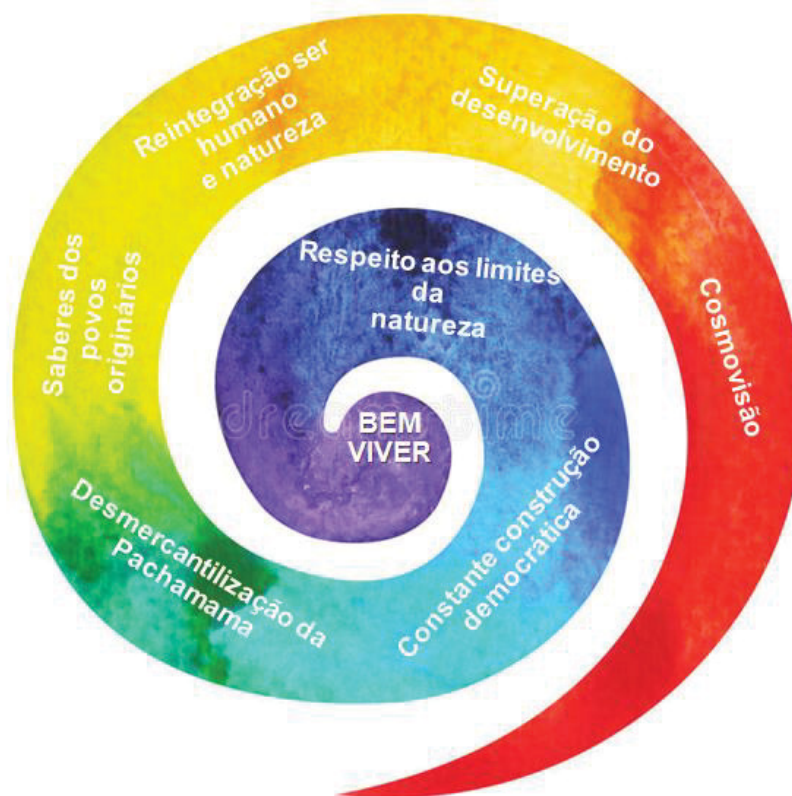
A partir da interpretação geral dos dados coletados, percebe-se que a ELAA é um espaço de educação que representa a resistência ao atual modelo de desenvolvimento, como propõe o Bem Viver. Todos os princípios da filosofia do Bem Viver descritos por Acosta, baseado nos povos originários, foram encontrados de alguma maneira lá.

A fim de tornar mais clara a compreensão dos resultados, eles serão descritos conforme interpretação final da pesquisadora na mesma sequência utilizada anteriormente. A tarefa mais árdua é despir-se do olhar colonizado para compreender o imaginário descolonizado que o Bem Viver propõe e está presente na cosmovisão dos camponeses estudantes que participaram da pesquisa.

Apesar de no texto haver um esforço para conectar os saberes percebidos nos dados coletados na ELAA em relação aos princípios do Bem Viver, a interpretação da pesquisadora à luz do pensamento complexo pode não conseguir abranger todas as relações possíveis, porque como Morin mesmo explica em diversos dos seus estudos, a compreensão da completude das relações é, talvez, inatingível.

Os princípios do Bem Viver relacionam-se entre eles num constante vai e vem. Sendo assim, a pesquisadora pensou, a princípio, no movimento em espiral destas relações, já apresentada anteriormente:

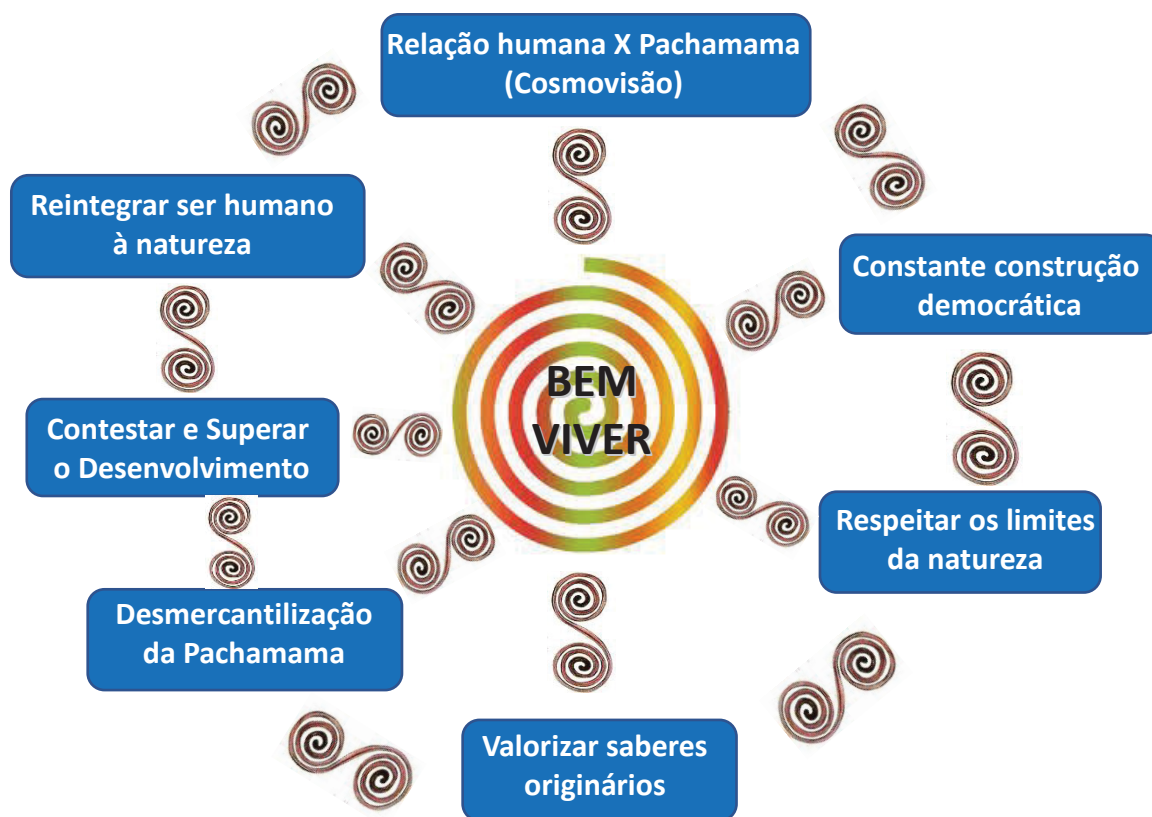
FIGURA 37 - PRIMEIRA SISTEMATIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER



FONTE: A autora (2018)

Após a análise e interpretação destes dados, surge um novo mapa mental representando as relações destes princípios do Bem Viver à luz do Pensamento Complexo, segundo a pesquisa na ELAA. Ao invés de setas, usou-se espirais para conectar as relações. As pesquisas aprofundadas mostraram que os espirais admitem várias interpretações importantes – como fonte de boas vibrações e conexão com a natureza - para os povos originários da América Latina, como os povos andinos e indígenas. Além disso, espirais representam o número áureo, o número da perfeição, para os matemáticos. Estas leituras fortalecem o signo “espiral” no mapa mental da autora.

FIGURA 38 - PRINCÍPIOS DO BEM VIVER À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO



FONTE: A autora (2019)

O primeiro princípio, de acordo com Acosta, “Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*”, se fez desafiador no contexto da ELAA. Interpretar estas relações com um olhar totalmente descolonizado mostrou-se um exercício árduo mediante o contexto sócio-cultural da pesquisadora, mas houve grande cuidado para que isso acontecesse da maneira mais aprofundada possível.

O Bem Viver está representado na ELAA com estudantes que demonstram ideias descolonizadoras, representantes dos povos originários e inseridos em movimentos de resistência aos ideais capitalistas, em sua relação com a *Pachamama*. Isso faz com que aquele território apresente um movimento intercultural com valorização do plural, das diferentes formas de se relacionar entre todos os seres vivos do planeta. A Agroecologia converge neste princípio com o Bem Viver e, as práticas agroecológicas são um dos fatores da identificação dos princípios do Bem Viver neste território.

A Cosmóvisão é contextualizadora, abrangente e em todos os mapas mentais e entrevistas, bem como nas vivências, os estudantes relacionam a história do local da época do Brasil Colônia, até os dias atuais e valorizam a vida e os ciclos agroecológicos.

O segundo princípio de “Compreender os seres humanos como seres da Natureza” é tão natural para eles que muitas vezes eles não conseguem descrever, mas expressam nas relações que traçam e nas experiências vivenciadas. Esta é outra convergência com a Agroecologia que entende as populações humanas como capazes de usufruir sabiamente do ambiente disponível objetivando a soberania alimentar e a saúde da natureza. Sendo assim, o ser humano, uma espécie como outra qualquer, não representaria uma ameaça ou dominador e a Natureza não é entendida como um bem explorável, infinito e autorregulável. As práticas agroecológicas lá vivenciadas vão além do discurso. Exemplo disso é o sistema de tratamento sanitário da ELAA e a própria agrofloresta com a produção de alimento e manejo e produção das sementes.

A crítica a este princípio é feita pela estudante Copihue quando comenta que o discurso tem que estar ligado à prática e que isso acontece a partir das escolhas que o ser humano tem a fazer. Em sua entrevista ela deixou claro que o ser humano pode ser destrutivo. Neste sentido, a necessidade de sensibilização para as questões ambientais perpassa todos os setores sociais, não apenas a educação formal. A Educação Ambiental é uma ciência que surge nesta perspectiva, assim como o Bem Viver nos espaços de educação.

O terceiro princípio “Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo” está relacionado na ELAA com todos os outros porque a forma de viver na escola e, conseqüentemente, no assentamento, é uma contestação obrigatória ao modelo capitalista visando um modelo social para o bem comum. Pode-se relacionar este princípio com a Agroecologia que não somente visa a produção, mas a qualidade em todo o processo, incluindo a vida do camponês e de sua família. Na escola, este princípio é aprendido na prática. Os estudantes compartilham suas experiências e constroem as práticas coletivamente. O modelo de educação também é contestado e superado na ELAA. A autonomia dos estudantes na tomada de decisões e na organização das atividades e do espaço foi relatada como fator que algumas vezes dificultou a adaptação de alguns profissionais enviados para lá pelas instituições mantenedoras.

O quarto princípio “Compreender e respeitar os limites da Natureza” foi observado nos dados coletados e vivenciados. Está relacionado à agroecologia que visa o entendimento e o respeito aos ciclos ecológicos, bem como aos fenômenos da natureza como ventos, fases da lua, temporada de chuvas, entre outros. Isso acontece na prática neste espaço de educação, como interpretado nos mapas mentais e nas entrevistas projetivas.

O quinto princípio analisado trata sobre “Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos”. A ELAA representa um espaço pluricultural latino-americano com seus estudantes oriundos dos países diversos e que retratam saberes originários diversos sem negar os avanços tecnológicos contemporâneos. Alguns destes estudantes verbalizaram nas vivências a importância da ELAA e da agroecologia no resgate e compartilhamento destes saberes. Isso é convergente com o ideário do Bem Viver que propõe uma construção coletiva, pluricultural e da valorização e resgate dos saberes originários para que, então, estes possam ser disseminados nas comunidades de origem no retorno dos estudantes.

Sendo assim, é possível conectar nesta linha de pensamento o sexto princípio desta pesquisa – “Bem Viver como uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território”. Na ELAA, os estudantes são protagonistas da organização do tempo, da escola (com seu amplo território), do processo logístico e de aprendizagem. Isso torna a atuação deles participativa juntamente com a equipe pedagógica e o corpo discente. As decisões coletivas e a divisão das funções em equipes, onde um mesmo estudante integra várias equipes para momentos diferenciados, é um dos fatores de sucesso da organização da ELAA. A valorização das culturas e dos saberes constroem este território com características claras de um Bem Viver em construção num espaço de educação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências e as experiências na área de estudo desta pesquisa permitiram a solidificação dos aportes teóricos e metodológicos desta investigação. Esta pesquisa partiu de uma curiosidade acerca do território investigado e da filosofia estudada, o Bem Viver, e transformou-se em um grande desafio.

Os métodos positivistas de investigação seriam inconsistentes para tamanha complexidade e haveria de se buscar estratégias para levantar os dados cientificamente. Então, o desafio também foi metodológico. A consistência nos dados que eram vivenciados precisava ser sólida o bastante para ter validade na academia.

Desta forma construiu-se uma conjugação de metodologias, a dos Mapas Mentais somada as Entrevistas Projetivas, sustentada pelo método do Pensamento Complexo. Tudo isso embasou a investigação da existência dos Princípios do Bem Viver, como descrito da obra de Acosta (2011), na Escola Latino-Americana de Agroecologia, no Assentamento do Contestado, na Lapa- PR- Brasil.

Com as vivências iniciadas no Assentamento e, mais tarde, redelimitadas para a ELAA, os mapas mentais representaram muito mais que desenhos. A compreensão do cotidiano, com esta ferramenta de registro das ideias, permitiu interpretar o mundo vivido e os saberes envolvidos.

A reconhecida metodologia Kozel (2001), complementada pelas interpretações de Kashiwagi (2011) por seu viés interdisciplinar na visão da Geografia Humanista-Cultural permitiu a investigação dos intentos deste estudo.

As vivências mostravam uma complexidade de problemáticas na área de estudo, o que levou esta pesquisa a ir gradualmente tornando-se mais complexa. Inicialmente o projeto não contava com os aportes da agroecologia, nem com do pensamento complexo. Tão pouco contava com as metodologias dos mapas mentais. Tudo foi redesenhado e repensado conforme a investigação acontecia e as necessidades teóricas surgiam.

Os enfrentamentos desta pesquisa foram muitos. Quanto aos aportes teóricos- metodológicos houveram dois pontos principais: a confusão de Bem Viver com os princípios capitalistas de Viver Bem como acúmulo de capital; e a ridicularização do uso de mapas mentais em investigação científica. Quanto à prática foram muitos, com destaque para os momentos políticos truculentos,

enfrentamentos de desconfiança da comunidade e o fator tempo que possui tantas interpretações diferentes.

A solução para os aportes teóricos- metodológicos foi gerar argumentos ao longo do texto. Pesquisas com estas características que gerem resultados subjetivos devem ser solidificadas usufruindo “o poder da interdisciplinaridade consolidando um método de investigação” (KASHIWAGI, 2011). Quanto à prática, foi um ótimo treinamento de paciência e perseverança para esta pesquisadora que tem um elevado índice de ansiedade. O fator tempo pôde ser analisado quanto à sua forma descolonizada. O tempo desacelerado. O tempo natural. O tempo de repensar muitas práticas cotidianas.

Confirmou-se a hipótese levantada inicialmente de que estes princípios existiam naquele território. Como o Bem Viver não é uma filosofia pronta e acabada, estes estão em constante construção coletiva e democrática. Existem conflitos, porém estes não eram o foco da investigação.

O Bem Viver aplicado em um território de educação mostra que é possível construir modelos educacionais a favor da emancipação da vida e do protagonismo dos estudantes. As vivências e práticas neste contexto certamente influenciaram o olhar para a educação, bem como as práticas pedagógicas desta pesquisadora. Espera-se que, da mesma forma, isso possa ser difundido a outros profissionais da área. O Bem Viver não é uma filosofia inatingível ou utópica. É, antes disso, um movimento de resistência frente ao ideário desenvolvimentista e de esperança pela saúde da Mãe Terra que pode e deve ser construído, difundido e fortalecido nos espaços de educação.

A possibilidade de um novo modelo social que surge em um pequeno grupo, como neste investigado, é uma esperança para a humanidade. A disseminação das ideias ali estudadas e praticadas podem gerar frutos. Novos pequenos grupos similares poderão surgir e destes outros. Que a esperança do verbo esperar siga além da utopia.

8.1 RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Esta pesquisa inicial sobre o Bem Viver neste território de resistência ao atual modelo desenvolvimentista abre um vasto leque de possibilidades de análises futuras. O setor de educação deste Assentamento é amplo. Conta com outro curso

na ELAA, a graduação em Educação do Campo e com as Escolas Estadual e Municipal do Contestado. Somente este setor já representa um amplo território de investigação para as questões do Bem Viver à luz do Pensamento Complexo como continuidade desta, objetivo desta pesquisadora.

Para além disso, a Ciranda Cultural, a Cooperativa e toda a logística que envolve a produção de alimentos baseado na agroecologia também comporta uma investigação nesta área.

O posto de saúde que mantém terapias de saúde alternativas e preventivas também comportaria campo de investigação acerca do Bem Viver à luz do Pensamento Complexo.

O Assentamento do Contestado constitui uma comunidade que comporta muitas investigações ainda. Há registros de 43 investigações científicas acontecidas lá. Porém, o que eles relatam é a necessidade de retorno dos resultados e a construção de pesquisas com viés participante. A devolutiva até o momento sobre esta investigação foi positiva, pois atendeu estes princípios, segundo eles.

8.2 CONTRIBUIÇÕES DA AUTORA

O Bem Viver surge como a filosofia que pode alicerçar novos padrões sociais com visão mais sustentáveis. A Agroecologia possui princípios convergentes com o Bem Viver e, ambos, sob a luz do Pensamento Complexo, aparecem como alternativa destes novos padrões na Escola Latino-Americana de Agroecologia. A ELAA pode constituir, então, um modelo de território social e educacional para implementação destas filosofias que religam saberes populares com os científicos.

A conjugação dos aportes teórico-metodológicos dos Mapas Mentais segundo Kozel e Kashiwagi, onde uma autora classifica os ícones e outra interpreta as Homonímias Sígnicas, com as Entrevistas Projetivas de Minayo, seguida das análises e interpretações, constituem um modelo para demais pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O Bem Viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ALCÂNTARA, L.C.S.; SAMPAIO, C.A.C. **Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?** IN: Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 40, p. 231-251, abril 2017.
- ALTIERI, M. et al. The ecological impacts of transgenic crops on agroecosystem health. **Ecosystem Health**, v. 6, n. 1, p. 13-23, 2000.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual.** Zahar: 2003.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura.** vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOFF, L. **Saber Cuidar: ética do humano.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, L. **América: da conquista à nova evangelização.** São Paulo: ed. Ática, 1992.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BRANDENBURG, A. **Movimento ecológico na agricultura: trajetória, contradições e perspectivas.** IN: Desenvolvimento e meio ambiente. Curitiba: 2002.
- CAPORAL, F. R. (Org); COSTABEBER, J.A. (Org.). **Agroecologia e Extensão Rural Sustentável: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável.** Brasília: MDA/ SFA/ DATER/ IICA, 2004. V.1.
- CAPORAL, F. R. ; PAULUS, G. ; CASTOBEBER, J. A. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade.** Brasília: 2009.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CAPRA, F.; LUISI, P. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas.** Tradução Mayra Teruya Eichenberg, Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CAMPOS, L. e CANAVEZES, S. **INTRODUÇÃO À GLOBALIZAÇÃO.** Instituto Bento Jesus Caraça. Departamento de Formação da CGTP-IN. Lisboa: Abril, 2007
- COUTINHO. C. P. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática.** Coimbra: Almedina, 2013.
- CROSSO, C. **Enfoque de los derechos humanos: las 5 A para la garantía del derecho humano a la educación,** em **Revista Educación y buen vivir.** 1ª ed., Série Reflexiones. Quito: 2012.

DIAMOND, J. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2012.

DICKMANN, I.; CARNEIRO, S. M. M. Paulo Freire e Educação ambiental: contribuições a partir da obra *Pedagogia da Autonomia*. **Revista de Educação Pública**, v. 21, n. 45, p. 87-102, 2012.

DUSSEL, E. **Ermeneutica e liberazione**. Dalla fenomenologia ermeneutica ad filosofia della liberazione. Dialogo con Ricoeur, IN *Filosofia e Liberazione*, a cura di G. Cantillo e D. Iervolino, Capone editore: Lecce, 1992.

DUSSEL, E. **Europa, modernidade e eurocentrismo**, in Lander, E. (org), *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais*, Clasco, Buenos Aires: 2005.

DUSSEL, E. **Materiales para una política de la liberación**, UANL/ Plaza e Valdés Editores, 2007

ELBERS, J. **Ciencia holística para el buen vivir: una introducción**. Quito: Centro Ecuatoriano de Derecho Ambiental, 2013.

ESTERMANN, J. **Filosofía andina: Sabiduría indígena para un mundo nuevo**. Colección "Teología y Filosofía Andinas" N° 1. La Paz: ISEAT, 2006, Segunda edição, 413 p.

FREIRE, M. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GALEANO, E. **As veias abertas da América**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, L. B.; BOLZE, S. D. A.; BUENO, R. K. e CREPALDI, M. A. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. **Pensando fam**. [online]. 2014, vol.18, n.2, pp. 3-16. ISSN 1679-494X. Acesso em 21 nov 2017.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2005.

GUDYNAS, E. **Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo**. América Latina em Movimento - ALAI, nº 462: 1-20. Quito: fevereiro, 2011.

GUESSER, A. H. **Em tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-16.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

IRWIN, T. “Wicked Problems and the Relationship Triad”. In Stephan Harding (ed.), **Grow Small, Think Beautiful: Ideas for a Sustainable World** from Schumacher College: Edinburgh, 2011, Floris Books, p. 232-259.

JOLLIVET, M. **Le developpement local, mode ou mouvement social?** Paris: Societé Française d’Economie Rurale, 1984

KASHIWAGI, H. M. **Em tese: Representações da Paisagem no Parque Nacional de Superagui:** a homonímia signica da paisagem em áreas preservadas. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pósgraduação em Geografia, 2011.

KEIM, E. J.; SANTOS, R. F. **Educação e Sociedade Pós- Colonial:** Linguagem, Ancestralidade e o Bem Viver. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

KEIM, E. J. **Pedagogia da Pachamama (Mãe Terra) como Grito pela Vida:** Apresentação 1.2 Ser Transdisciplinar na Educação. Matinhos PR, UFPR. Power Point. Disponível em <http://profjacob.com.br>. Consultado em 23 /11/2017.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico:** Curitiba, a “capital ecológica”. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KOZEL, S. **Mapas Mentais: Dialogismo e Representações.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Tradução de Célia Neves e Alderico Torebio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOOHAFKAN, P.; ALTIERI, M. **Globally important agricultural heritage systems: a legacy for the future.** Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2010.

KUPER, A. **Culture: the anthropologist’s account.** Cambridge: Harvard University Press, 1999.

LANDER, E. **Modernidad y universalismo.** Caracas: Nueva Sociedad, 1991.

LATOUR, B. **Nunca fuimos modernos.** Ensayo de antropologia simétrica. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

LEFF, E. **Saber Ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LE MOIGNE, J. L. **La modélisation des systèmes complexes.** Paris, Dunod, réed, 1999.

MARIOTTI, H. **As paixões do ego.** São Paulo: Palas Athena, 2008.

- MARX, K. **O Capital**, livro I, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- MEADOWS, D. H. **Thinking in Systems: A Primer**. Edited by Diana Wright, White River Junction, Chelsea Green Publishing Company, (2008), 218 p.
- MEDINA, J. **Suma Qamaña: La comprensión indígena de la Vida Buena**. La Paz: GTZ, 2008, segunda edición.
- MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica**. IN. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói: n° 34, 2008.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. São Paulo: Ed. Vozes, 2016.
- MYERS, G. Análise da Conversação e da Fala, In BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORIN, E. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, A.; NASCIMENTO, E. P. (Org.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001a
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, E. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E.; DÍAZ, C. J. D. **Reinventar a educação: abrir caminhos para a metamorfose da humanidade**. São Paulo: Palas Athena, 2016.
- MST. Construindo o caminho. São Paulo: MST, 1986.
- MST. Reforma Agrária: Por um Brasil sem latifúndio!. In: CONGRESSO NACIONAL – MST, 4., 2002. Brasília, 2000.
- ODUM, E et al. *Fundamentos de ecologia*. México: Interamericana, 2006.
- OLIVEIRA, R. C. *O Trabalho do Antropólogo*. Editora UNESP, 2ª ed., n. 37, p. 14–35, 2000.

ORZEKOVSKI, Nei. *Relações de Trabalho no Assentamento Contestado (PR): Contradições de Classe e Desafios analíticos*. 2014. Dissertação apresentada na Universidade Estadual Paulista.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.

PENA-VEGA, A. **O despertar ecológico**. São Paulo: Editora Garamond, 2003.

PORTO-GONÇALVES, W. **Seminário: Perspectivas de reorganização da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: Aduff/ Andes, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento em América**, IN Anuário Mariateguiano, Lima: Amauta, Vol IX, n. 9, 1997.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. *“BEM VIVER”: ENTRE O “DESENVOLVIMENTO” E A “DES/COLONIALIDADE” DO PODER*. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 37, n. 01, 2013.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Brasiliense, 2017.

SANTOS, B. S. *Refundación del Estado em América Latina – perspectivas desde uma epistemologia del Sur*, em ACOSTA, Alberto & MARTÍNEZ, Esperanza (orgs). Abya Yala. Quito, 2010.

SANTOS, B. (org). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, pp 25-102. 2002.

SANTOS, M. **O retorno do Território**. In: SANTOS, Milton *et al.* (Org.). *Território: Globalização e Fragmentação*. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998a. p. 15-20.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1998b.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora Edusp, 2004.

SCHEREN-WARREN, I. *Ações coletivas na sociedade contemporânea e o paradigma das redes*. In: **Sociedade e Estado**. Volume XIII, número I: EDUNB, pp. 55-70. 1998.

SEMERARO, G. **Libertação e Hegemonia: Realizar a América Latina pelos movimentos populares**. São Paulo: Ed. Ideias e Letras, 2009

SHIVA, V. **Guerras por água: privatização, poluição e lucro**. São Paulo: Radical (2006).

SHIVA, V.; SHROFF, R.; LOCKHART, C. **Seed freedom: a global citizens' report**. RS (Coordinators). India: Navdanya, October, 2012.

SILVA, J.G. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SILVA, A.; SANTOS, A.G.; BORSATO, A. Agroecologia e educação no campo: um sonho se tornando realidade na Escola Latino-Americana de Agroecologia. In: **Embrapa Pantanal-Artigo em anais de congresso (ALICE)**. SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL, 3.; ENCONTRO DE PRODUTORES AGROECOLÓGICOS DE MS, 2010, Corumbá, MS. Construindo um futuro sustentável: anais. Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste; Corumbá: Embrapa Pantanal; Campo Grande: Embrapa Gado de Corte, 2010.

SOUSA, J. N. D. **Busca Contínua**. Clube de Autores, 2016.

SOUZA, J. G. N. Yvy rupa:a concepção mbyá-guarani de território. 2017. Disponível em:https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/176763/Resumo_54166.pdf?sequence=1
Acesso: 17 de janeiro de 2019

TARDIN, J. M. Jornada de Agroecologia: camponesas e camponeses em movimento construindo o sustento da vida e a transformação da sociedade. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 4, n. 2, dec. 2009. ISSN 1980-9735. Disponível em:<<http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/772>>. Acesso em: 03 oct. 2018.

TIBALLI, E. F. A.; JORGE, L. E. **A Etnofotografia como meio de Conhecimento no Campo da Educação**. São Paulo: Habitus, v. 5, n. 1, p. 63–76, 19 ago. 2008.

TOLEDO, V. M. & GONZÁLEZ DE MOLINA, M. **El metabolismo social: las relaciones entre la sociedad y la naturaleza**. 2004. 23p. (Disponível em www.pronaf.gov.br).

TORTOSA, J. M. Cambios de época em la lógica del 'desarrollo', em **Revista Ecuador Debate** n. 84, CAAP. Quito: 2011.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**, Petrópolis (RJ): Vozes, 2003, 685 p.

VALADÃO, A. C. **Os núcleos de base do MST e a construção da cooperação agrícola: assentamento contestado-estado do Paraná. 2005**. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

WALSH, C. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. **Tabula Rasa**, núm. 9, julio-diciembre, 2008, p. 131-152. Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca. Bogotá, Colombia. Disponible em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=39600909>

WHEATLEY, M. J. Leadership and the New Science: Discovering Order in a Chaotic World. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2006, Third Edition, 218 p.

ZAFFARONI, E. R. La Pachamama y el humano. 2011. Disponible em: http://therightsofnature.org/wp-content/uploads/pdfs/Espanol/Zaffaroni_Pachamama_Humano_s.f..pdf. Acceso: 17 janeiro de 2019.

APÊNDICE 1 - PROTOCOLO DE APLICAÇÃO DA PESQUISA



Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ—SETOR LITORAL

Mestranda

Eliandra Francielli Bini Jaskiw

Orientadores

Luiz Fernando de Carli Lautert
Claudemira Vieira Gusmão Lopes
Helena Midori Kashiwagi

APRESENTAÇÃO

Este material é o produto da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais. Este programa integra várias Universidades Federais Brasileiras acerca das discussões ambientais e tem como objetivo contribuir na formação continuada dos profissionais da educação.

Enquanto Programa de Mestrado Profissional, sugere-se como etapa da formação, o desenvolvimento de um produto que colabore com a prática de outros profissionais que venham a ter interesse no tema.

Desta maneira, a mestranda e pesquisadora Eliandra, juntamente com os professores orientadores deste estudo, registraram os aportes e as práticas teórico-metodológicas desta investigação que se constituiu de maneira complexa.

A pesquisa completa objetivou identificar os Princípios do Bem Viver na Escola Latino-Americana de Agroecologia, a ELAA, à luz do Pensamento Complexo.

A ELAA está inserida no Assentamento do Contestado, pertencente ao MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e recebe estudantes de diversas regiões do Brasil e de vários países da América Latina.

Pensando na pluriculturalidade e nas bases norteadoras do MST, se levantou a hipótese de haver princípios da filosofia neste território.

O tema da presente investigação mostrou-se subjetivo e amplo. O princípio exigiu cuidado extremo tanto nas coletas de dados quanto nas vivências realizadas pela pesquisadora.

A metodologia desta investigação foi planejada, redesenhada e sofreu muitas adaptações. Os principais limites para que fossem necessárias tais adaptações de abordagens teórico-metodológicas foram o tempo, o momento histórico e político delicado e trulento para este movimento social, além da pluriculturalidade e do fato do tema ser tão abstrato e ao mesmo tempo tão concreto. Abstrato nas interpretações necessárias no plano das ideias e concreto nas práticas vividas e experienciadas.

Sendo assim, o material aqui apresentado tem o intuito de expor alguns resultados da pesquisa, bem como a conjugação de diferentes metodologias e como elas foram aplicadas, a fim de deixar um registro e uma sugestão para investigações de similar complexidade.

Além do mais, as questões da filosofia do Bem Viver que estão intrinsecamente ligadas com a Agroecologia e que foram encontradas no território pesquisado, dão visibilidade e destaque ao MST e às práticas agroecológicas a fim de resgatar a preocupação, a sensibilização e os cuidados com a Mãe Terra, valorizando as relações entre todos os seres vivos e não vivos.

Estatégias de Pesquisa para o Bem Viver

TERRITÓRIO DA PESQUISA

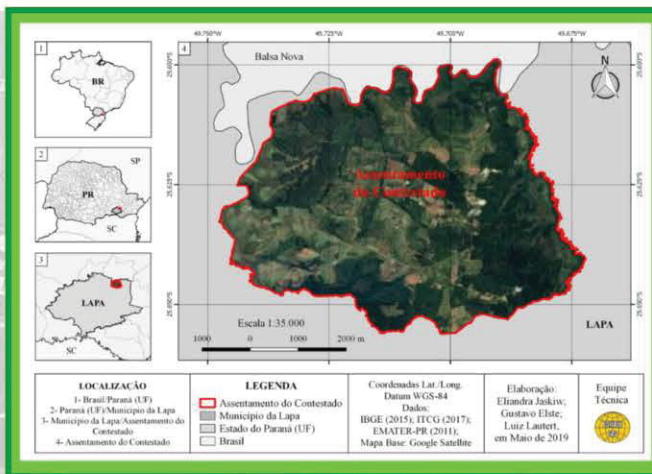
A Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) está inserida no Assentamento do Contestado (parte do MST), no município da Lapa, estado do Paraná - Brasil. Seus limites encontram-se totalmente inseridos na Área de Proteção Ambiental da Escarpa Devoniana.

Atualmente moram e trabalham no Assentamento 108 famílias assentadas, beneficiárias dos lotes oficiais, e aproximadamente 50 famílias agregadas. Todas estão organizadas em 10 Núcleos de Base (NBs) que formam a estrutura organizativa interna. Cada NB é formado por uma coordenadora e um coordenador que integram a direção política do Assentamento. O Assentamento conta ainda com a Cooperativa Terra Livre que organiza a comercialização de produtos agrícolas localmente e em comunidades e municípios próximos. (ORZEKOVSKI, 2013, p. 40).

A ELAA atende atualmente estudantes de movimentos sociais oriundos de vários países da América-Latina.

Fundada em 2005 pela necessidade de debater alternativas de produção a partir dos processos agroecológicos e da gestão democrática, da coletividade através dos seus núcleos de base.

Segundo a pedagoga Simone Rezende, a instituição propõe a defesa da segurança alimentar dos povos, das sementes, além de criar uma rede de intercâmbio entre os camponeses que integram os movimentos sociais na América Latina. O objetivo geral da ELAA, segundo Silva (2010) tem sido formar trabalhadores rurais militantes dos Movimentos Sociais do campo tecnológicos em agroecologia que contribuam na construção de um novo paradigma civilizatório para o campo latino-americano. Para que isso aconteça, procura-se investir em cultura e ciência; incentivar os estudantes a realizar a transformação da sua realidade social e produtiva dos processos envolvidos no contexto dos diferentes agroecossistemas da América Latina.



RECORTE PARA A INVESTIGAÇÃO

Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia com 45 alunos. Eles são oriundos dos movimentos sociais nos diferentes países da América Latina e estados do Brasil. Por isso, a amostragem desta pesquisa foi composta por sete integrantes com a finalidade de representação de tal heterogeneidade de culturas, etnias, línguas e saberes. Os estudantes da amostragem são das seguintes localidades: Mato Grosso (BR), Rondônia (BR), Rio Grande do Sul (BR), Paraná (BR), Chile, Bolívia e Argentina.

FILOSOFIA DO BEM VIVER

O Bem Viver é uma filosofia de vida com origem nas comunidades indígenas latino-americanas a favor da saúde da Mãe Terra, a *Pachamama*. Tal filosofia é interpretada por Keim (2012, p. 25) como “um grito com matriz ritualística de resistência e de enfrentamento à mentalidade colonialista e colonizadora”.

O Bem Viver, de Alberto Acosta (2011) é a obra que embasa esta pesquisa. Seu ponto de partida são as diferentes formas de ver a vida e sua relação com a *Pachamama*, e seu eixo aglutina a relacionalidade e a complementariedade entre todos os seres vivos – humanos e não humanos. Ela forja-se nos princípios de interculturalidade, com lógicas democráticas de enraizamento comunitário. (ACOSTA, 2011).

Acosta (2011) cita os pontos medulares de sua proposta filosófica. Primeiramente, os seres humanos não podem ser interpretados como uma ameaça ou como sujeitos a serem vendidos e derrotados. Assim como a Natureza também não pode ser vista somente como um conjunto de recursos a serem explorados indiscriminadamente.

Os argumentos construídos milenarmente, a partir da ancestralidade e da história oral, são característicos dos povos originários. Estes qualificam a vida como bem maior e a isso, Keim (2012) designa como a importância destes povos que enunciam argumentos para os desafios da atualidade. São estes os povos que fundamentam a filosofia do Bem Viver.

Acosta (2011) nos leva a compreender a Natureza como construção social, como conceito criado pelos humanos. Sendo assim, no Bem Viver, a Natureza deveria ser reinterpretada e revisada para não colocarmos em risco a nossa própria espécie. É preciso desfazer os princípios que tratam os recursos naturais como condição para o crescimento econômico ou ainda como objeto das políticas de desenvolvimento.

Keim (2012) entende o Bem Viver como uma “expressão amorosa de alerta ao mundo” que surge de um povo sofrido, explorado e segregado. Ele nos lembra que Paulo Freire já di-



Tela do artista Walde-Mar

zia que as alternativas de libertação viriam dos meios mais desumanizados e oprimidos. Isso porque quem tem o poder não tem interesse em mudar aquilo que coloca em risco suas vantagens e privilégios.

Apesar de existirem poucos textos no mundo indígena, por se tratar de uma cultura oral, existem compilações que recolhem as contribuições indígenas.

Os povos indígenas apresentam práticas, valores e experiências que demonstram a sua capacidade de resistência e enfrentamento ao colonialismo. Neste entendimento de que eles não são uma civilização “atrasada”, o Bem Viver surge numa perspectiva de compilação de práticas, valores e experiências que superam o tradicional conceito e cultura permeada pela dimensão espacial e temporal, possibilitando a Cosmovisão.

Uma das ideias mais fortes e que precisa ser compreendida à luz do pensamento complexo, é a de que o Bem Viver se apresenta como “uma trajetória democrática desde o início, construída *pela e para* a sociedade”. Entende-se que esta é a oportunidade para uma construção coletiva de uma nova forma de vida. Bem Viver significa “viver em aprendizado e convivência com a natureza”, reconhecendo que não estamos à parte dos demais seres vivos, e que, portanto, “quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos.” (ACOSTA, 2011, p. 14-15).

Os povos originários são dotados de uma sensibilidade para a Cosmovisão que nós, povos civilizados, acabamos não possuindo mais. Pelo menos não no mesmo nível que estes humanos resistentes, justamente porque esta Cosmovisão é passada de geração a geração. Keim (2012) caracteriza a dimensão da consciência que cada um possui sobre o fato de ser humano, como dimensão ontológica. Existem tantas concepções e dimensões desta ontologia, quanto a diversidade e a pluralidade do ser humano.

OS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER

Os princípios do Bem Viver são os fundamentos que deram suporte para este estudo em campo. Eles foram buscados, pesquisados e analisados na Escola Latino-americana de Agroecologia na compreensão do pensamento complexo. Segundo Acosta, o Bem Viver se ampara em seis princípios:

1. Compreender, na perspectiva da cosmovisão, as relações das populações humanas com a *Pachamama*: O Bem Viver busca compreender as populações, principalmente os povos originários e os movimentos de resistência aos ideais capitalistas, em sua relação com a *Pachamama*. Trata-se de um movimento intercultural, valorizando o plural, as diferentes formas de se relacionar entre todos os seres vivos do planeta.

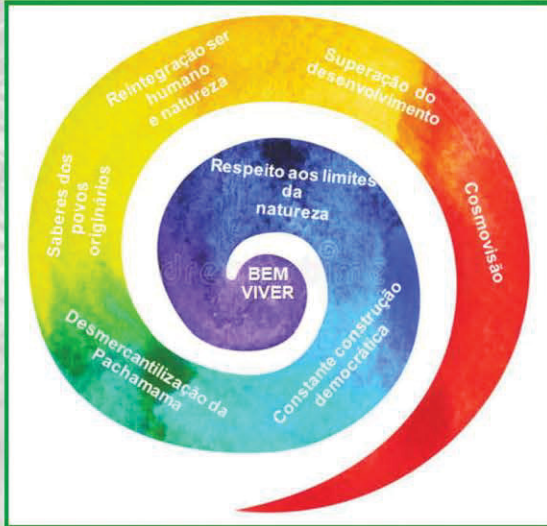
2. Compreender os seres humanos como seres da Natureza: Os humanos, nesta perspectiva, não são entendidos como uma ameaça e a Natureza não deve ser interpretada como bens exploráveis, infinitos e autorreguláveis.

3. Contestar o modelo atual de desenvolvimento e superá-lo: O Bem Viver faz duras críticas ao modelo de desenvolvimento atual, onde alguns poucos são beneficiados às custas da exploração de muitos. Por isso, sugere novas propostas de economia vislumbrando a melhor distribuição de renda. O princípio da desmercantilização da *Pachamama*.



Óleo sobre tela do artista Militão dos Santos

OS PRINCÍPIOS DO BEM VIVER



FONTE: a autora (2018)

4. Compreender e respeitar os limites da Natureza: Os limites da Natureza devem ser respeitados, na compreensão do termo *Pachamama*, ambiente do qual fazemos parte, somos integrantes e não apenas dominamos e exploramos indiscriminadamente.

5. Valorizar os saberes dos povos originários sem negar os avanços tecnológicos: A justiça social é possível, nesta perspectiva da valorização de toda forma de vida característica dos povos originários da América Latina. Outro princípio do Bem Viver fica esclarecido quando se entende que não é preciso negar os avanços da modernidade, como as tecnologias, mas

6. Bem Viver é uma filosofia em constante construção democrática, focada nos saberes e vivências de cada território: Como o Bem Viver é pluricultural e valoriza as diferentes formas de vida, voltando aos princípios nativos de relação com a *Pachamama*, ele deve ser construído. O Bem Viver não é uma filosofia de vida pronta e acabada. Da mesma forma não acontece igual em lugares diferentes. Esta filosofia é uma proposta de construção democrática, valorizando as características locais, principalmente a cosmovisão dos grupos sociais nativos pouco influenciados pela ideologia do desenvolvimento. A recuperação dos saberes ancestrais- suas experiências, práticas e lições- é o ponto vital desta proposta.

AGROECOLOGIA E AS APROXIMAÇÕES COM O BEM VIVER E O PENSAMENTO COMPLEXO

A filosofia do Bem Viver inclui muitos princípios, valores e práticas que se aproximam da Agroecologia. O fato de ambas as filosofias considerarem os saberes populares acerca das questões da Mãe Terra e trazerem tais conhecimentos para o meio acadêmico já é um fato de grande relevância.

Acosta (2011) acredita que a cultura local deve ser considerada para que o Bem Viver seja moldado de acordo com cada realidade, sem um modelo pré-definido, mas dentro dos princípios e das harmonias descritas e estudadas nesta pesquisa. O que Guzmán (2001), define na agroecologia como os elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, convergem com esta ideia de valorização dos saberes locais para que, através deles, estratégias de desenvolvimento sejam definidas a partir da própria identidade local do etnoecossistema concreto em que se inserem.

Guzmán (2001) explica que a Agroecologia propõe métodos de desenvolvimento endógeno para o manejo ecológico dos recursos naturais, ou seja, necessita utilizar os elementos de resistência específicos de cada identidade local. O Bem Viver estabelece três harmonias necessárias para se instale “uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte”, segundo Acosta (2011): harmonia do indivíduo com ele mesmo; harmonia entre o indivíduo e a sociedade e harmonia entre a sociedade e o planeta. Tais harmonias indicam o conhecimento sobre o território em que estão inseridos, sobre a sociedade a qual pertencem, sobre as relações que ali acontecem e a identidade e pertencimento ao território. Estas harmonias são, então, convergentes com o que a Agroecologia denomina de elementos de resistência.

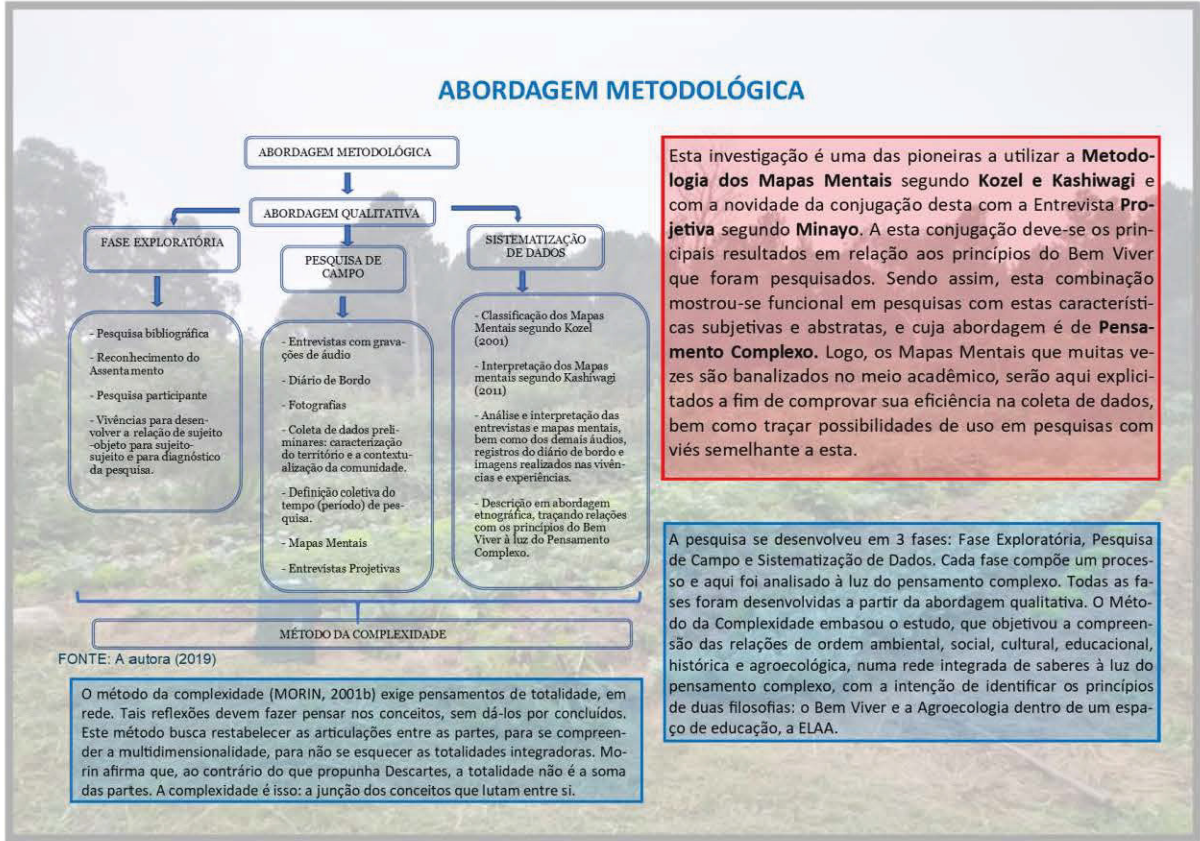
Ambas as propostas, Agroecologia e Bem Viver, propõem potencializar a ação social coletiva por acreditar em seu potencial endógeno transformador. Quando se trata do Bem Viver não possui um modelo pré-definido, bem como a Agroecologia, leia-se que não se propõe levar soluções prontas para a comunidade. Antes disso, detecta-se as soluções possíveis localmente e “acompanha-se” e anima-se os processos de transformação existentes em uma dinâmica participativa.

A Agroecologia, enquanto matriz disciplinar, identifica-se no campo do “pensar complexo”, segundo Morin (1999). O paradigma da simplificação, cartesiano ou reducionista não é capaz de abranger todas as abordagens que a Agroecologia exige, reconhecendo que “nas relações do homem com outros homens e destes com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático”. (CAPORAL, 2009).

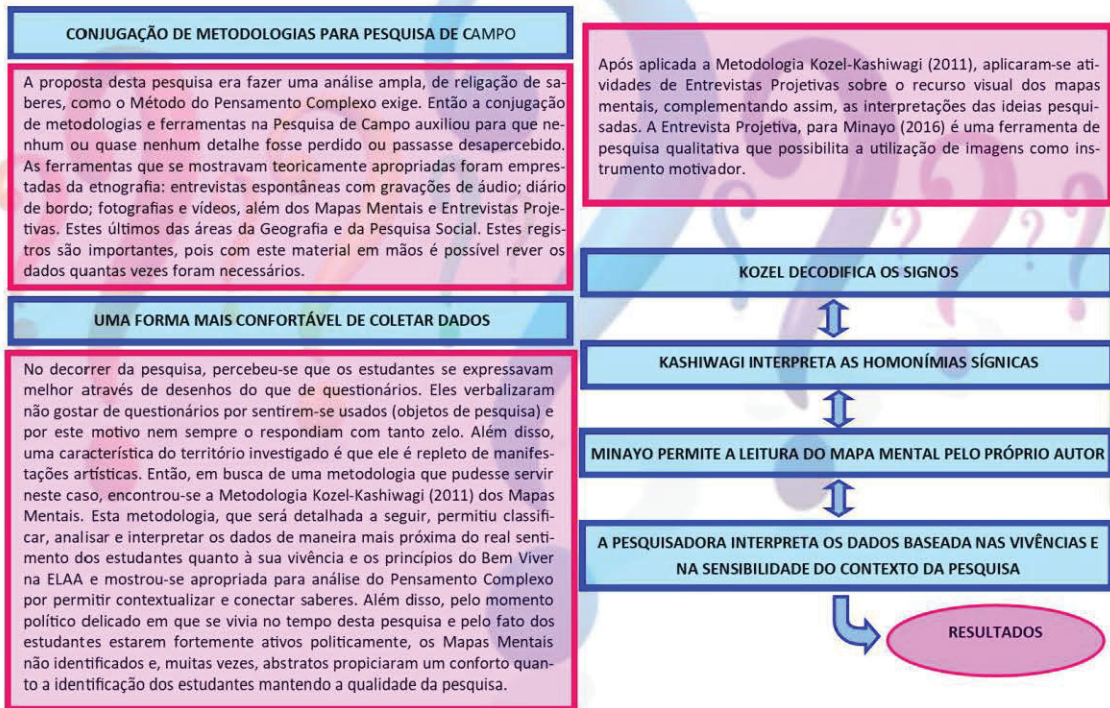
A Agroecologia surge como uma ciência desafiadora pela necessidade de integrar os saberes técnico-científicos com os saberes populares. Segundo Gliessman (2005) agroecologia se define como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis. São estas bases epistemológicas que permitem que esta ciência escape “das armadilhas do paradigma convencional, reducionista e cartesiano da disjunção que separa o homem da natureza” em busca da compreensão do todo a partir do estudo das partes. Esta ciência exige um enfoque holístico, uma abordagem sistêmica, do pensamento complexo. (CAPORAL, 2009)

Nesta abordagem do pensamento complexo evidenciado neste estudo, serão valorizados os saberes tradicionais e sua cosmovisão relacionados com os conhecimentos das disciplinas científicas.

ABORDAGEM METODOLÓGICA



MAPA MENTAL: POR QUÊ E PARA QUÊ?



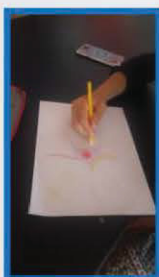
PROCEDIMENTOS DA CONJUGAÇÃO DE METODOLOGIAS

Na primeira fase da pesquisa, a Fase Exploratória, foi examinado o contexto sócio- histórico- ambiental da comunidade pesquisada. Neste momento estabeleceram-se relações interpessoais importantes, pois os sentimentos são levados em conta numa perspectiva de Pesquisa Participante. Em todos os momentos as ferramentas etnográficas de coleta e registro dos dados se fizeram presentes.

A segunda fase, da Pesquisa de Campo, aconteceram coletas e registros durante as vivências no território. Fizeram parte desse processo os Mapas Mentais e as Entrevistas Projetivas, que se destacaram por fornecerem os dados mais concretos para as interpretações dos Princípios do Bem Viver à luz do Pensamento Complexo, um tema tão subjetivo e abstrato.

MAPAS MENTAIS PASSO A PASSO

1. Defina uma amostragem do seu Universo Total para aplicar os Mapas Mentais.



2. Aplique a metodologia com uma pessoa de cada vez.



MAPAS MENTAIS PASSO A PASSO

3. A produção dos Mapas Mentais requer algum tempo, então selecione momentos adequados e locais tranquilos e sem poluição sonora.

4. Proceda com uma entrevista voluntária individual e levante dados como nome, idade, origem e outras informações pertinentes.

5. Forneça os materiais para a produção do Mapa Mental: papel, lápis de cor, lápis, borracha, apontador, prancheta de apoio e o que mais desejar.

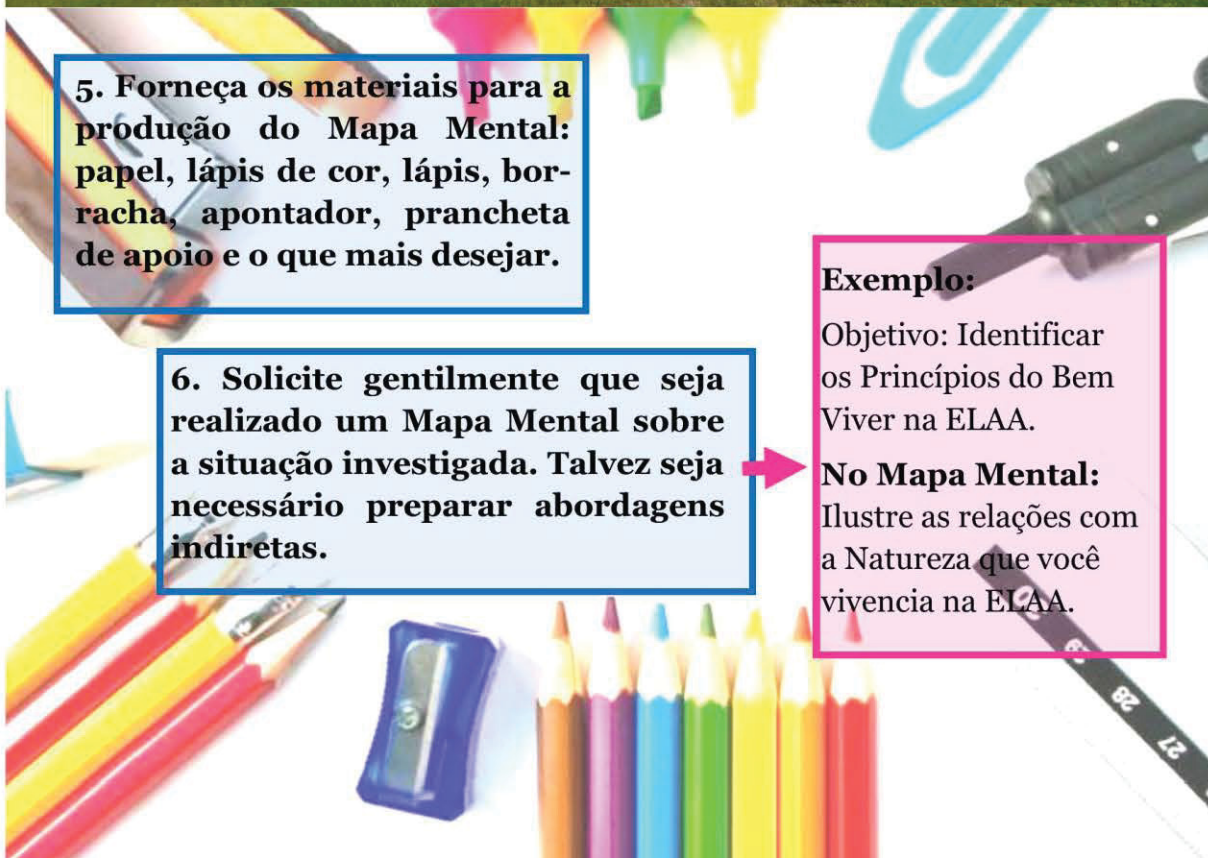
6. Solicite gentilmente que seja realizado um Mapa Mental sobre a situação investigada. Talvez seja necessário preparar abordagens indiretas.

Exemplo:

Objetivo: Identificar os Princípios do Bem Viver na ELAA.

No Mapa Mental:

Ilustre as relações com a Natureza que você vivencia na ELAA.





8. Com o Mapa Mental finalizado, solicite que o pesquisado relate, explique sobre o que está representado. Certifique-se de ter um instrumento para filmar a fala e o desenho ao mesmo tempo. As expressões corporais, os elementos da imagem, as palavras escritas e faladas serão informações muito ricas.

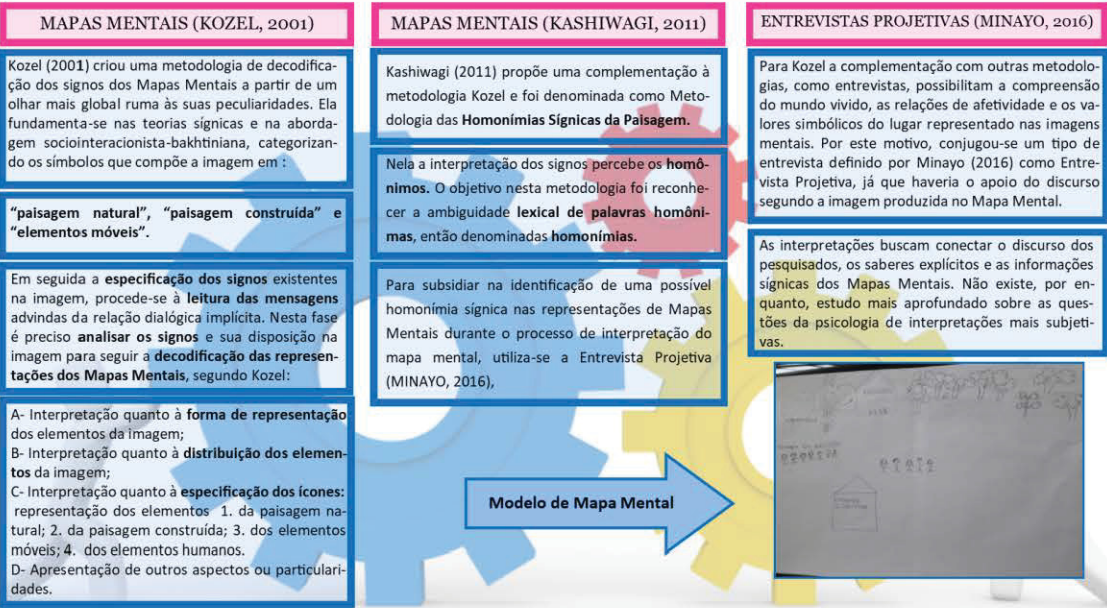
7. Estabeleça um tempo para produção do Mapa Mental. Se possível, deixe tempo livre para melhores resultados, pois o pesquisado não se sentirá pressionado e refletirá melhor a sua resposta.



ATENÇÃO: os vídeos servem como material de apoio de fácil acesso ao pesquisador para que se possa obter as informações sempre que necessário. **Cuidado com autorizações do uso de imagem ao utilizá-los para os demais fins.**

SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS NA CONJUGAÇÃO DE METODOLOGIAS

Os Mapas Mentais na perspectiva simbólica redimensionam o olhar e a compreensão destes devem considerar os processos cognitivos advindos da percepção, bem como vislumbrar o ser humano na sua interação com o mundo vivido, valorizando singularidades e peculiaridades, aquele que transforma o espaço em lugar. (KOZEL, 2018). Nesta perspectiva devem seguir as interpretações dos Mapas Mentais.



CONCLUSÕES

Os métodos positivistas de investigação seriam inconsistentes para tamanha complexidade apresentada nesta investigação e haveria de se buscar estratégias para levantar os dados cientificamente. Então, o desafio foi metodológico. A consistência nos dados que eram vivenciados precisava ser sólida o bastante para ter validade na academia.

Desta forma construiu-se uma conjugação de metodologias, a dos Mapas Mentais somada as Entrevistas Projetivas, sustentada pelo método do Pensamento Complexo. Tudo isso embasou a investigação da existência dos Princípios do Bem Viver, como descrito da obra de Acosta (2011), na Escola Latino-Americana de Agroecologia, no Assentamento do Contestado, na Lapa- PR- Brasil.

A reconhecida metodologia Kozel (2001), complementada pelas interpretações de Kashiwagi (2011) por seu viés interdisciplinar na visão da Geografia Humanista-Cultural permitiu a investigação dos intentos deste estudo.

Os mapas mentais representaram muito mais que desenhos. A compreensão do cotidiano, com esta ferramenta de registro das ideias, permitiu interpretar o mundo vivido e os saberes envolvidos.

As vivências mostravam uma complexidade de problemáticas na área de estudo, o que levou esta pesquisa a ir gradualmente tornando-se mais complexa. Inicialmente o projeto não contava com os aportes da agroecologia, nem com do pensamento complexo. Tão pouco contava com as metodologias dos mapas mentais. Tudo foi redesenhado e repensado conforme a investigação acontecia e as necessidades teóricas surgiam.

Os enfrentamentos desta pesquisa foram muitos. Quanto aos aportes teóricos- metodológicos houveram dois pontos principais: a confusão de Bem Viver com os princípios capitalistas de Viver Bem como acúmulo de capital; e a ridicularização do uso de mapas mentais em investigação científica. Quanto à prática foram muitos, com destaque para os momentos políticos truculentos, enfrentamentos de desconfiança da comunidade e o fator tempo que possui tantas interpretações diferentes.

A solução para os aportes teóricos- metodológicos foi gerar argumentos ao longo do texto. Pesquisas com estas características que gerem resultados subjetivos devem ser solidificadas usufruindo “o poder da interdisciplinaridade consolidando um método de investigação” (KASHIWAGI, 2011). Quanto à prática, o fator tempo pôde ser analisado em sua forma descolonizada. O tempo desacelerado. O tempo natural. O tempo de repensar muitas práticas cotidianas.

Afirmou-se positivamente a hipótese levantada inicialmente de que estes princípios existiam naquele território. Como o Bem Viver não é uma filosofia pronta e acabada, estes estão em constante construção coletiva e democrática. Existem conflitos, porém estes não eram o foco da investigação.

O Bem Viver aplicado em um território de educação mostra que é possível construir modelos educacionais a favor da emancipação

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

JASKIW, E. F. B. **Em Dissertação: O Bem Viver na Escola Latino- Americana de Agroecologia.** Matinhos, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós- Graduação Profissional em Rede Nacional para o Ensino de Ciências Ambientais, 2019.

KASHIWAGI, H. M. **Em tese: Representações da Paisagem no Parque Nacional de Superagui:** a homonímia signica da paisagem em áreas preservadas. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pósgraduação em Geografia, 2011.

KEIM, E. J.; SANTOS, R. F. **Educação e Sociedade Pós-Colonial:** Linguagem, Ancestralidade e o Bem Viver. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico:** Curitiba, a “capital ecológica”. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KOZEL, S. **Mapas Mentais: Dialogismo e Representações.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Acervo da pesquisadora

Imagens disponíveis na Rede:

otecourcotejardin.blogspot.com.br

<https://www.artmajeur.com/pt/berenic-bere/artworks/7434214/arvore-de-uasquem-lenda-indigena-acrilica-sobre-tela>

https://br.freepik.com/icones-gratis/ponto-de-interrogacao_731610.htm

https://br.freepik.com/fotos-gratis/garota-de-oculos-pensando-e-olhando-para-cima_2231492.htm

<https://pt.quizur.com/quiz/descubra-qual-o-seu-estilo-de-material-escolar-43ui>

<http://b2midia.com.br/nos-nao-temos-todo-tempo-mundo/>

<https://ijnet.org/pt-br/story/cinco-passos-para-filmar-uma-entrevista-perfeita>

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, porque a Ele devo o dom da Vida e da sabedoria que vai além do conhecimento.

A minha amada família, pelo apoio e parceria nas lutas de cada novo amanhecer.

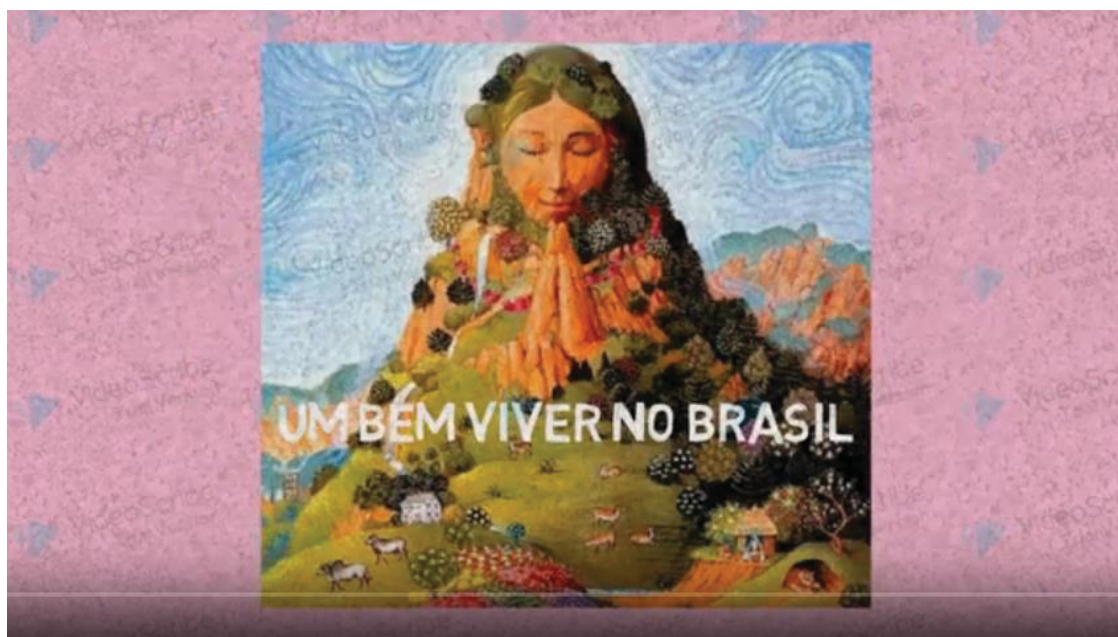
Aos amigos e colegas pela caminhada juntos. Alguns passam, outros permanecem, mas todos deixam suas marcas.

Aos professores do PROFCIAMB pelo compartilhamento de saberes, leituras e tempo de suas vidas. Os sentimentos envolvidos são proporcionais à metamorfose do ser pela qual passei neste tempo.

À Érika, peça fundamental no PROFCIAMB, por toda ajuda, parceria e informação.

Gratidão sempre!!!

APÊNDICE 2 – VÍDEO “O BEM VIVER NO BRASIL”



Disponível no YouTube

Pesquise como: O Bem Viver no Brasil

Ou pelo endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=VydriAsPh58&t=134s>

